



Soldados ucranianos tentam resgatar homem ao lado de parentes mortos. *Agency Bilduma / JNYT*

Bolsonaro e agro determinam acenos do Brasil à Rússia

Planalto, que criticou fornecimento de armas à Ucrânia e sanções, teme por impacto na importação de fertilizantes

Declarações simpáticas a Vladimir Putin por parte do presidente Jair Bolsonaro (PL) e pressões do agromercado foram determinantes para que o Itamaraty incluisse acenos à Rússia em manifestações nas Nações Unidas sobre a guerra.

O governo endossou resoluções na ONU que condenam a invasão, mas reforçou argumentos defendidos pela gestão de Putin.

As posições do Itamaraty têm sido definidas no mais alto nível e passado pelo crivo do Planalto. Em alguns casos, o ministro da Defesa, Braga Netto, também é chamado a opinar.

O receio de governos contrários a Putin é o de que as referências pró-Moscou sejam um prenúncio de mudança nos votos do país, hoje membro do Conselho de Segurança da ONU.

O Brasil criticou os pilares da estratégia de resposta ao ataque russo (fornecimento de armas à Ucrânia e sanções econômicas).

O governo federal teme ser prejudicado no fornecimento de fertilizantes russos, essenciais para o agromercado brasileiro. Durante 2021, a Rússia respondeu por 22% do total desses insumos comprados por produtores rurais. *Mundo A10*

Caça russo é abatido; cessar-fogo volta a ser desrespeitado

Um avião caça-bombardeiro tático Sukhoi Su-34, estrela do arsenal russo, foi abatido ao norte de Kiev no fim de semana — o que indica que a guerra aérea na Ucrânia está entrando em nova fase, mais intensa como aventou Vladimir Putin.

Rússia e Ucrânia completaram 11 dias de guerra sem sinal de arrefecimento e com mortes de civis em alta.

O cessar-fogo prometido para permitir a saída de refugiados falhou pelo segundo dia, com civis ucranianos mortos nas cercanias da capital. No sábado, um negociador ucraniano que vinha se reunindo com a delegação russa na Belarus foi morto — o que, questiona-se, pode ter ocorrido ao ser preso sob acusação de trair seu governo. *Mundo A10 e A11*

Marcos Vasconcellos

Risco de falta de fertilizantes e uma onda na Bolsa

Ameaça de queda na oferta russa gerou alta nas ações da Heringer, de fertilizantes, que depende de insumos importados. Mais do que apostar em previsões de oferta e demanda, investir exige compreender se há espaço para crescimento. *Mercado A19*
Para a escrever às segundas

Moscou perde força na guerra de desinformação

Antes considerada imbatível, a propaganda da Rússia não vem resistindo ao ativismo digital dos ucranianos e de seu presidente, Volodimir Zelenski, e à operação de desmascaramento preventivo empreendida por EUA e União Europeia para detectar mentiras. *Mundo A11*

OPINIÃO

Maxim Osipov
O papel do meu país em um conflito fratricida

Participei da manifestação contra a guerra em nossa pequena Tarusa, com uma placa que dizia: "Calm, onde está Abel?" Esta guerra deve ser chamada pelo que é: fratricida. *Mundo A13*
É escritor e cardiologista russo

ENTREVISTA DA 2ª

Tainah Pereira

Eleição de mulher negra não beneficia só negras

A coordenadora do Movimento Mulheres Negras Decidem, Tainah Pereira, 28, afirma que falta de acesso a recursos é principal dificuldade encontrada pelo maior grupo demográfico do país para superar a sub-representação na política. Negras são 18% da população e ocupam apenas 2% das cadeiras do Congresso Nacional. *A14*

Venda de munição para colecionador, atirador e caçador dobra em 2021

Coridiano B1

Renda com lucros e dividendos aumenta durante a pandemia

Isentos de imposto, recursos atingem R\$ 384 bi em 2020, valor 7% maior que o registrado em 2019. De cada R\$ 100 declarados, R\$ 70 estavam com o 1% mais rico. *Mercado A15*

Só fechamento do espaço aéreo pode salvar Odessa, diz prefeito

No sábado (5), o conselho de Odessa convocou reunião, relata André Liohn. A poucos quilômetros, no mar Negro, a frota russa aguarda uma ordem para atacar. *Mundo A12*

Esporte B4

Morte no futebol

Confronto de torcedores de Atlético e Cruzeiro deixa um morto, em Belo Horizonte, antes da partida entre as duas equipes.

Ilustrada C1

HQs nacionais vão além da Mônica e vivem boom

semináriosfolha

WEBINAR

Mulheres no mercado de trabalho

As dificuldades e a importância da mulher brasileira como força de trabalho

AMANHÃ
15h às 17h30

Assista ao vivo em
folha.com/
mulheresnomercado

Saiba mais na página A7

Sem Arthur do Val, Moro perde o palanque em SP

A saída de Arthur do Val da disputa pelo governo de SP após ter áudios sexistas expostos tirou de Sérgio Moro seu maior palanque regional. Seu partido, o Podemos, deve agora se alinhar ao tucano Rodrigo Garcia no estado. *Política A4*

EDITORIAIS A2

Desafio americano

Sobre atuação dos EUA ante a guerra na Ucrânia.

Contra o tempo

A respeito de Eletrobras e programa de privatização.

opinião

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Briço
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartzman,
Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Lúcia Helena Trajano,
Patrícia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos,
Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila (secretário)
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA-EXECUTIVA Paulo Narcélio Simões Amaral
(financeiro, planejamento e novos negócios), Marcelo Benez (comercial)
e Anderson Demian (nervado leitor e estratégias digitais)

EDITORIAIS

Desafio americano

Guerra na Ucrânia exige dos EUA mais diplomacia e novos meios de cooperação com aliados

O presidente dos Estados Unidos, Joseph Biden, fez o que pôde para transmitir determinação e autoconfiança ao tratar da guerra na Ucrânia em seu discurso anual no Congresso, na última terça (1º).

O líder americano disse que o presidente da Rússia, Vladimir Putin, subestimou a capacidade do Ocidente de reagir à sua inaceitável agressão e por isso agora se encontra isolado diante da comunidade internacional.

Biden celebrou a frente única articulada com seus aliados na Europa para aplicar as duras sanções econômicas impostas à Rússia, que bloquearam o acesso do país ao sistema financeiro global e já lhe causam danos severos.

Por fim, sugeriu que o isolamento de Putin só tende a aumentar. "Na batalha entre a democracia e as autocracias, as democracias se levantaram e o mundo está claramente escolhendo o lado da paz e da segurança", discursou.

A realidade, no entanto, parece mais incômoda do que Biden sugere. A invasão da Ucrânia, um país independente governado por um presidente eleito democraticamente nas franjas da Europa, representa uma contestação veemente à influência que os EUA e seus aliados buscam exercer no mundo.

A capacidade do autocrata russo de resistir à avalanche de sanções ainda está sendo testada, mas não há como duvidar da determinação de quem não hesita diante das normas do direito internacional e autoriza os tanques a disparar

até contra instalações nucleares.

A crise chegou à mesa de Biden num momento de fragilidade, em que ele parece pouco propenso a correr riscos. Sua agenda doméstica encontra oposição até em seu partido, sua popularidade está em queda, e a maioria que detém no Congresso estará em jogo nas eleições legislativas de novembro.

Biden prometeu defender os vizinhos da Rússia que são membros da União Europeia e ofereceu assistência militar e socorro financeiro aos ucranianos, que querem entrar no bloco, mas já deixou claro que não tem intenção de mandar soldados americanos ao combate.

Os fiascos no Iraque e no Afeganistão, onde os EUA não deixaram de exibir truculência, são uma lembrança recente. Os norte-americanos, corretamente, não se mostram dispostos a financiar outra aventura militar no exterior — ainda mais diante das enormes incertezas de um confronto com outra potência nuclear.

Um prolongamento do conflito trará novos desafios, da necessidade de acolhimento de centenas de milhares de refugiados à busca por maior integração dos países da região com a economia global.

Se Putin é um adversário a ser enfrentado como parte de uma disputa global entre democracias liberais e autocracias emergentes, como Biden sugere, os Estados Unidos terão de abandonar a onipotência de outros tempos e encontrar novos meios de cooperação com seus aliados para prevalecer.

Contra o tempo

Venda da Eletrobras, mesmo falha, atenuaria frustrações com o programa de privatização

A privatização da Eletrobras avançou. Diferentes órgãos públicos protocolaram nos últimos dias documentos com informações solicitadas pelo Tribunal de Contas da União. Os ministros da corte farão nova reunião, até o início de abril, para definir detalhes finais do processo, como o preço mínimo da ação da companhia.

Não há garantias, porém, de que os procedimentos burocráticos serão concluídos a tempo, ainda no primeiro semestre, antes de a campanha eleitoral colocar sob risco a janela de oportunidade.

A transferência da Eletrobras para a iniciativa privada deve ocorrer por meio da venda de papéis em Bolsa, o que reduzirá a participação da União de 72% para 45%. Ainda que a operação, estimada em R\$ 25 bilhões, seja bem-sucedida, permanecerão dúvidas em torno do futuro do setor.

A estatal de energia detém um terço da geração e 44% das linhas de transmissão do país. Segunda colocada nesse ranking, a Engie tem 6% do mercado. A oferta de ações acaba com o controle do Estado, mas preserva o gigantismo.

Não houve o devido debate em

tomo da modernização do arcabouço legal e tributário, visando o interesse de consumidores residenciais e empresariais.

Deputados e senadores agravaram o quadro ao incluir no processo compromissos que atendem a interesses políticos — e geram despesas de longo prazo acima de R\$ 100 bilhões para a empresa privada que ainda nem nasceu.

Mesmo falha, a privatização da Eletrobras será um felto importante numa agenda que claudica no governo Jair Bolsonaro (PL).

Com liquidações, alienações e incorporações, o total de estatais federais passou de 209, no final de 2018, para ainda muito elevados 158 no terceiro trimestre do ano passado. Não foram vendidas empresas sob controle direto do Tesouro Nacional, que hoje são 46 — a queda do número se deu entre subsidiárias das companhias existentes.

O Ministério da Economia semeou expectativas irrealistas, e o Planalto não mostrou disposição nem capacidade política para um programa ambicioso. Resta a esperança de que a Eletrobras, privatizada, dê o ser veículo de clientelismo e projetos antieconômicos.

Banca do Antfer
Telegram: <https://t.me/bancaantfer>
Issuub: <https://issuub.com/user/book/1712>
Issuub: <https://issuub.com/user/book/41484>



Defender liberdade com censura?

Lygia Maria

Como forma de retaliação à invasão da Ucrânia, a cultura russa está sendo cancelada. Festivais de cinema na Europa, como o de Glasgow e o de Estocolmo, baniram filmes russos que receberam financiamento estatal. O teatro The Helix, em Dublin, cancelou um espetáculo da Companhia Real de Balé de Moscou, enquanto a Royal Opera House, em Londres, cancelou a temporada do Balé Bolshoi. Já na Itália, Dostoiévski, morto em 1881, sofreu ataques: uma universidade em Milão chegou a cancelar um curso sobre o escritor russo, mas, com a repercussão negativa, voltou atrás, e, em Florença, cidadãos pediram a derrubada de uma estátua em homenagem a ele.

Assim, democracias liberais agem a partir do mesmo fundamento que criticam. Como combater um governo autoritário a partir de censura? Lembra a contradição do macarthismo, quando o EUA, se arvorando a defensor mundial da liberdade, perseguiu artistas que seriam comunistas. Ou seja, não faz sentido algum defender a tolerância e a liberdade

fomentando preconceito e censura.

Em segundo lugar, temos o caso do cancelamento de artistas que não se posicionaram explicitamente contra Putin (como o maestro Valery Gergiev e a soprano Anna Netrebko). Ora, é muita ingenuidade não considerar que, justamente por Rússia ter um governo autoritário, o posicionamento de artistas russos pode gerar represálias aos familiares desses artistas. No conforto da democracia liberal, talvez muitos estejam ignorando como é viver sob o autoritarismo.

Por último, devemos considerar a importância da separação entre a arte do artista e seu posicionamento político pessoal. O valor de uma obra de arte está contido nela mesma, não em quem a produziu. Mesmo considerando que, em período de guerra, tendemos à passionalidade, manter essa separação em mente é importante para que não se abra precedente. Afinal, governos mudam, perspectivas ideológicas também, e nunca se sabe quem terá o poder de decidir qual é a perspectiva do mal. Pode ser a nossa.

Todo sangue é vermelho

Ana Cristina Rosa

A guerra da Rússia contra a Ucrânia expôs o eurocentrismo vigente. Há conflitos armados em quase 30 países. Populações na Síria, no Afeganistão, na Nigéria, em Mianmar, no Congo, no Iraque, na Somália, no Paquistão... vivem em clima de constante instabilidade, rodeadas pelo medo, pela destruição e pela morte.

No Iêmen, onde segundo a ONU está instalada a mais grave crise humanitária do planeta, mais de 10 mil crianças foram mortas ou mutiladas num conflito que se arrasta há sete anos.

Ainda assim, nunca se viu tamanho comóção ou mobilização como a causada pela "operação militar especial" na Ucrânia, uma guerra que conta com transmissão simultânea e já levou mais de um milhão de pessoas a cruzar fronteiras.

Me solidarizo com os ucranianos. A essa altura da civilização, povo algum deveria enfrentar a barbárie da guerra, que jamais será justa sob a ótica humanitária. Porém a humanidade demonstra sua dificuldade de aprender com os próprios erros.

Mas a Europa respondeu ao sofrimento e ao exodo dos ucranianos de maneira muito distinta: ou "com dignidade humana", como definiu o jornal espanhol El País, "A União Europeia tem agora a oportunidade de corrigir os erros cometidos na crise dos refugiados de 2015 (...) uma vez que não foram aplicadas as normas vigentes e não foi possível chegar a acordo sobre um novo sistema comum de asilo", dizia trecho de editorial da semana passada.

Os refugiados da vez não precisam vagar por praças ou ruas de países estrangeiros como ocorreu com os sírios. Felizmente estão sendo acolhidos por Estados vizinhos e seus cidadãos. A questão é por quê?

A mudança de atitude seguramente foi motivada pelo identitarismo entre demandantes e demandados, num evidente contraste com a xenofobia e o racismo verificados antes em casos similares e na decisão de dificultar a ultrapassagem de fronteiras por negros atualmente. Embora nem todos os olhos sejam azuis, todo sangue é vermelho.

Músicas de cortar os pulsos

Ruy Castro

Supõe-se que, quando morre um artista, devemos nos referir a ele de maneira sóbria, respeitosa. Mas, ao saber há dias da morte de Gary Brooker, líder do antigo grupo Procol Harum, uma veterana das festas de apartamento dos anos 60 comentou: "Em 1967, eles estouraram com 'A Whiter Shade of Pale', que durava uns cinco minutos. Assim que alguém botava o disco e vinha aquela voz cantando 'We skipped the light fandango...', corríamos em massa para o banheiro, a fim de ejacular os rilos ou desarmassar a minissaia. Imagine ser tirada para dançar por um rapaz de quem não se estava a fim e ter de aturar o pelo tempo daquela música chatíssima e interminável".

No Rio, essas festas eram chamadas de "arrasta", por serem arrastapés, festas para dançar, e porque se arrastavam os móveis para aumentar a sala. Tomava-se cuba libre, que era rum com Coca-Cola, e hi-fi, vodka com Crush — no dia seguinte, Melhorál. A música era à base de discos, e o repertório, a cargo de todo

mundo. E, segundo minha amiga, "A Whiter Shade of Pale" não era a única chatice.

"De cortar os pulsos era 'The House of the Rising Sun', um disco de 1964 do The Animals", disse ela. "Como chegou até 1967 não sei. Também levava cinco minutos, e o cara cantava como se o microfone fosse surdo. Mas nada era pior do que 'Like a Rolling Stone', de, com todo o respeito, Bob Dylan. Linha melódica repetitiva, a ideia idem, aquela voz pelo nariz, aquela gaitinha — e por sete minutos. Imagine dançar aquilo com um rapaz de mau hálito!".

Minha informante, como se vê, não queria deixar para 1968 suas certezas de 1967. Mas talvez seja um pouco suspeita — naquela época, ela só queria saber dos Beatles.

Quanto a mim, também garoto, mas que não gostava de dançar, preferia festas mais adultas, em que tomava uísque e discutia o Vietnã com alguma mulher deslumbrante, geralmente dez anos mais velha do que eu. Ao som de Thelonicus Monk.

‘Rússia americana’

Marcus André Melo

Professor da Universidade Federal de Pernambuco e ex-professor visitante da Universidade Yale. Escreve às segundas

Gilberto Freyre emergiu traços da Rússia entre nós quando se referiu ao Brasil como "essa Rússia Americana", em "Casa-Grande & Senzala" (1933), e mesmo antes. O foco de sua análise são as relações de sadismo e gosto pelo mando resultantes da escravidão e que perpassavam a vida brasileira, da esfera sexual à política, irradiando-se "no gosto de mando violento ou perverso que explodia no senhor de engenho ou no filho bacharel quando no exercício de posição elevada, política ou de administração pública".

E acrescentava "gosto que se encontra brutalizado em rude autoritarismo num Floriano Peixoto". E conclui que o mandonismo tem sempre encontrado vítimas em quem exercer-se com "requintes bárbicos, debatido até nostalgias logo transformadas em cultos cívicos, como o do Marechal de Ferro".

Em relação à psicologia política argumentou que "o que o grosso do que se pode chamar 'povo brasileiro' ainda goza é a pressão sobre ele de um governo másculo e corajosamente autocrático" (como não lembrar de Putin?). A análise aqui é descritiva, não normativa; Freyre vaticinou o homem forte que viria a inflamar a imaginação política no país sob a ditadura do Estado Novo e sob a democracia populista.

Na "Rússia americana", conclui "as expressões de misticismo revolucionário, de messianismo, de identificação do redentor com a massa a redimir pelo sacrifício de vida ou de liberdade pessoal" se vê "menos a vontade de reformar ou corrigir vícios de organização política ou o puro gosto de ser vítima ou sacrificar-se". Populismo, messianismo, victimismo. Sim não é à toa que a Rússia é o berço dos Narodniks (populistas), que inclusive deram origem à expressão populismo.

Rússia e Brasil eram monarquias com territórios continentais tendo em comum as chagas da escravidão e da servidão prolongadas. Mas o Brasil tinha liberdade de expressão e um monarca "orgulhoso de sua tolerância" em relação à oposição, como afirmou Joaquim Nabuco.

A divergência radical de trajetória acentuou-se com a Revolução de 1917, e o totalitarismo resultante. Enquanto isso, a República Velha foi regime semicompetitivo. Tivemos as ditaduras de Vargas e a Militar, mas, na República de 46, um regime multipartidário competitivo surgiu e superou crises. Desde 1988, o regime assistiu a três alternâncias de poder; na Rússia, não houve uma sequer alternância pacífica e competitiva.

Os traços essenciais do populismo nunca nos abandonaram: narrativas contrapondo elites corrompidas e povo virtuosos; e líder como expressão direta deste último, sem intermediários como partidos ou sem estar limitados por instituições de controle ou separação de poderes.

Sim, no momento, uma Rússia palpita entre nós.

TENDÊNCIAS/DEBATES

folha.com/tendencias | tendencias@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com essa natureza não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular a debate dos problemas locais, regionais e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

Políticas alimentares permanentes

Falta estratégia de Estado robusta para ampliar acesso a alimentos saudáveis

Gustavo Porpino e João Flavio Veloso

Pesquisador, doutor em administração (FGV-Eaesp) e ex-pesquisador visitante da Universidade Cornell (EUA)
Pesquisador e doutor pela USP/Esalq com pós-doutorado pela UMR Innovation (França)

A pandemia de Covid-19 nos ensinou, ou deveria ter ensinado, a valorizar a cidadania e a solidariedade. As cenas das pessoas revirando latas de lixo em busca de comida ou fazendo fila para comprar ossos não podem ser moralmente aceitáveis em país com agronegócio pujante e capaz de exportar US\$ 120 bilhões por ano.

O aparente paradoxo esconde algumas tristes realidades. Produzimos e exportamos cada vez mais grãos e carnes, mas nos falta uma estratégia de Estado robusta para ampliar o acesso a alimentos saudáveis —e ainda tateamos um caminho para reduzir perdas e desperdício do campo à mesa.

Políticas públicas alimentares são essenciais para atenuar os “trade-offs” provocados pela nossa capacidade de exportar cada vez mais alimentos. Certamente as exportações são importantes por gerar superávit na balança comercial e fortalecer a nossa economia. A questão não é retirar importância do agronegócio exportador, mas implementarmos também estratégias capazes de apoiar a produção de alimentos básicos, atenuar a alta dos preços internos, expandir o consumo per capita de frutas e hortaliças e contribuir para um sistema alimentar mais atento às tendências globais de sustentabilidade.

O desafio de alimentar mais brasileiros não necessariamente significa que precisamos produzir mais. A condição para aprimorar a segurança alimentar e nutricional (SAN) é termos um sistema alimentar mais justo e eficiente. Ter mais alimentos nutritivos disponíveis para quem até deseja, mas não consegue se alimentar bem por não ter acesso a eles, é mandatório. As razões para tal situação são diversas e históricas, mas é

preciso revisita-las.

O enfrentamento à insegurança alimentar sofre cortes de recursos sempre que a economia está desaquecida, mas a lógica deve ser o contrário. De 2015 para 2016, por exemplo, o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) perdeu quase 20% de poder de compra, considerando a redução orçamentária de R\$ 3,7 bilhões (2015) para R\$ 3,4 bilhões (2016) e a inflação anual do grupo alimentos, conforme o INPC, de 10,67% em 2015. Mais recentemente, o orçamento do PNAE também tem sido atingido pela inflação elevada, principalmente pela alta do preço dos alimentos nos últimos dois anos.

O Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), outra iniciativa importante para garantir a comercialização de produtos de pequenos e médios produtores e levar alimentos aos mais fragilizados, foi substi-

tuído pelo Programa Alimenta Brasil. O novo programa entrou em vigor com boas intenções, mas o orçamento projetado para 2022 é de R\$ 101,6 milhões, insuficiente para atender todas as demandas.

Entretanto, mesmo com tantos entraves, não faltam boas iniciativas públicas e privadas de fortalecimento da SAN no Brasil. Para melhorar a governança, é necessário conectar mais essas ações e aprimorar a integração entre diferentes níveis de governo. Coalizões público-privadas, por exemplo, podem ser implementadas para ampliar a rede brasileira de bancos de alimentos. Para fins de comparação, os EUA possuem mais de 60 mil despensas comunitárias e em torno de 400 bancos de alimentos. O Brasil possui aproximadamente 210 bancos de alimentos, e vários carecem da infraestrutura necessária para gerenciar doações.

Parte do problema demanda inserir mais fortemente políticas públicas alimentares no debate eleitoral, e a sociedade civil deve cobrar dos(as) candidatos(as) nas próximas eleições propostas para fortalecer circuitos curtos de produção e consumo com fortalecimento da agricultura urbana e periurbana, além de iniciativas de economia circular e/ou inovação social para gerar renda e combater a fome. Essas tendências são observadas mundo afora, e o Brasil pode avançar mais se tiver políticas públicas de Estado.

Alimentação é um tema que diz respeito a todas e todos nós, brasileiros. O Brasil tem muito potencial para produzir alimentos, possui capacidade empreendedora e cultura alimentar diversa e rica. Já possuímos os principais ingredientes para termos uma agenda sólida de SAN apartidária, intersetorial, plural, e principalmente, perene.

[...]

A questão não é retirar importância do agronegócio exportador, mas implementarmos também estratégias capazes de apoiar a produção de alimentos básicos, atenuar a alta dos preços internos, expandir o consumo per capita de frutas e hortaliças e contribuir para um sistema alimentar mais sustentável

O gênio estratégico de Bolsonaro

No concerto das nações não existem ideologias, mas sim interesses objetivos

Marco Feliciano

Deputado Federal (PL-SP), 4.º vice-líder do governo na Congresso e vice-presidente da Frente Evangélica

Em meio à confusão instaurada no xadrez da geopolítica mundial pela invasão russa na Ucrânia, o assunto da hora na imprensa turpinqüista não é se estamos à beira da 3ª Guerra Mundial, mas sim espionar o presidente da República pelo seu posicionamento ante à crise.

Nessa senda de criteriosa desinformação, seria cômico —se não fosse trágico— ver parte da imprensa nacional transformando o nobre ofício de informar em mero ato de torcida, até mesmo divinando a insana possibilidade de o comediantes vencer uma guerra com devaneios no YouTube.

Ora, o mundo real não é assim. O jogo é bruto, e guerra se vence com armas, as quais de resto sobram a Vladimir Putin e faltam a Volodimir Zelenskí. No concerto das nações inexistem mocinhos ou bandidos, tampouco ideologias, mas tão somente os interesses objetivos, mediatos e imediatos, dos Estados que as corporificam. Logo, fica de todo óbvio que devemos analisar as condutas de nosso presidente Jair Bolsonaro (PL) em meio a essa grave crise levando em conta os interesses, muitas vezes inconfessáveis, das nações nela envolvidas e, principalmente, os interesses brasileiros.

Ou será que devemos ignorar que o atual conflito beneficia Joe Biden? Afinal, desde o pós-guerra é praxe presidentes americanos com baixa popularidade como ele contra-

tarem conflitos externos para aumentarem seus índices de aprovação. Com a maior inflação dos últimos 40 anos corroendo o poder de compra do eleitor e às portas das eleições legislativas de meio de mandato —onde estarão em jogo a maioria democrata na Câmara e no Senado e, portanto, também uma possível volta de Donald Trump à cena política—, bem certo é que posar de líder do mundo livre cai como uma luva ao mandatário lanque.

E a estabilidade da atual ordem

mundial? Essa, de per si, beneficia principalmente a China, potência que se agiganta pela economia, não pelas armas. De fato, o dragão há muito acordou e tem índices de produtividade até 10 vezes maiores que americanos e europeus. Ou seja, os chineses estão engolindo quem antes era hegemônico.

Assim, é de se perguntar se não seria de interesse das democracias liberais do Ocidente um conflito que, mesmo indiretamente, as antagonize com os regimes fechados orientais... Enfim, seria levar uma batalha já perdida na economia para um campo em que elas ainda dominam; o bélico.

Como se vê, menos importa a ponta do iceberg do que aquilo que está abaixo da linha d'água e que, por óbvios motivos, não é comentado pela mídia mainstream. Posto tudo isso, comecemos o gênio estratégico do presidente Bolsonaro; se de um lado o mesmo dá sinais de que, pessoalmente, se alinha aos argumentos da Rússia, de outro nossos representantes nos organismos multilaterais se engajam aos clamores ocidentais. Isso nos valoriza simultaneamente diante de americanos, chineses e russos

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor | leitor@grupofolha.com.br
Cartas para el Barão de Limbra, 475, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens e informar seu nome completo e endereço.



Sexismo e Arthur do Val

Vamos ver se São Paulo acorda e não elege um cara como esse novamente ("Arthur do Val diz que áudios sexistas foram erro em momento de empolgação", Política, 6/3).
Salvio Coelho (Belo Horizonte, MG)

*

O deputado teve falas repugnantes e total falta de respeito com as mulheres e, em especial, com as ucranianas, que vivem momento de terror pela guerra. O fato de ser áudio enviado a grupo privado em nada ameniza as sandices. Só faz mostrar a falta de ética e um pouco deste "homem do bem", Bingo para quem divulgou o áudio acelerando a queda de máscara, já que as atitudes anteriores não foram suficientes para tal.
Maria Aparecida Araújo Pinta (Campinas, SP)

*

Reitero: seria interessante conhecermos os interlocutores do deputado que receberam suas mensagens e como reagiram. Esse tipo de comentário exibicionista, sexista e racista só prospera quando há ouvintes interessados que compartilham ideias e comportamento. A opinião pública precisa saber quem são.
Carlos Prompt (Porto Alegre, RS)

*

Que homem perverso ("Namorada de Arthur do Val rompe após vazamento de áudios sobre ucranianas atribuídos a ele", Mônica Bergamo, 6/3)! Chega a ser doentio a análise que ele faz dessas mulheres. Que nojo! E diz que a vulnerabilidade social delas facilita a investida. O que é isso? E ele é o representante da extrema direita hétero branca? Esses "homens de bem" são péssimos.
Luana Costa (São Paulo, SP)

Urna inviolável

Fui fiscal de um partido numa eleição de "papel" ("Pai da urna eletrônica" diz que hackers jamais vão conseguir acessá-la", Política, 5/3). Nunca assisti a tantos roubos de votos, mesmo de pessoas que eu considerava até então baluarte da cultura e do saber na cidade do interior de MG. Reclamei, ninguém me deu ouvidos, elegeram as oligarquias de sempre. Acredito muito na urna eletrônica. Uma das poucas coisas da nossa caríssima justiça, mas que funciona. O resto é pura desinformação para fins espúrios.
Ivan Bastos (Nova Friburgo, RJ)

*

Em 1985, trabalhei na apuração das eleições para prefeito —TRE cadê minhas folgas?— e percebi que não era seguro o voto. O eleitor fazia um risco e poderia alcançar outro quadrinho. E poderia por aspas em outro candidato; votava em branco... No local que apurei, tinham fiscais, era seguro. Mas seriam assim em todas as zonas eleitorais? Recentemente trabalhei para a DAB nas eleições. Urna eletrônica! Se confiava antes, agora muito mais! Parabéns
Neli de Faria (São Paulo, SP)

Barulho e dor de cabeça

A inépcia da prefeitura em agir rápido e decisivamente dá aos barulhentos a impunidade para que continuem a perturbar pessoas do entorno ("Saiba o que fazer em casos de perturbação do sossego por vizinhos barulhentos", Cotidiano). Como quase todo serviço prestado pelas prefeituras, o Psu é um fiasco! Para cobrar IPTU, impostos e taxas, os caras são mais eficientes!
Francisco Oliveira (São Paulo, SP)

Butim

Caso a China parta para cima de Taiwan, será mais difícil impor embargo contra o país ("China espera o futuro enquanto velocidade da guerra na Ucrânia agoniza Rússia e Ocidente", Mundo, 6/3). É preciso lembrar que muitos dos empresários que tanto criticam o comunismo exploraram mão de obra escrava em território chinês, o que fez da China essa potência. Hipocrisia e ganância dos empresários que levaram suas fábricas para pagar migalhas a trabalhadores na China deram a ela a chance de engolir a todos.
Johansen Florito (Goiânia, GO)

Eletrobras

A avaliação, sinalizada, da possível venda da Eletrobras, ao valor de R\$ 25 bilhões, não estaria demasiadamente subavaliada ("Privatização da Eletrobras corre contra o tempo para buscar R\$ 25 bi na Bolsa", Mercado)? O controlador do Chelsea quer o equivalente a R\$ 17 bilhões para desfazer-se dele!
José Roberto Arantes (São Paulo, SP)

Educação

O "Desastre Educacional" (Editoriais, 6/3), com dados do Saesp, era resultado esperado e aprofundado pela pandemia. Nas áreas avaliadas, língua portuguesa e matemática, as deficiências vêm de muito tempo e pouco foi feito. O resgate é urgente, e a questão é como fazê-lo. Em matemática, existe plataforma com inteligência artificial e metodologia adaptativa desenvolvida pela McGraw Hill, que permite ao aluno avançar seu aprendizado de forma personalizada. Essa tecnologia poderá ser útil para a rede paulista. Basta vontade política!
Oscar Hipólito, professor titular da USP (São Paulo, SP)

Belonaves

Diante da crítica feita pelo jornalista Elio Gaspari ("Em 1917, o czar, não entendeu nada", 6/3), quanto ao emprego da expressão "belonaves", anoto que eu a utilizei, em minha decisão, como figura de estilo, amparado no Dicionário Etimológico de Antonio Geraldo da Cunha, para referir-me às aeronaves de caça suecas adquiridas pela Força Aérea Brasileira, conjugando as palavras latinas "bellum" e "navis", que significam, respectivamente, "guerra" e "embarcação".
Ricardo Lewandowski, ministro do Supremo Tribunal Federal (Brasília, DF)

Colonista

Querida Milly, sem palavras ("Um sentimento chamado Artur", Milly Lacombe, Folha Corrida, 6/3). Queria te abraçar e chorar no seu ombro agora e te oferecer o meu prático chorar também, se você sentisse necessidade. Você nos ajuda a continuar tendo esperança no mundo, no outro e na vida. Obrigada!
Patrícia Cypriano (São Paulo, SP)

*

Milly, eu chorei. E ainda estou chorando.
Herbert Luiz Braga Ferreira (Mauá, AM)

ERRAMOS

erramos@grupofolha.com.br

ESPORTE (6 MAR., PÁG. B7) Diferentemente do afirmado na coluna "Amor em linhas tortas", o UOL não pertence ao Grupo Folha. A empresa tem participação minoritária e indireta do Grupo Folha, que edita a Folha.

política

PAINEL | **Fábio Zanini**
painel@grupofolha.com.br

Contra o tempo

O projeto de Lei das Fake News, a aposta do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) para regular o tema, corre o risco de não ser aprovado a tempo de valer nas eleições deste ano. Caso confirmado, só terá validade 90 dias após a publicação e há uma preocupação com relação à velocidade da tramitação no Senado. O PL de autoria do senador Alessandro Vieira (Cidadania-SE) chegou à Câmara em julho de 2020 e, desde então, os parlamentares enfrentam dificuldade para chegar a um entendimento.

SINUCA... Entidades da sociedade civil e as plataformas pressionam os deputados em direções contrárias. Lideranças do Senado avaliam que por lá não será diferente.

...DE BICO Tendo em vista o tempo que a Câmara teve para analisar o tema, a tendência é que os senadores queiram apreciar detidamente as mudanças, o que pode demorar.

PALAVRA FINAL Há ainda quem defenda no PT deixar o texto em banho-maria para que a regulamentação das redes sociais ocorra só em 2023, num eventual governo Lula.

PELO BOLSO O PT defenderá o governo Dilma Rousseff na campanha citando o alto nível de reservas internacionais que ela deixou ao sofrer impeachment, em 2016. Foram US\$ 366 bilhões, valor que tem se mantido estável desde então.

TESE Segundo o partido, essas reservas têm ajudado o Brasil a suportar as últimas intempéries das finanças globais. O PT sabe que a gestão Dilma, que provocou a maior recessão da história brasileira e deixou o país com inflação em alta, será um nervo exposto para Lula.

NO LÁPIS O Conselho Federal de Contabilidade (CFC) está procurando tesoureiros e contadores das direções nacionais dos partidos para elaborar a primeira Norma Brasileira de Contabilidade Eleitoral.

TROCAS O tema será debatido na próxima semana num congresso em Brasília. Uma ideia é mudar o sistema de lançamento de recursos dos diretórios nacionais para os estaduais e municipais.

com Guilherme Seto, Juliana Braga e Julia Chaib

Cláudio



GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★ ★ ★
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Eliseu | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8060
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital Premium		Assinatura semestral*
	seg. a sáb.	dom.	
DO 1º AO 3º MÊS	R\$ 1,90	R\$ 1,90	R\$ 827,90
DO 4º AO 12º MÊS	R\$ 9,90	R\$ 9,90	R\$ 1.044,90
A PARTIR DO 13º MÊS	R\$ 29,90	R\$ 29,90	R\$ 1.318,90
EDIÇÃO IMPRESSA	Assinatura semestral*		Assinatura semestral*
	seg. a sáb.	dom.	
MG, PR, RJ, SP	R\$ 5	R\$ 7	R\$ 1.420,90
DF, SC	R\$ 5,50	R\$ 8	R\$ 1.764,90
ES, GO, MT, MS, RS	R\$ 6	R\$ 8,50	
AL, BA, PE, SE	R\$ 9,25	R\$ 11	
Outros estados	R\$ 10	R\$ 11,50	

*À vista com entrega domiciliar diária. Cargo tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (FVC)
363.733 exemplares (junho de 2022)



Sergio Moro em evento em SP para filiação de Arthur do Val (à dir.) ao Podemos. Adreano Vitorini - 28 jan 2022/Folhapress

Moro perde palanque em SP e sofre baque ao buscar protagonismo

Áudios sexistas do deputado Arthur do Val, aliado paulista ligado ao MBL, engrossam problemas de ex-juiz na tentativa de consolidar 3ª via

Danielle Brant e
Ranier Dragon

BRASÍLIA Os áudios sexistas do deputado estadual Arthur do Val derrubaram o palanque regional mais consistente e importante de Sergio Moro (Podemos) no país, o de São Paulo, e ampliam os problemas na candidatura do ex-juiz.

O caso tende a empurrar o Podemos de vez para a campanha do tucano Rodrigo Garcia em São Paulo, principal base de sustentação do presidencial João Doria (PSDB).

Portabela, o MBL (Movimento Brasil Livre), grupo que migrou para o Podemos e integra a linha de frente da campanha de Moro, vê a sua crise interna se ampliar com dois de seus principais líderes na linha de fogo — além de Arthur do Val, o deputado federal Kim Kataguirí (SP) se envolveu em controvérsia recente ao dizer, em entrevista, que a Alemanha errou ao criminalizar o nazismo.

A reação de Moro de condenar e tentar se afastar de Kataguirí e Arthur do Val terá reflexos no apoio do grupo à sua candidatura.

Moro tenta se descolar de Ciro Gomes (PDT) nas pesquisas e se consolidar como o nome que unificaria os demais da direita e do centro — Doria e Simone Tebet (MDB), em especial — em torno da sua candidatura. Sua lista de problemas, porém, não é pequena.

Em primeiro lugar, ele está filiado a um partido, o Podemos, que tem poucas perspectivas de montar palanques fortes nos estados nas disputas para governador.

Além da fragilidade partidária e da falta de palanques regionais, a estagnação nas pesquisas e o caso Arthur do Val levam políticos e adversários a ampliar, nos bastidores, prognósticos de que Moro poderá até abandonar a candidatura presidencial e concorrer a outro cargo.

Em pesquisa Datafolha de dezembro, Moro tinha 9% das intenções de voto, enquanto Ciro aparecia com 7%. Doria tinha 3% e Tebet, 1%.

Os áudios sexistas de Arthur do Val vieram à tona na sexta-feira (4). No dia seguinte, ele disse ter retirado sua pré-candidatura ao governo paulista.

O deputado estadual aparecia com 3% das intenções de voto em pesquisa Datafolha de dezembro — em cenário que não considera a participação do ex-governador Ge-

raldo Alckmin (sem partido).

Em 2020, Arthur do Val foi candidato a prefeito de São Paulo pela primeira vez e ficou em quinto lugar, com 9,8%.

Na fala que enviou a um grupo de amigos, Arthur do Val diz, entre outras coisas, que as ucranianas são “lâncis” por serem pobres — e que a fila de refugiados da guerra tem mais mulheres bonitas do que a “melhor balada do Brasil”.

A primeira reação de Moro foi romper com o deputado estadual e dizer que lamentava “profundamente as graves declarações” atribuídas a Arthur do Val, youtuber também conhecido pelo apelido de Mamão Falei.

“O tratamento dispensado às mulheres ucranianas refugiadas e às policiais do país é inaceitável em qualquer contexto. As declarações são incompatíveis com qualquer homem público. Jamais dividirei meu palanque e apoiarei pessoas que têm esse tipo de opinião e comportamento”, afirmou.

Após a candidatura de Arthur do Val não era consenso dentro do Podemos. Um dia após a filiação do deputado estadual ao partido, um grupo de 18 prefeitos da legenda em São Paulo se reuniu com Rodrigo Garcia (PSDB), que é vice-governador de São Paulo, para declarar apoio à sua reeleição. O Podemos administra 22 cidades no estado.

Apesar de reconhecerem reflexos negativos, a reação do ex-juiz foi elogiada por aliados.

“O líder do Cidadania na Câmara dos Deputados, Alex Manente (SP), diz que o episódio afeta a candidatura, mas que Moro agiu de forma correta. “Inevavelmente ele se aliou ao MBL, especialmente no estado de São Paulo, onde o MBL tem uma presença, e [Moro] teve a postura correta e imediata para tentar minimizar o dano”, afirmou. “Mas óbvio que inclusive a questão político-partidária que foi criada em torno do MBL, da candidatura do Arthur a governador, afetará a campanha do Moro em São Paulo.”

Para o deputado Junior Bozella (União-SP), Moro demonstrou que se posiciona quando aliados cometem erros. “Ele não passa pano, isso é uma vantagem que ele tem perante os demais. Quando o Moro reage à atitude de um possível aliado, ele mostra que é preciso apontar o erro e deixar explícita a sua posição”, diz. “A partir do momento em

“O tratamento dispensado às mulheres ucranianas refugiadas e às policiais do país é inaceitável em qualquer contexto. As declarações são incompatíveis com qualquer homem público. Jamais dividirei meu palanque e apoiarei pessoas que têm esse tipo de opinião e comportamento”

Sergio Moro pré-candidato à Presidência pelo Podemos, sube áudios do deputado Arthur do Val.

que ele deixa claro que não tem compromisso com uma atitude equivocada, racista, machista, ele demonstra a sua honradez e seu caráter”, prossegue o deputado.

Ele também critica bolsonaristas que tentam “cancelar” o deputado estadual, enquanto ignoram atitudes machistas do presidente Jair Bolsonaro.

“Quem aponta o dedo para o Arthur tem que apontar para o Bolsonaro também”, afirmou Bozella. Para ele, Moro vai ser “vítima de toda gota ser potencializada e transformada num tsunami”.

“A questão é saber se posicionar diante do erro. Ele não passou a mão na cabeça de ninguém, diferentemente da esquerda que não aponta dedo para os mensaleiros e dos bolsonaristas que não apontam dedo para os riachadões.”

Fala é asquerosa, diz Bolsonaro, que tem histórico sexista

BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro (PL), que já proferiu várias frases sexistas durante a sua carreira, condenou os áudios de Arthur do Val (Podemos), que destratou mulheres ucranianas.

Ao ser questionado sobre o caso no cercadinho frequentado por apoiadores no Palácio Alvorada, neste domingo (6), Bolsonaro disse que a frase é “tão asquerosa que nem merece comentário”.

Jair Bolsonaro tem um longo histórico de falas sexistas.

Ele já disse que só não estupraria uma deputada porque ela era “feia”, já defendeu, como presidente, o turismo sexual no Brasil, desde que não fosse praticado por gays, afirmou defender salários menores para mulheres, entre outras manifestações.

“Fica aí, Maria do Rosário [PT-RS], fica. Há poucos dias tu me chamou de estupra-dor no Salão Verde e eu falei que eu não estuprava você porque você não merece. Fica aqui para ouvir”, afirmou em 2014, na Câmara.

Em 2020, ele insultou a repórter da Folha Patrícia Campos Mello, em conversa com apoiadores na frente do Palácio da Alvorada. “Ela [repórter] queria um furo. Ela queria dar o furo [risos dele e dos demais]”. Constança Bezeade e Nathália Garcia

Arthur do Val fica isolado e sob pressão de punição

Após áudios sexistas, deputado enfrentará tentativa de cassação e falta de aliados

Tayguara Ribeiro

SÃO PAULO Com histórico de brigas com outros deputados estaduais, Arthur do Val (Podemos) não conta com muitos aliados no momento para lidar com o processo de cassação que deverá enfrentar nas próximas semanas na Assembleia Legislativa de SP após o vazamento de áudios sexistas sobre mulheres ucranianas. Diversos deputados, de esquerda, centro e direita, já anunciaram que pretendem entrar com representação contra ele e têm defendido publicamente a perda de mandato — em uma onda que pode unir de aliados de Jair Bolsonaro (PL) a petistas e tucanos contra Arthur do Val. Embora a Assembleia ainda viva sob a sombra de outro caso ofensivo às mulheres, o clima está desfavorável para Arthur do Val, também conhecido como Mamãe Palei. Ele não conta com a mesma articulação política do deputado Fernando Cury (sem partido), que foi punido com afastamento de oito dias, mas evitou a cassação após ser flagrado pelas câmeras da Assembleia apalpando Isa Penna (PSOL). Youtuber, Arthur do Val está em seu primeiro mandato. Foi o segundo deputado estadual mais votado de São Paulo nas eleições de 2018, com 478 mil votos na disputa. Eleito deputado pelo DEM, foi expulso



O deputado estadual Arthur do Val (Podemos), que ficou isolado na Assembleia de São Paulo. *Adriana Nasser - 26/03/2022/Prefeitura*

do partido por críticas ao governador João Doria (PSDB) e sucessivas brigas com os colegas de plenário. Depois, filiou-se ao Patriota para disputar as eleições municipais. Em 2022, Arthur do Val buscaria o governo estadual pelo Podemos, sendo palanque regional da candidatura de Sérgio Moro ao Planalto, mas já anunciou a desistência após as falas vazadas. O deputado, que visitou a Ucrânia, enviou áudios a amigos dizendo que as ucranianas são “fáceis” por serem pobres — e que a fila de refugia-

dos da guerra tem mais mulheres bonitas do que a “melhor balada do Brasil”. Em 2019, durante análise da PEC da reforma da Previdência na Assembleia, o deputado se envolveu em uma discussão rispida com outros colegas. A confusão começou após Arthur do Val chamar os servidores que estavam na galeria do plenário de “bando de vagabundo”. A sessão, que precisou ser suspensa, teve empurra-empurra, ameaça de socos e até mordida. Segundo Isa Penna, que foi a primeira a protocolar uma re-

“Toda a possibilidade que o Arthur teve de ofender todos os deputados ele fez. Existe uma inimizade já colocada

Isa Penna
deputada estadual pelo PSOL

presentação contra o deputado, Arthur do Val não tem um clima favorável na Casa. “Toda a possibilidade que o Arthur teve de ofender todos os deputados ele fez. Existe uma inimizade já colocada”, diz. Ela é um pouco cética em relação à possibilidade de uma cassação, embora acredite em sanções. “Acho muito difícil. Senão, eu que vou pedir para reabrir o meu processo contra o Cury. Porque eu tive um assédio físico. E tem um áudio desse. Não é possível que a dosimetria seja tão diferente. Tem que existir alguma lógica entre uma punição e outra”, afirma. Presidente do conselho de ética da Assembleia paulista, a deputada Maria Lúcia Amary (PSDB) considera que a situação de Arthur do Val ficou complicada “por conta da repercussão nacional e internacional, em um momento de fragilidade da Ucrânia”. “Foi muito dolorido escutar isso sobre essas mulheres que estão em uma situação de vulnerabilidade. E ficamos constrangidos por ser um deputado, um político brasileiro.” Embora tenha preferido não avaliar quais possíveis punições Arthur do Val pode sofrer na Assembleia, a percepção da deputada Marina Helou (Rede), também membro da comissão de ética, é que o caso gerou um grande impacto dentro e fora da Casa. “A repercussão é muito grande e muito consistente com a gravidade das afirmações”, diz. Sobre os áudios, a deputada afirmou que o conteúdo é “absolutamente inaceitável”. “Eu, como mulher em uma situação de poder, tenho o compromisso de garantir que as instituições não compactuem com este tipo de comportamento.” O presidente da Assembleia, Carlos Fagnatari (PSDB), afir-

mou em nota que “a atitude é inaceitável e que será tratada com rigor e seriedade pelas esferas de investigação do Parlamento”. Deputados de diferentes legendas expressaram publicamente a intenção de pedir a cassação de Arthur do Val. Erica Malunguinho (PSOL) afirmou que “já seria digno de nota o teatro encenado pelo deputado Arthur do Val na sua chamada ‘ação humanitária’ na Ucrânia”. “Mas causa asco o teor misógino e classista dos áudios vazados do deputado falando sobre refugiadas de guerra, tanto quanto sua resposta.” O bolsonarista Douglas Garcia (Republicanos) disse que, diante das representações anunciadas, contou “os deputados autores para também assiná-las”. Altair Moraes (Republicanos) também afirmou que entraria com o pedido de cassação. Já o deputado bolsonarista Gil Diniz disse que está recolhendo assinaturas para protocolar uma CPI para investigar os recursos que financiaram a viagem de Arthur do Val, integrante do MBL (Movimento Brasil Livre). A deputada estadual Janaina Paschoal e os deputados José Américo, Emílio Souza e Paulo Fiorillo do PT; foram outros parlamentares a reprovar os áudios publicamente. Em seu partido, o Podemos, houve atuação para distanciar o deputado dos projetos políticos do partido neste ano. O presidente Sérgio Moro disse ainda na sexta (4) que não subiria mais no mesmo palanque do coreligionário. O senador Lasier Martins pediu a “expulsão sumária” dele dos quadros da legenda. Procurado pela reportagem, Arthur do Val não respondeu aos questionamentos.

Roche APRESENTA

Exame detecta alto risco de insuficiência cardíaca

Especialmente importante para diabéticos, biomarcador identifica risco de desenvolver insuficiência cardíaca 6 meses antes da internação e permite tratamento preventivo

As doenças cardiovasculares são a principal causa de morte no mundo. Entre elas, a insuficiência cardíaca (IC) é motivo prevalente de internações no Brasil. A IC acontece quando o coração tem dificuldade para bombear o sangue para o organismo. Hipertensão, diabetes, sedentarismo e má alimentação prejudicam o coração, que, aos poucos, perde a capacidade de funcionar corretamente e aumenta de tamanho para compensar a necessidade de maior esforço. O problema não se resolve no crescimento do tamanho do coração ou à falta de fôlego para subir escadas: está relacionado a um alto volume de mortes e debilitações. “É tão grave que um em cada quatro pacientes acaba retornando ao hospital em até um mês depois da alta e mais da metade dos pacientes morrem dentro de cinco anos. A taxa de mortalidade supera a de cânceres como bexiga, mama e próstata”, afirma Humberto Villacorta Júnior, professor associado de cardiologia na Universidade Federal Fluminense.

Ameaça para a população em geral, a IC representa um risco ainda maior para os mais de 16 milhões de brasileiros com dia-

betes. “A insuficiência cardíaca afeta até 30% dos pacientes com diabetes e está relacionada com o aumento no risco de morte de 4 a 8 vezes em comparação com pacientes não diabéticos. Dá a importância do diagnóstico precoce e do tratamento adequado”, diz Adriana Vassalli, diretora médica da Roche Diagnóstica. A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) aprovou recentemente uma nova indicação do exame NT-proBNP, da Roche, capaz de identificar, de forma antecipada, o risco de pessoas com diabetes tipo 2 desenvolverem a IC. “Estudos comprovam que um aumento acentuado nos níveis do NT-proBNP pode ser detectado em pacientes com diabetes tipo 2 seis meses antes da hospitalização por insuficiência cardíaca. Isso é muito importante porque nos dá uma janela de atuação. E trata-se de um exame simples, feito por coleta de sangue”, explica Villacorta. Segundo o endocrinologista João Eduardo Naves Salles, professor adjunto da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, a IC é uma das principais complicações dos pacientes com diabetes tipo 2. “Estudos mostram que



Baixe o mini-manual “A voz do NT-proBNP” (Edição 1), com mais informações sobre o “Eleito” NT-proBNP. O material, desenvolvido por Future Health, é o primeiro de uma série de três mini-manuais que a Roche disponibilizará online e tem nas próximas semanas.

o diabetes tipo 1 aumenta em cinco vezes o risco de insuficiência cardíaca em mulheres e 3,4 vezes em homens. Para o diabetes tipo 2, o risco é extremamente elevado: 95% para as mulheres e 74% para homens”, completa. Um paciente com IC pode apresentar cansaço, falta de ar quando faz algum esforço, dificuldade ao andar, edema de membros inferiores ou sensação de falta de ar quando deita. Mas esses sintomas podem ser inexpressivos nos quadros mais leves, daí a importância do exame NT-proBNP para a detecção do problema antes de maiores complicações. O teste NT-proBNP é considerado padrão ouro para diagnóstico de insuficiência cardíaca. Para os especialistas entrevistados, ele possibilita iniciar precocemente o tratamento da insuficiência cardíaca com medicação, o que reduz o risco de internações e morte. “A identificação precoce é importantíssima para que se possa mudar a história da doença, e hoje nós temos como fazer isso. Entre os pacientes com diabetes tipo 2 sem histórico de problemas cardiovasculares, o atraso de um ano no tratamento de prevenção aumenta em 64% o risco de IC”, diz Salles. Villacorta afirma que, no caso de pacientes diabéticos classificados como de alto risco para desenvolver IC e sem história conhecida da doença, foi comprovado que, ao longo de dois anos de acompanhamento intensificado, a taxa de hospitalização ou morte devido a doença cardíaca pode ser reduzida em 65% em comparação com os pacientes que não receberam a mesma atenção médica.

política

O MBL vai acabar?

Turma de 2015 se autoimola em público, e direita volta para centrão e milicos

Celso Rocha de Barros

Servidor federal, é doutor em sociologia pela Universidade de Oxford (Inglaterra)

O Movimento Brasil Livre (MBL) passa por sua maior crise desde que se destacou na organização das passeatas pelo impeachment em 2015-2016, quando Eduardo Cunha descobriu que Arthur do Val, o Mamãe Falei, era fácil porque era burro. As coisas já não iam bem para o MBL antes mesmo do deputado estadual paulista declarar sua intenção de explorar sexualmente a pobreza das refugiadas de guerra ucranianas.

Poucas semanas antes, a principal liderança embebelista, o deputado federal Kim Kataguiri, foi severamente criticado por questionar a criminalização do nazismo. A proposta era imbecil, mas, além disso, a intensidade da reação contra Kataguiri mostrou outra coisa: o clima ideológico do Brasil de 2022 não é mais aquele em que o MBL floresceu. O MBL cresceu em um ambiente político altamente tolerante com a "zoeira" de direita, um tipo de irreverência "po-

liticamente incorreto" e "contrarian" que, para muita gente, pareceu charmosa durante a crise dos governos petistas. Isso perdeu muito da graça depois que um presidente "contrarian" e politicamente incorreto matou mais de cem mil brasileiros por não acreditar em vacinas. Aqui as lideranças do MBL poderiam dizer: bom, mas Bolsonaro é ainda mais repulsivo do que Mamãe Falei; Bolsonaro defende o Ustra, que, se fosse russo em 2022, introduziria

ratos nas vaginas das ucranianas que pegassem em armas contra a invasão. E Bolsonaro continua aí, com o apoio de entre um quarto e um terço dos eleitores. É verdade, mas isso nos ensina uma importante lição: não é fácil ser politicamente incorreto sem o apoio dos poderes constituídos. O MBL rompeu com Bolsonaro. A direita brasileira não rompeu. No final de 2021, o MBL, em atitude elogiável, ajudou a organizar atos pe-

lo impeachment. O público de 2015 não foi. No fundo, a direita brasileira rompeu com o MBL porque não acha que ainda precise de manifestações de rua depois de ter recuperado o controle da máquina de Estado, seu orçamento e suas armas. Militância nas redes sociais, afinal, é coisa que se compra na Rússia. O MBL vem tentando dar a volta por cima com a candidatura presidencial de Sérgio Moro. De fato, se Moro for eleito, terá sido porque tomou a base eleitoral de Bolsonaro. Como apoiadores de primeira hora do ex-juiz, o MBL estaria em uma posição privilegiada para reconquistar sua influência. Mas a candidatura de Moro vai mal. Na revista piauí deste mês, uma matéria de Ana Clara Costa mostra que o ex-juiz tem encontrado dificul-

dades seríssimas para organizar sua campanha. Falta dinheiro, falta apoio político, e a disparada nas pesquisas não aconteceu. Além disso, Moro disse que se recusa a dividir palanque com Arthur do Val, e o MBL, ao que parece, não o expulsará. A crise do MBL suscita dúvidas sobre a longevidade dos movimentos sociais organizados a partir das redes sociais. Em 2015, Kataguiri e companhia demonstraram que eles podem ser politicamente eficazes. Mas será que conseguem se consolidar como forças políticas? Ou a lógica das redes favorecerá a criação e o descarte contínuos de grupos, marcos, símbolos e lideranças? O fato é que, enquanto a turma de 2015 se autoimola em público, a direita brasileira volta para casa, volta para seu centrão e seus milicos.

|DOM: Elio Gaspari, Janio de Freitas |SES: Celso R. de Barros |TEX: Joel Pinheiro da Fonseca |QUA: Elio Gaspari |QUI: Conrado H. Mendes |SEX: Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Sílvia Almeida |SAB: Demétrio Magnoli

Aliados de Rodrigo temem rejeição a Doria e ensaiam descolamento

Tucanos têm agendas separadas, mas equipe de vice o diferencia do governador e minimiza risco

Carolina Linhares e Artur Rodrigues

SÃO PAULO Aliados de Rodrigo Garcia (PSDB) temem que a rejeição ao presidenciável João Doria (PSDB) contamine a campanha do vice-governador ao Palácio dos Bandeirantes e já há quem proponha o descolamento como estratégia de sobrevivência. A preocupação também é compartilhada por tucanos contrários ao projeto presidencial do governador de São Paulo, que pressionam pela desistência de Doria. Auxiliares do vice-governador ouvidos pela reportagem minimizam o problema. O vice deve assumir o Palácio dos Bandeirantes no fim de março, quando Doria deixa o cargo para ser candidato ao Planalto. Rodrigo se prepara para concorrer à reeleição em outubro. Políticos próximos a Rodrigo ouvidos pela Folha afirmam que o vice terá que se afastar da imagem de Doria para ter alguma chance no pleito. Desde já, dificilmente Rodrigo e o governador são vistos juntos em eventos externos, que têm funcionado como pré-campanha de ambos. Ainda desconhecido da população, Rodrigo marcou 6% em pesquisa Datafolha de dezembro e tende a ficar espremeido na polarização entre Fernando Haddad (PT), candidato de Lula (PT), e Tarcísio de Freitas, candidato de Jair Bolsonaro (PL). Na ala do PSDB que prega a desistência de Doria do pleito, a avaliação é a de que a candidatura do governador resultará em diminuição da bancada tucana e em derrotas nos estados —pela primeira vez, a hegemonia do partido em São Paulo estaria em risco. No levantamento Datafolha de dezembro, Doria alcança 4% das intenções de votos, enquanto outros nomes da chamada terceira via têm melhor desempenho —Ciro Gomes (PDT) tem 7% e Sérgio Moro (Podemos), 9%.



O vice Rodrigo Garcia com o governador João Doria, ambos do PSDB. Zaqueu Freirenet - 28 nov 2021 /Folhapress

Na ala do PSDB que prega a desistência de Doria do pleito, a avaliação é a de que a candidatura do governador resultará em diminuição da bancada tucana e em derrotas nos estados —pela primeira vez, a hegemonia do partido em São Paulo estaria em risco. No levantamento Datafolha de dezembro, Doria alcança 4% das intenções de votos, enquanto outros nomes da chamada terceira via têm melhor desempenho —Ciro Gomes (PDT) tem 7% e Sérgio Moro (Podemos), 9%. Já no quesito rejeição, Doria chega a 34%, empatado com Lula, presidenciável que lidera a corrida eleitoral. Auxiliares de Rodrigo afirmam que Doria não é um problema e que o vice deixará claro que o tucano é seu candidato a presidente. Eles ainda rechaçam rumores de que Doria poderia não deixar o cargo como previsto e até concorrer à reeleição, já que seu cami-

nho rumo ao Planalto enfrenta uma série de obstáculos. Doria até agora tem o apoio do Cidadania, e o PSDB mantém conversas com União Brasil e MDB, mas dirigentes das siglas afirmam que a tendência atual do bloco é dar preferência à candidatura de Simone Tebet (MDB) e não ao governador paulista. Já Rodrigo construiu um arco maior de alianças, o que evidencia as dificuldades de Doria. O vice conta com Cidadania, União Brasil e MDB, sendo que Republicanos e PP ainda podem apoiá-lo. Membros dessas siglas aliadas dizem reservadamente que Doria se tornou um peso na campanha do vice. Nas palavras desses políticos, a luz no fim do túnel seria que Doria deixasse o governo em março, como está programado, mas não concorresse ao Planalto. Assim, Rodrigo teria a cadeira de governador e não precisaria fazer campanha para Doria —seu vínculo com o tucano ficaria no passado. Em entrevista ao Painel, o deputado federal Alexandre Leite (UB-SP), filho do vereador Milton Leite (UB), afirmou que irá sugerir a Rodrigo que descole sua imagem da de Doria caso o governador não melhore seu desempenho eleitoral. Leite descreveu Rodrigo co-

mo "um João Doria melhorado", sem os "problemas de personalidade" do governador. Rodrigo tem na família Leite seu principal apoio em São Paulo e mantém proximidade com parlamentares da União Brasil (fusão de DEM e PSL) —o partido reivindica a cadeira de vice na chapa do tucano. Também membro do União Brasil, o deputado federal Junior Bozella afirmou que o assunto ainda não foi tratado no partido. Mas, para ele, não é positivo colocar divisões entre Doria e Rodrigo no momento. "Doria e Rodrigo se complementam, é um bom governo. Um dos maiores dos últimos tempos em São Paulo, com entregas substanciais", disse, citando a rejeição de Doria como momentânea. No entanto, segundo o deputado, se Rodrigo e Doria chegarem à conclusão de que é oportuno um descolamento para suavizar a imagem do vice-governador, é possível fazê-lo sem rompimentos. Ele mencionou, por exemplo, a campanha de Bruno Covas (PSDB), morto vítima de um câncer, à Prefeitura de São Paulo, na qual o então prefeito se manteve afastado do governador. Tucanos ligados a Doria ouvidos pela Folha minimizaram a investida da família Leite. Para eles, trata-se de um recado

de Milton Leite para ganhar mais espaço no governo de Rodrigo, após Doria se afastar para concorrer à Presidência. O vice-governador, que iniciou sua carreira na administração pública aos 31 anos, teve o DEM (antes PFL) como único partido até ingressar no PSDB em maio de 2021 a convite de Doria, o que contrariou membros daquela sigla. A migração para o PSDB foi vista como fruto da pressão de Doria, que queria evitar a candidatura do ex-governador Geraldo Alckmin pelo partido. Presidente do DEM à época, ACM Neto afirmou que a filiação foi uma imposição do governador, "cuja inabilidade política tem lhe rendido altíssima rejeição e afastado aliados". Políticos próximos a Rodrigo, por outro lado, minimizam o potencial estrago de Doria. Uma avaliação é a de que o vice não deveria, neste momento, buscar distanciamento do governador, já que a candidatura de Doria ao Planalto pode nem se concretizar. O movimento de ruptura poderia soar como traição e seria preciso esperar para avaliar se Doria será candidato e o quanto sua campanha funciona como âncora. Membros da campanha do governador ainda apostam que ele irá descolar no meio do ano. De qualquer forma, Doria

e Rodrigo têm se dedicado a agendas diferentes no estado. Integrantes do governo afirmam que essa é uma forma de potencializar a campanha do PSDB, fazendo entregas simultâneas em pontos distintos. Foi o caso, por exemplo, do último dia 24. Enquanto Doria foi ao evento de início da construção de um corredor de ônibus no ABC, Garcia entregava obras em São Paulo, ao lado do prefeito Ricardo Nunes (MDB) e de Milton Leite —esses dois últimos mais tarde se encontrariam com o arquirrival de Doria, Bolsonaro. No dia seguinte, mais uma vez, ambos tiveram compromissos separados. Analisando as agendas de Doria e Garcia, a reportagem constatou que os encontros entre os dois frequentemente ocorrem a portas fechadas, no palácio. O vice-governador também tem tido intensa agenda no interior, onde tem buscado conquistar o voto do agro. Interlocutores de Rodrigo apontam ainda que ele, sentado na cadeira de governador e com a máquina a seu favor, será meados dependente de Doria do que Haddad e Tarcísio dos seus respectivos padrinhos. Isso porque o vice pode basear sua propaganda em sua biografia e nas entregas da administração, enquanto os demais contam com a polarização para se promoverem. Esse é o caminho que estrategistas de Rodrigo pretendem adotar —o de ressaltar sua experiência política como secretário em diversas gestões tucanas no estado. O recado é o de que Rodrigo não surgiu a partir de Doria. Interlocutores de Rodrigo acreditam que ele é visto pela população como uma pessoa diferente de Doria e, portanto, poderá se apropriar dos feitos da administração —que é bem avaliada por 24% segundo o Datafolha. O vice contende as principais obras e programas do estado. Além disso, sua campanha planeja condenar a polarização entre Lula e Bolsonaro e entre Haddad e Tarcísio, pregando que São Paulo não é um estado de extremos. Covas conseguiu vencer a eleição paulista, em 2020, seguindo esta mesma fórmula. Para aliados de Rodrigo ouvidos pela Folha, sua campanha deve destacar sua habilidade na articulação política, seu conhecimento técnico, sua experiência na gestão e sua ligação com o interior —características que a classe política não vê em Doria. "Doria e ele fizeram um bom trabalho, então Doria não será um problema. Nada vai influenciar quem conhece o Rodrigo. A população vai captar a mensagem", afirma o deputado federal Eli Corrêa Filho (UB-SP), aliado de longa data do vice-governador.

Deputado Alexandre Leite em entrevista ao Painel, em fevereiro, sobre a campanha

folha.com /mulheresnomercado

semináriosfolha

WEBINAR

Mulheres no mercado de trabalho

8 DE MARÇO

15h às 17h30

Assista ao vivo em
[folha.com/
mulheresnomercado](https://folha.com/mulheresnomercado)

Um debate necessário sobre
os desafios e o protagonismo
feminino no mercado de trabalho

DEBATES

PERDAS FEMININAS NA PANDEMIA

Ilma**Minuto**coach de carreira especialista em
diversidade**Cláudia****Massei**diretora de transformação na
unidade de negócios Motion Control
da Siemens**Margarita****Olivera**coordenadora do Núcleo de
Estudos e Pesquisas de Economia e
Feminismos da UFRJ

AS DIFICULDADES DA MULHER EMPREENDEDORA

Anne Caroline**Willians**presidente do Instituto Nelson
Willians**Mona****Oliveira**cofundadora da Biolinks, startup de
biotecnologia**Paula****Paschoal**

diretora-gerente da Google Pay

Apóio:

Realização:

política

Pasta de Damares articula frentes pró-bolsonarismo

Secretaria Nacional da Família incentiva criação de grupos nos Legislativos

William Castanho

BRASÍLIA Na defesa da família tradicional feita por Jair Bolsonaro (PL), o Ministério de Damare Alves incentiva a criação de frentes parlamentares e secretarias pelo país para cuidar de pautas caras ao presidente.

Família é tema recorrente em falas de Bolsonaro. O Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos materializa os planos do chefe com articulação política e divulgação de programas federais.

Para especialistas em família, a atuação em Legislativos e Executivos locais tem viés ideológico. Além disso, foca em dividendos eleitorais ao animar segmentos religiosos e alcançar novos públicos.

“Com a [sugestão de criação da] Secretaria da Família, nós sempre sugerimos — tenho horror de imposição, então é diálogo, sugestão — uma frente parlamentar em defesa da vida. Em defesa da vida não, porque a minha pauta principal é a família, mas muitas vezes eles [parlamentares] unem com o vida, mas a minha sugestão é da família”, diz Angela Gandra Martins, secretária nacional da Família.

Hoje, são ao menos 19 grupos parlamentares que tratam da defesa da vida — antiaborto, principalmente — e da família, segundo a pasta. A concentração das instalações em 2020 e 2021 mostra a força dessa onda conservadora.

As frentes estão em ao menos cinco estados, como Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, e 14 municípios, entre eles capitais como São Paulo, Recife e Campo Grande, além de haver um grupo de parlamentares latino-americanos.

Nos Executivos, as iniciativas podem ser mais singelas. “Pedimos uma mudança nominal: famílias e desenvolvimento social, família e assistência social, família e educação”, diz. “E nós ficamos como um coaching.”

Para a secretária nacional, as famílias precisam ter uma porta na qual possam bater. A pasta de Damares acompanha 25 pastas, em 11 unidades da Federação e 23 municípios. O órgão quer mais.

Nas redes sociais, Martins comemora encontros com políticos locais cada vez que uma frente ou uma nova pasta é discutida. As postagens seguem da hashtag #amorpela família.

Fez isso, por exemplo, com o governador do Rio de Janeiro, Cláudio Castro (PL), aliado de Bolsonaro. Ela celebrou também promessas de secretarias em Itagá (PB), Boa Esperança (MG) e Rio Claro (SP).

Damare deve ser candidata nas eleições deste ano. No mês passado, disse que poderia disputar algum cargo em seis estados, mas admitiu sua preferência pelo Amapá, onde pode se lançar ao Senado.

Com frentes e secretarias, a pasta de Damares ganha capilaridade ao usar a máquina pública das prefeituras, além de firmar parcerias com ministérios de Cidadania, Educação e Saúde.

O órgão coordena hoje programas como Famílias Fortes (de prevenção do uso de drogas dos 10 aos 14 anos), Reconecte (para disciplinar o uso de novas tecnologias) e Acolha a Vida (de prevenção de suicídio e automutilação).

A ideia é sedimentar a família como uma política pública de Estado, com liberdade e autonomia, sem paternalismo, diz Martins. Questionada sobre qual o conceito de família do governo para a elaboração de políticas públicas, ela afirma que prefere pensar

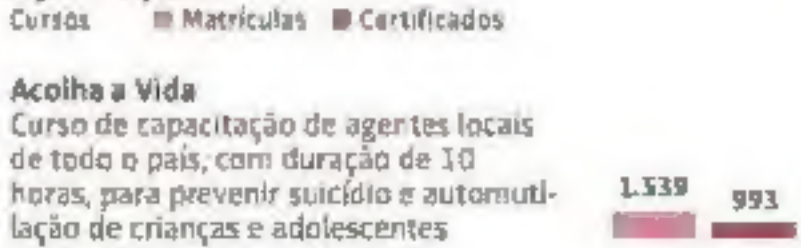
Secretaria Nacional da Família expande atuação no governo federal

Órgão fecha parcerias para levar projetos a prefeituras e recebe emendas parlamentares

Orçamento



Ações da pasta



Família na Escola

Incentiva aproximação de família e escolas para estimular desenvolvimento e aprimoramento de habilidade e práticas educativas parentais

Reconecta

Busca fortalecer relações familiares e promover uso adequado de novas tecnologias. Oficinas para pais e filhos, de 9 a 14 anos, com duração total de 4 horas

Famílias Fortes

Uma das principais ações da pasta, metodologia desenvolvida pela Oxford Brookes University com 7 encontros com a participação de pais e filhos, de 10 a 14 anos, para reduzir riscos e prevenir uso de drogas, além de estabelecer limites e estimular expressão de afeto



Escola Nacional da Família

Plataforma virtual que visa proporcionar a formação de pais, responsáveis e profissionais interessados na temática de família e educação parental

Presença dos cursos no país



Município Amigo da Família

Incentiva a implementação de políticas públicas familiares e concede Prêmio Boas Práticas em Políticas Familiares Municipais



Equilíbrio Trabalho-Família

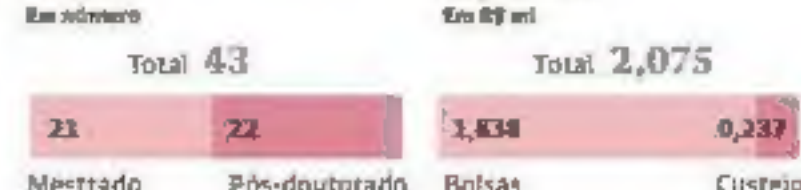
Ações com o Ministério da Economia para promoção e educação em equilíbrio trabalho-família entre os servidores da administração pública direta, autárquica e fundacional federal, oferece o Selo Empresa Amiga da Família; promove o Prêmio Melhores Práticas em Equilíbrio Trabalho-Família



Observatório Nacional da Família

Parceria com a Capes de apoio a pesquisas relacionadas à família e políticas públicas

Bolsas



Estratégia Nacional de Fortalecimento de Vínculos Familiares Comitê formado por MMFDH, Casa Civil e Ministérios da Educação, Saúde e Cidadania. O Plano de Ações da Estratégia foi publicado em 30 de dezembro de 2021. Congrega 40 ações do governo federal com impacto sobre os vínculos familiares

Fontes: Secretaria Nacional da Família e Painel do Orçamento Federal

As frentes parlamentares

Assembleias



América Latina Frente Parlamentar Latino-Americana em Defesa da Vida e da Família

Câmaras Municipais

- Em Defesa da Família
- Da Família e de Proteção à Vida
- Em Defesa da Vida e da Família
- Em Defesa da Vida, da Família e do Direito Natural
- Em Defesa da Família, da Vida e de Política de Drogas
- Cristã de Defesa da Vida e da Família



Secretarias da família



Angela Gandra Martins, secretária da Família do Ministério da Mulher, Família e dos Direitos Humanos

anças”, além de afirmar que a criação de um filho em família formada por um casal reduz a probabilidade de a criança viver na pobreza.

Para a advogada e vice-presidente do IBDfam (Instituto Brasileiro de Direito de Família), Maria Burenice Dias, a valorização do casamento em detrimento de outras formas de famílias, como uma mãe solo, é resultado de preconceito.

“A Secretaria da Família é algo que não se justifica mais, é uma tentativa de retrocesso a um modelo convencional, o modelo da sagrada família. E a sagrada família também não era essa bola toda, vamos combinar. Maria casou grávida, José não era o pai, ele fez uma adoção brasileira de Jesus. Jesus tinha uma multiparentalidade, porque era filho de José e de Deus. Essa família não serve de modelo para nada, brincadeira agora”, afirma.

A retórica de defesa da família e da vida já foi usada em campanha eleitoral, abertura de assembleia da ONU e ao lado do premiê da Hungria, Viktor Orbán, que persegue LGBTQIA+, quando citou lema de inspiração fascista — “Deus, pátria, família e liberdade”.

Dias critica possíveis impactos eleitorais das frentes. “Bolsonaro fez essa pauta de costumes, que é uma palavra horrível, como uma maneira de captar votos. Os parlamentares só apoiam para garantir reeleição. Só isso”, diz.

Antropóloga, pesquisadora do CEM-USP (Centro de Estudos da Metrópole) e professora do programa de pós-graduação em Educação da USP, Jacqueline Moraes Teixeira diz que o ministério, mesmo com baixo orçamento, busca contato direto, sobretudo em cidades pequenas, com a presença de Damare e Martins.

“É possível pensar na relação com pequenos municípios como ampliação do apoio do governo Bolsonaro em regiões em que ele recebeu poucos votos, que estão distantes do interesse direto de Bolsonaro, não são regiões em que ele foi, mas que o ministério prioriza para estabelecer uma relação.”

Teixeira, que pesquisa as ações da pasta de Damare, diz que se deve reconhecer que a direita fez da família uma aposta nos direitos hu-

manos. De acordo com ela, é mais palatável discuti-los a partir da perspectiva da família do que dos direitos civis, por exemplo. Essa estratégia aproxima da agenda conservadora eleitores que não estão vinculados a ela.

“Essa aposta garantiu um trânsito importante de ideias para Bolsonaro desde a campanha de 2018, e isso de alguma maneira atrelado à dinâmica das moralidades, de uma perseguição à ideia de ideologia de gênero”, afirma.

Aliados da secretária nacional seguem essa linha. “Para mim, [o conceito de família] é o tradicional, não que eu tenha preconceito”, diz a vereadora Nayara Barcelos (PRTB), de Rio Verde (GO).

Coordenadora da frente parlamentar em defesa da vida e da família que contou com a presença de Martins na instalação em 2021, ela se afirma cristã e articula pautas contra pedofilia, gravidez precoce e evasão escolar. Barcelos estimula parcerias com o governo para implementar Famílias Fortes, Reconecte e Acolha a Vida. Com recursos federais escassos, a cidade arca com os custos das ações.

Nem só prefeituras estão na mira. Criada em 2020, a Secretaria Extraordinária da Família do Distrito Federal também busca convênios com a pasta de Damare. A ideia é aderir ao Famílias Fortes.

“É aquela visão: uma família saudável, uma sociedade saudável”, diz o secretário Martins Machado, deputado distrital licenciado pelo Republicanos e pastor da Igreja Universal.

A ideologia, além de programas federais, também entra no radar. Coordenador da frente da Assembleia do Rio Grande do Sul, o deputado estadual Eric Lins (União Brasil) diz que o grupo foi criado em 2019 para reagir a investidas judiciais e de organizações não governamentais contra prerrogativas da família. Martins também esteve na instalação.

“A gente quer manter a família coesa, segura”, afirma Lins, que é evangélico e pré-candidato a deputado federal — segundo ele, a pedido do ministro Onyx Lorenzoni. “Iremos migrar para o PL”, diz sobre a ida para a sigla de Bolsonaro.



100 ANOS DE CAPAS DA FOLHA CHEGANDO À SUA CASA DE UMA SÓ VEZ.



**FRETE
GRÁTIS***

FOLHA
NÃO DÁ PRA NÃO LER.

folha.com/primeirapagina



APENAS
3x de
R\$ 43,30

Feitas no calor da hora, as primeiras páginas dos jornais são o rascunho inaugural da história. Não por acaso, décadas depois, tornam-se um documento essencial para a compreensão do passado e dos fatos que mais intensamente marcaram o país e o mundo.

A mais nova edição do livro "Primeira Página" reúne as capas mais importantes da **Folha** nos últimos 100 anos e convida o leitor a viajar no tempo por meio das manchetes e entender o momento presente. Não perca.

Compre por aqui
ESCANEE O QR CODE



guerra na ucrânia mundo

Nas ruínas de Moscou

Superpotências antecipam as consequências da guerra

Matthias Alencastro

Pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, ensina relações internacionais na UFABC

A guerra faz o choque que concretizou a transformação da União Europeia em unidade geopolítica. Ela recebeu o presidente Volodimir Zelenski no Parlamento, coordenou o armamento da sua resistência e ensinou sua desvinculação da capitalismo russo. Até o tabu da dependência dos hidrocarbonetos está ameaçado. Em nome do esforço militar, não estamos longe de ver ecologistas europeus votando a reabertura de minas de carvão

Os políticos que alimentavam a ambiguidade sobre o regime Putin foram extintos eleitoralmente. A candidatura do pró-europeu Emmanuel Macron a um segundo mandato presidencial foi um não acontecimento. Na reeleição pela guerra. Nas Estados Unidos predominou a lógica isolacionista na titulação por Donald Trump. No seu discurso sobre o Estado da União, Joseph Biden usou a Ucrânia como pretexto para retomar sua agenda de refor-

mas econômicas. Informes sobre o investimento em infraestrutura e a regulação do preço da gasolina ocuparam mais espaço do que as dívidas e a herança da crise. O Estado americano fornece recursos militares e pressiona os aliados russos, começando por Irã e Venezuela. Mas a alma da guerra continua na Europa. Face à ampliação da ameaça ocidental, Putin abriu o segundo front: a própria Rússia. Ele

impôs penas de 15 anos de prisão a quem criticar o conflito e encerrou toda a imprensa independente. Circulam rumores sobre a introdução da lei marcial e do recrutamento militar obrigatório. Assolada pelas sanções, a população russa também tem de enfrentar o regresso do totalitarismo. O Putin sobrevive e está no mantido por Oliver Stone, que chegou ao poder por meio de uma aliança entre a aparelha de segurança e a capitalista ex-

trativista, já pertence aos livros de história. Os seus discursos são todos encaixados no jargão nacionalista e religioso. Kiev será a primeira grande batalha da guerra da Ucrânia. Aos olhos dos europeus, a capital é a última linha de defesa da UE. Se ela cair, toda o continente ficará ameaçado pela ditadura militar-militarista. Na visão de Putin, Kiev "é a mãe de todas as cidades russas". A defesa do destino histórico do imperialismo russo justifica todos os meios: o massacre de civis, o terrorismo nuclear e a ameaça da bomba. Representadas pela seu porta-voz Zelenski, as forças mais radicais do poder ocidental emitem o avalamento imediato da Otan com a criação de uma zona de exclusão aérea, um suave eufemismo para guerra atômica.

Mas a escudela infernal deve ser evitada, e a primeira batalha não será a última. O lado derrotado será instado a se sentar à mesa de negociação que está sendo montada pelos diplomatas israelenses. Quanto à China, ela parece jogar em outro espaço-tempo. Seu apoio à Rússia não se estende a Vladimir Putin. Uma potência com ambições globais jamais selaria um pacto de morte com um regime em perificação. Pequim sabe que chegará a momento em que a Kremlin, com ou sem a autorização, vai precisar organizar sua resistência geopolítica. O cenário de uma Rússia economicamente dependente da China é visto como uma ameaça existencial pelos EUA. As ruínas de Moscou serão o palco da competição entre as superpotências deste século.

SEG: Matthias Alencastro | QUI: Lúcia Guimarães | SEX: Tatiana Prazeres | SAB: Jarne Spitzcovsky

Rússia fracassa na guerra da desinformação

Potência de manipular narrativas, propaganda de Putin perde eficiência diante de ativismo digital e ação preventiva

Patrícia Campos Mello

NOVA YORK A máquina de desinformação russa é uma das baixas da guerra na Ucrânia — ao menos até o momento. Considerada imbatível, a propaganda da Rússia não vem resistindo ao ativismo digital dos ucranianos e seu maior parceiro, o presidente Volodimir Zelenski, e a operação de desmascaramento preventivo empreendida por E.U.A., União Europeia e voluntários da comunidade de inteligência de dados abertos, que analisam imagens de satélite e informações públicas para detectar mentiras de Moscou. Por anos, a Rússia conseguiu manipular a opinião pública em diferentes partes. O país de Vladimir Putin deu um baile no Ocidente na anexação da Crimeia, em 2014, nas eleições dos EUA em 2016, no referendo do Brexit e nos pleitos de França e Alemanha em 2017. A doutrina russa maskirovka, que há anos usa camuflagem e mentiras encontrada na internet o ambiente de espionagem e estratégia. Segundo Keri Giles, especialista em Rússia do centro Chatham House, a meta é alterar percepções que os adversários têm do mundo, induzindo-os a tomar decisões que beneficiem os russos. Para tal, fazendas de trolls — com humanos contrata-

dos — e robôs, além de sites pseudonoticiosos e da mídia estatal, como RT, Sputnik e Tass, unem-se para fabricar consensos, corromper a legitimidade do adversário, espalhar o caos e deixar as pessoas sem saberem o que é verdade. Na anexação da Crimeia, a máquina de desinformação estava em seu apogeu. Ali, os "homenzinhos verdes" permitiram ao Kremlin negar envolvimento no conflito por semanas e culpar os ucranianos. A Rússia também recorreu a táticas para tentar apagar suas digitais na queda do avião da Malaysia Airlines que deixou quase 300 mortos em 2014. Na invasão em curso, o Kremlin voltou a lançar mão da estratégia, ainda que agora o protagonismo seja da mídia estatal, não tanto de fazendas de trolls. Os russos tentaram plantar três ações de "bandeiras falsas". Para tal, usaram canais anônimos no Telegram para espalhar rumores amplificados na mídia estatal. Facebook e Twitter removeram contas ligadas aos russos, como o de um site que atacava Kiev por meio de colonistas falsos, com fotos de pessoas geradas no computador. Desta vez, o Ocidente se antecipou e fez um "desmascaramento preventivo". O presidente dos EUA, Joe Biden, passou a divulgar informa-

ções dos serviços de inteligência, revelando que os russos estavam prestes a invadir e que usariam "bandeira falsa". Os russos, por sua vez, dizem que os americanos espalhavam fake news. Chineses faziam troça chamando americanos de "insignificantes". Aproveitavam-se da desconfiança em relação às falsas descobertas da inteligência dos EUA, que, em 2003, "achou" no Iraque armas de destruição em massa que nunca existiram. Mortes e ferimentos estratagemas no front, porém, são mais difíceis de desmascarar. "O Kremlin tentou repetir o que havia feito em 2014 dizendo que havia agressão ucraniana, mas agora há uma quantidade enorme de dados verificáveis", diz à Folha Tom Southern, diretor do Centro de Resiliência de Informações, que criou um mapa que mostra, em tempo real, movimentos militares russos e ucranianos, mortes e bombardeios. "Eles não acompanharam a evolução tecnológica". Para Christopher Paul, que estuda na RAND Corporation a guerra de desinformação russa, os atuais esforços de Moscou parecem menos eficazes. "Em 2014, os 'homenzinhos verdes' e as incertezas sobre os objetivos russos criaram confusão que impediu uma resposta coerente do Ocidente".

E os gigantes de tecnologia se mexeram, após anos de denúncias por ativistas ucranianos de contas falsas. O Twitter passou a colocar marcações de que determinado perfil pertence a uma mídia estatal russa, e Google, YouTube e Facebook proibiram RT e Sputnik de comprar anúncios. Os russos, obviamente, não detêm o monopólio da desinformação. O herismo de Kiev, um exímio piloto que teria abando sozinho dez caças russos, ajudou a aumentar o moral dos ucranianos. As suas postas proezas foram compar-

adas na conta do governo no Twitter. Só que alguns vídeos eram simulações por computador, e as fotos, de 2019. A propaganda da Ucrânia, porém, concentra-se mais na viralização de atos heroicos da população, como jovens fabricando coquetéis molotov, e em vídeos de cidadãos tentando bloquear a passagem de tanques — ainda que o governo tenha divulgado fotos e vídeos de militares russos feridos e mortos, o que muitos especialistas dizem ser uma violação da lei humanitária. Há, ainda, vídeos e comentários do presidente. O TikTok é a principal plataforma da batalha informacional da guerra e é dominado por ucranianos. Para RW Singer, estrategista do centro New America, essa propaganda está sendo muito eficiente, em parte porque a sociedade ucraniana não entrou em colapso após a invasão. Porém, a guerra de narrativas está longe de terminar. Um ponto crucial é o público doméstico. Por isso, o Kremlin tratou de sufocar o que havia sobrado de imprensa independente na Rússia, com uma lei que prevê até 15 anos de prisão a quem espalhar "informação falsa" sobre as Forças Armadas russas. O governo suspendeu em suas redes sociais estrangeiras — em possível retaliação às punições a

RT e Sputnik —, bloqueou o Facebook no país e restringiu o acesso ao Twitter, além de prender manifestantes. Enquanto isso, continua a lançar mentiras — programas de TV dizem que são falsas as imagens de barcos russos e de mísseis contra cidades ucranianas. Parte da população, porém, acessa vídeos barulhados por meio do Telegram ou da ferramenta VPN. "A comunicação doméstica não tem sido convincente tanto que as autoridades recerrem rapidamente à censura; o governo insiste em dizer que as ações são limitadas, mas muitos tiveram familiares convocados e sabem que não é verdade. Por outro lado, manifestantes têm sido detidos, e os russos se desengajaram da política há anos", diz à Folha Emerson Brookings, pesquisador do Atlantic Council. Se de fato fracassar a "censura pelo barulho" da desinformação, Putin deve tentar recriar na Rússia a miralha que a China construiu para censurar a internet e a mídia. É, entretanto, cada vez maior o volume de vídeos e fotos de soldados mortos, e a população encara a falta de comida nos mercados e o crescimento de filas nos bancos, resultado de sanções ocidentais. É difícil empacotar a narrativa que ofusque essa realidade.

Ataque mata família que tentava fugir de cidade bombardeada

CHARKIV. Enquanto tentava sair da cidade ucraniana de Irpin, nos arredores de Kiev, uma família foi morta neste domingo (6) em meio a um ataque de morteiros organizado por tropas russas, que buscam assumir o controle da região, importante artéria até a capital. A fotógrafa Lynsey Addario registrou o momento em que soldados ucranianos tentavam socorrer o pai, o único que ainda estava vivo quando o registro foi feito. A mãe, o filho adolescente e a filha, que aparentava ter em torno de 8 anos, já estavam mortos. A fotografia foi publicada no jornal The New York Times. A bagagem deles, que incluía uma mala de rodinhas azul e algumas mochilas, estava espalhada pelo chão, perto da calçada, junto com uma caixa verde, dentro da qual estava um cachorro latindo. Irpin, cidade de pouco mais de 60 mil habitantes, está sob bombardeio constante. A região fica a apenas 25 km de Kiev. Os soldados ucranianos no local, com apoio da população, chegaram a explodir parte de uma ponte que permite

acesso ao município, na tentativa de impedir que as tropas russas assumissem o controle, relatou à Folha o jornalista israelense Itai Anghel, que acompanha a situação in loco. Um vídeo divulgado nas redes sociais e checado pelo New York Times mostra o momento em que, com civis caminhando nas ruas com suas bagagens, os morteiros atingem o local. Soldados, então, correm para socorrer a família, que estava em uma esquina. O Ministério do Interior da Ucrânia disse que continuará a tentativa de retirada de civis de Irpin após o recente bombardeio, ainda que não haja rota de saída segura. Já o Serviço de Emergência do Estado informou que está montando barracas para prestar atendimento médico a todos que precisarem. O prefeito de Irpin, Oleksandr Markushin, informou que ao menos oito pessoas foram mortas durante as tentativas de retirar a população local. Em um vídeo, disse que a cidade está sob controle russo. "mas não se rendeu". Irpin está lutando.



Soldados ucranianos tentam socorrer o pai de família atingida por morteiros, em Irpin, perto de Kiev. Lynsey Addario/The New York Times

mundo
 guerra na ucrânia

Derrubada de estrela da Força Aérea de Putin indica nova fase da guerra

Caça Su-34 foi abatido pela 1ª vez, relatos não confirmados citam quedas de outras aeronaves

Igor Gielow

SÃO PAULO Uma estrela do arsenal aerospacial russo sofreu sua primeira baixa no fim de semana na Ucrânia, quando um avião de ataque caça, a bordo do piloto ucraniano Su-34, foi abatido a norte de Kiev. Não é uma perda casual, e também indica que a guerra aérea na Ucrânia está entrando em nova fase — isso não deverá trazer boas notícias para quem está no solo, nem para as forças de Vladimir Putin.

O avião protagonizou um vídeo muito divulgado no sábado (5), que o mostrava caindo sobre uma área residencial de Tchernihiv sob aplausos. As fotos dos destroços permitiram identificar a aeronave com precisão. Trata-se do Su-34 número 24 Vermelho, entregue à Força Aérea em

2018, sendo baseado em Tchernobyl (Sibéria). Na sexta, houve o relato da derrubada de outro modelo do tipo em Volkhonava, mas ainda não foram apresentadas provas.

Segundo a imprensa ucraniana, o avião foi derrubado por um míssil disparado pelo lançador portátil de origem soviética Igla-S, que é usado no Brasil, o que significa que a aeronave estava voando a menos de 5 km de altitude.

O Su-34 é um potente bimotor de longo alcance, equipado para ataques de precisão a alta altitude. Se voava baixo e, pelas imagens carregava bombas de queda livre FAB-500, supunha-se possível fazer um ataque próximo ao solo.

A Rússia vem degradando as defesas aéreas ucranianas. Mas lançadores portáteis e sistemas móveis soviéticos são

quase impossíveis de erradicar. Ali entram duas considerações. Primeiro, que os russos podem ter abusado da soberania aérea. E, mais importante, estão dispostos a expor as joias de sua coroa nessa nova fase. Até aqui, o grosso dos ataques aéreos de Putin foi conduzido com mísseis de cruzeiro Kalibr, balísticos Iskander, e antirradar Krypton.

Ao empregar a aviação tática, os riscos de perdas sobem no ar e na terra. Sendo alvos de bombas "burras" como a FAB-500, civis vão enfrentar áreas maiores de destruição o que condiz com a ideia de que Putin quer agora pressionar Kiev a se render por meio de campanha mais intensa.

O próprio Ministério da Defesa da Rússia fez questão de marcar o inflexão com um vídeo no YouTube neste domingo (6), mostrando um Su-34 e um caça-bombardeiro Su-25 levantando voo com bombas.

Há um preço de prestígio a pagar. Além do Su-34, há relatos não confirmados que no sábado mais sete aeronaves foram abatidas, incluindo caças multissensores Su-30SM e helicópteros de ataque Mi-24/35M.

Um dos últimos protagonistas outro vídeo que viralizou. Ali, a curiosidade é sobre qual lançador de míssil portátil foi usado, se o Stinger americano ou se um Starstreak britânico. O rastro de fumaça sugere o segundo, que até agora não se sabia estar em mãos de Kiev.

Analistas militares vinham mostrando surpresa pela falta de ação da Força Aérea russa e com o fato de que os ucranianos ainda operam, aparentemente, aviões e defesas de forma algo limitada. Agora

será a hora de aferir se o fracasso da aviação russa na guerra de 2008 da Geórgia, que levou à reorganização e à modernização das Forças Armadas de Putin, deu certo na prática.

Mas a situação está ficando pesada para os ucranianos, que tinham 37 MiG-29 e 14 Su-27 antes da guerra. Volodimir Zelenski fracassou em conseguir que a Otan estabelecesse uma zona de exclusão aérea, o que arriscaria a Terceira Guerra Mundial, e quer que Polónia e Eslováquia lhe cedam MiG-29 que operam.

O problema é trazer o avião por solo. Neste domingo os EUA discutiram o assunto com governos aliados da Otan.

No caso do Su-34, o piloto ejetou e sobreviveu, mas seu navegador ficou preso no cockpit e morreu. O aviador foi capturado, e a imagem co-

meçou a circular é um certo major Khrushchev, que em 2016 posou ao lado de Putin e o ditador Bashar al-Assad em uma base russa na Síria.

Com outros pilotos e aviões russos ao fundo, celebrava-se a intervenção militar promovida por Putin em 2015 para salvar o aliado na brutal guerra civil iniciada em 2011. Moscow teve lá a oportunidade de experimentar suas aeronaves e táticas em combate — e o Su-34 ganhou fama de implacável.

Seu desempenho foi tão elogiado que a produção, limitada desde sua entrada em serviço em 2014, foi acelerada. Até a guerra havia 12 unidades distribuídas por três regimentos.

O Su-34 é um redesenho do clássico Su-27, ou o primeiro protótipo voou em 1990, na época soviética. Tem a cabine maior com fundo mais achatado e toda blindada. Os dois pilotos vão lado a lado, enquanto em versões bipostas de variantes modernas como o Su-30 ficam um atrás do outro.

Seguindo uma tendência de forças modernas, ele deverá substituir outros modelos mais antigos, como o veterano avião de ataque a solo Su-25 e o Su-24, ambos em ação na Ucrânia, dos dois lados do conflito.



Moradores de Odesa se preparam para o provável ataque de tropas russas; muitas ruas da cidade no sul da Ucrânia têm barricadas

Só fechar espaço aéreo pode salvar Odesa, diz prefeito

André Lúcio

ODESSA (UCRÂNIA) “Cada pessoa reunida neste salão converteu com dez conhecidos na Rússia. Ligamos e dissemos a eles o que o Exército russo está fazendo com a Ucrânia”, conta Vadim Tereshchuk, vereador da cidade portuária de Odesa, no sul da Ucrânia.

“Uma das respostas que recebi de um antigo colega foi que nós, ucranianos, fomos uma merda nos sapatos da Rússia”. E foi uma pessoa bem educada que me disse isso”, Tereshchuk continua.

“Os russos dizem: ‘Temos que defender nosso país’. Eu respondo que a Rússia de Vladimir Putin não é deles, que eles são escravos do regime de Putin. A algarvia que o escravo usa não é dele, mas é de quem o domina. Vladimir Putin é um ditador que está mandando seus escravos para o inferno”.

Na tarde de sábado (5), o conselho municipal de Odesa, sob a liderança do prefeito Genadi Trukhanov, convocou uma reunião. Os políticos tiveram que se encontrar em um escritório onde

antes funcionava um banco, agora abandonado. O edifício da prefeitura era perigoso demais para ser usado por eles.

A poucos quilômetros de distância dali, no mar Negro, a frota russa de guerra aguarda a ordem de Moscou para atacar Odesa, a última cidade do sul do país ainda sob total controle do governo ucraniano.

“Relatores que recebemos dos militares ucranianos mostram que navios de guerra da Rússia passam aqui pela costa o tempo todo. Então é óbvio que eles estão se preparando para um desembarque em breve”, afirma Trukhanov.

“Se nós perdermos essa parte do mar Negro, ficaremos cercados sem acesso ao mar. A ocupação russa da cidade de Odesa seria um desastre para toda a economia ucraniana”.

Neste domingo (6), o presidente ucraniano, Volodimir Zelenski, falou que as forças russas estão se preparando para bombardear Odesa.

Grande parte das exportações de trigo da Ucrânia deixam o país por meio dos portos dessa região — Ucrânia e Rússia, juntos, respon-

dem por 25% das exportações mundiais dessa commodity.

Vladimir Putin está disposto a destruir Odesa para atingir seus objetivos?, pergunta o prefeito. “Prefiro não acreditar, mas quando vejo o que aconteceu em cidades como Kharkov, Tchernobyl, Mariupol e Kherson, não tenho mais dúvidas de que Putin está disposto a usar todos os métodos para atingir seus objetivos. Mesmo que para isso ele coloque Odesa completamente em ruínas”, responde Trukhanov.

Quase no mesmo momento em que a reunião do conselho de Odesa começava, dois caças russos foram abatidos pelas Forças Aéreas ucranianas, de acordo com um relato do comando militar da região.

“A guerra sangrenta continua, e o inimigo está ficando mais fraco a cada dia. Mas os russos estão usando ativamente a Força Aérea contra nós. Fechar o espaço aéreo é o que pode fazer a diferença”, afirma o Trukhanov ao jornal norueguês DN.

“Quero pedir a todos os prefeitos das nossas cidades — mas que nos ajudem a con-

venir os líderes de seus países a fechar o espaço aéreo sobre a Ucrânia. Somente isso pode salvar Odesa”.

Enquanto os membros do conselho assinavam o documento formalizando o pedido de ajuda direcionado a todas as cidades-irmãs, um dos vereadores começou a chorar.

O apelo dos vereadores de Odesa é um eco da Segunda Guerra Mundial. A ideia de cidades-irmãs surgiu na época para forjar laços entre regiões devastadas pelo conflito.

Depois do bombardeio de Coventry, em 1940, mais de 800 mulheres da cidade britânica bordaram seus nomes e a frase “pouca ajuda é melhor que grande simpatia” em uma tela e a enviaram, com uma quantia em dinheiro, para as vítimas da Batalha de Stalingrado. Em 1944 Coventry e Stalingrado (hoje chamada de Volgogrado) formalizaram acordos de cooperação. Depois vieram outros.

Depois da invasão da Ucrânia por Putin, diversas cidades europeias romperam seus acordos de amizade com localidades da Rússia.

“Vemos que as pessoas esqueceram a lição da Segunda Guerra Mundial, não adianta negociar com um ditador. A Rússia é incapaz de viver com um país livre como vizinho, e contra a mentalidade do ditador. Temos um bom crescimento econômico e somos vistos como uma ameaça. É por isso que eles querem nos matar”, diz Trukhanov.

A entrada do banco desativado, onde os políticos locais se encontraram para a reunião deste sábado, é protegida por uma barricada de sacos de areia com 1 metro de altura. Do lado de fora, um pequeno grupo de soldados armados com metralhadoras acompanha todos os movimentos nos arredores.

“Não sei o que acontecerá com a Ucrânia, mas estou certo de que, em três anos, a Rússia não existirá como a conhecemos. A Rússia vai destruir a si própria. Eles bloquearam grande parte da internet e se focaram a oposição, mas não conseguem fechar tudo. Não podem isolar todos da verdade”, diz o vereador e advogado Vadim Tereshchuk.

UCRANOTAS

Negociador ucraniano é morto; deputado diz que homem tralva o país

Denis Kureiev, um dos integrantes do time negociador ucraniano que tem se encontrado com representantes russos na Belarus, foi morto no sábado (5) em Kiev. Segundo o governo, ele e outros três membros do serviço de inteligência “foram mortos enquanto executavam uma missão especial”, sem nenhum detalhe. Para um deputado ucraniano, Alexander Dubinsky, a história é outra: ele morreu ao ser preso sob acusação de traição pelo governo. Kiev está tomada pelo clima de paranoia.

Segundo jornalistas na capital ucraniana, todas as pessoas na rua são tratadas como suspeitas de sabotagem ou colaboração com os invasores.

Para papa, o que ocorre no país é guerra, não ‘operação especial’

O papa Francisco rejeitou neste domingo (6) a afirmação do governo russo de que está realizando uma “operação militar especial” na Ucrânia. Para o pontífice, há de fato, uma guerra em curso. “Na Ucrânia, correm rios de sangue e lágrimas. Esta não é apenas uma operação militar, mas uma guerra que está levando a morte, destruição e miséria”, disse em seu discurso na Praça de São Pedro.

Garoto ucraniano cruza fronteira sozinho e é tratado como herói

Um garoto de 12 anos deixou sozinho a cidade ucraniana de Zaporizhzhia e cruzou a fronteira com a Eslováquia neste sábado (5). Segundo o Ministério do Interior eslovaco, ele traz consigo apenas um saco plástico, um passaporte e um número de telefone escrito na mão. Os pais dele tiveram que ficar na Ucrânia. Tratado pelas autoridades eslovacas como “o maior herói da noite de ontem [sábado]”, o garoto não teve o nome divulgado. Zaporizhzhia é onde fica a usina nuclear ocupada pelos russos. Pouco mais de 100 km separam a cidade da fronteira com a Eslováquia, uma das portas de entrada da Europa para os refugiados da guerra.

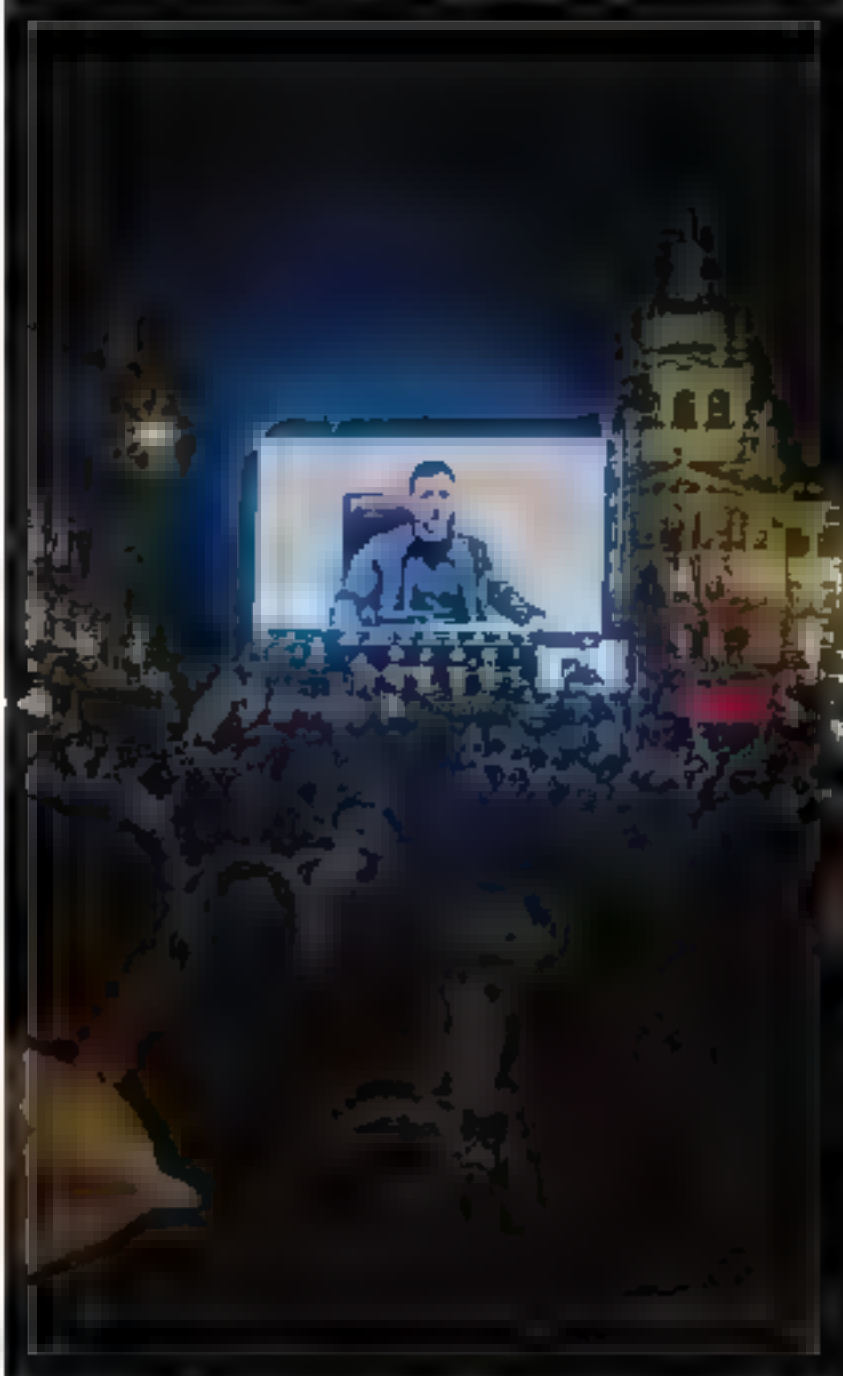
Zelenski aproveita recursos do humor para a guerra narrativa

Presidente da Ucrânia foi zombado por Bolsonaro pelo passado de humorista

Anna Virgínia Ballouassier

SÃO PAULO Nos últimos dias, a internet recordou diversos vídeos do humor que hoje se encontra no centro da maior crise belica em décadas. São imagens de Volodimir Zelenski, 44, apresentando-se em 2006 com um conjunto rosa cintilante em “Dancing with the Stars” francês batizada de “Dança dos Famosos” no Brasil, ou dublando a animação de Paddington, um urso falante que ridinho de crianças britânicas. Outro vídeo viral resgatado do brejo virtual: uma performance de quase seis minutos em que ele, de calças arriadas, aparenta tocar piano com o pênis —um dos destaques foi a interpretação falica de “Hava Nagila”, clássico do cancionero judaico que significa em hebraico, “alegreimo-nos”. Alegria conterrâneos foi por mais de 20 anos, o ofício de Zelenski. Hoje ele atravessa uma improvável ornada: de um dos humoristas mais populares do país a presidente da Ucrânia em tempos de guerra. Três anos antes de ser invadida pela Rússia de Vladimir Putin, a ex-costela soviética elegeu como líder um artista famoso pelo papel de um homem comum que, por piruetas do destino, virou chefe de Estado. “Sluha Narodu” (servo do povo) estreou em 2015 e por

três temporadas, contou a história deste professor de história que desabafa em sala de aula sobre uma nação fadada a escolher “entre os mesmos dois habacos de sempre”, e gravado por um aluno, viraliza, entra na política e acaba vencendo o pleito. A série saiu do ar pouco antes de a ficção imitar a realidade, e seu ator principal ganhar a Presidência. Quando a Ucrânia começou a ser bombardeada pelas tropas de Putin, Zelenski estava em telas por toda a parte, e a carreira prévia voltou a ser assunto, sendo citada, com ironia, por Jair Bolsonaro. “Os ucranianos confiaram a um comediante o destino de uma nação” disse o presidente brasileiro no domingo (27). Ao contrário, as redes destas bandas lembraram do humorista Danilo Gentili. Farta ele também com a ideia de receber a faixa presidencial. Avaliada pelo MBI, a candidatura do apresentador do SBT chegou a ser medida por alguns institutos de pesquisa. O próprio postou no Twitter, após a vitória de Zelenski, em 2019, que em 2023 ou 2026 ele estaria na praça. “Contem comigo”. André Máximo, que em 2018 fez sucesso parodiando uma conversa entre Bolsonaro e Donald Trump, à época presidente dos EUA, pediu “máximo respeito” ao líder ucraniano e



Manifestantes contrários à invasão veem discurso de Zelenski em Praga, capital da República Tcheca. Matias Gade - Agência AFP

o quem se dedica ao humor. “Os defensores da agressão russa à Ucrânia acharam uma ótima ideia ridicularizar Zelenski por ele ter tido uma carreira como humorista e ator antes de eleito” diz à Folha o filho do empresário Paulo Marinho, que hospedou o QG da campanha bolsonarista em 2018 mas hoje é de oposição. “Mas sabe na companhia de quem ele está? De gente do tamanho de Ronald Reagan, responsável pela vitória do mundo livre na Guerra Fria, e sem disparar um único tiro”, afirma ele sobre o ator hollywoodiano que assumiu a Casa Branca nos anos 1980. Ironia é não perceber que, ao debochar das credenciais do ucraniano, Bolsonaro alveja “o maior líder conservador da história recente”, segundo Marinho. “Nunca imaginei que fosse ver o Bozo falando mal de palhaço”, diz o humorista Antonio Tabet. “Quem está hoje no poder cansou de avaliar o caráter das pessoas por religião, características físicas e até sexualidade. Não seria diferente com uma profissão que julga menor ou vulgar. Nem todo comediante teve a sorte de ser um capitão reprovado pelo Exército ou ser um político encostado nos últimos 34 anos.” Seu colega no Porta dos Fundos Gregorio Duvellier diz que

seria lucro se o país estivesse sob jugo de um ex-comediante. “Ninguém tem dúvidas de que até Tchernica teria sido presidente melhor que Bolsonaro.” Mais do que não atrapalhar o exercício presidencial, o passado no entretenimento pode ajudar Zelenski num conflito que é também de narrativas. “Ele sabe lidar com o público e com a câmera”, diz Tabet. “Isso dá uma vantagem sobre o nada carismático Putin, sobretudo em relação à opinião pública internacional.” Os vídeos da fase humorista colaborariam inclusive para torná-lo uma figura amigável, reforçando a contraposição a Putin, fotografado com frequência na cabeceira de mesas imensas, isolado, ainda que neste sábado tenha feito um esforço de imagem numa conversa com funcionárias da estatal aérea Aeroflot. Cercado de mulheres, não exigiu distanciamento. É o ucraniano parece consciente do poder de sua retórica. Em discurso ao Parlamento Europeu, fez chorar um intérprete que o traduzia para o inglês. “Proven que são realmente europeus, então a vida vencerá a morte, e a luz vencerá as trevas.” Quando, dias atrás, líderes europeus se reuniram para debater sanções contra a Rússia, alguns titubearam sobre pegar muito pesado, como o prêmio de nobre Olaf Scholz. Zelenski, então, entrou na ligação. De acordo com o jornal Washington Post, o apelo emocional surtiu efeito imediato. Ele disse, essencialmente, que seu povo estava morrendo por ideais europeus. Antes de desugar, falou com uma naturalidade desconfortante que aquela poderia ser a última vez que o veriam vivo.

Nunca imaginei que fosse ver o Bozo falando mal de palhaço

Antonio Tabet, humorista, em crítica a Jair Bolsonaro

Conflito evoca passagem bíblica e expõe falsidade de Moscou

OPINIÃO

Maxim Orlov

Escritor russo e psicanalista. Teve sua obra traduzida em uma dúzia de idiomas. Morou em Tula (leste da Rússia), mas de lá só foi após o início da guerra

Disse o Senhor: “O que foi que você fez? Escute! Da terra o sangue do seu irmão está clamando. Agora analdado é você pela terra, que abriu a boca para receber da sua mão o sangue do seu irmão. Quando você cultivar a terra, esta não lhe dará mais da sua força. Você será um fugitivo errante pelo mundo”

GENÊSIS 4.10-12

Meu pai, Aleksandr Fokhtman (1910-1991), nasceu em Prusky (renomeada Kholmensk em 1954), no oeste da Ucrânia. Em junho de 1941, durante os primeiros dias da guerra, ele deixou a cidade com seus pais e irmãs mais velhas, para nunca mais voltar. Todos os membros da família que não conseguiram escapar foram mortos em Babi Yar junto com outros 14 mil judeus. A viagem para Kiev foi longa —11 dias de trem. Os trens fo-

ram bombardeados, e os trilhos levaram tempo para serem consertados. De Kiev, a família foi enviada para leste. Meu pai falava dessa experiência com frequência e certa vez mencionou um detalhe comovente: entre as coisas que levaram havia um volume de Lessing, o romântico alemão. Esqueci muita coisa que meu pai me disse, mas esse pequeno volume de Lessing —peças escritas na língua do inimigo— ficou na minha mente. Hoje, muitos estão escrevendo sobre guerra, e todos pensam sobre ela. Os sentimentos que prevalecem são de ódio por aqueles, ou melhor, por aquele que desencadeou-a, de medo compreensível pelo futuro e de uma vergonha que não pode ser lavada pela fórmula “não em meu nome”. Aisso podemos acrescentar a admiração pela resiliência do povo ucraniano e do presidente do Exército da Ucrânia —a que o governo russo se refere como um “bando de viciados em drogas e neonazistas” ou como “formações ucranianas”. Esse tipo de linguagem revela tanto a profunda falsidade

do governo russo quanto sua misantropia essencial. Eles até começaram a falar na “solução para a questão ucraniana”. É a guerra em si não é uma “guerra”, mas uma “operação especial”. Eles alegaram, por exemplo, que “destruíram 200 neonazistas” em vez de “mataram 200 soldados e oficiais”. Por que tentar humilhar adversários? Especialmente aqueles que vivem, como se costuma dizer, numa “nação fraterna”? Sobre o tema da fraternidade, de partei, perdi pequena manifestação contra a guerra em Tula, com uma placa que dizia: “Calm, onde está seu irmão Abel?”. Esta guerra a deve ser chamado pelo que é: fratricida. E não se pode responder à pergunta: bíblica no espírito do herói do filme cult de Alekséi Balabanov, “Irmão” (1997). “Você não é meu irmão, escória de bunda preta”, diz esse herói —resposta que moldou a atitude de gerações de russos em relação a pessoas de aparência diferente “não-escavas”. O clima dominante entre meus amigos é este: que terrível desastre vivermos para ver. Ainda assim, não é inédito.

“Ninguém falou de ódio aos russos. Não era ódio, pois eles não consideravam aqueles russos como seres humanos, mas era tanta repulsa, repugnância e perplexidade diante da crueldade sem sentido dessas criaturas, que o desejo de exterminá-los — como o desejo de exterminar ratos, aranhas venenosas ou lobos — era um instinto tão natural quanto o de autopreservação.” A passagem de “Hadji Murad”, de Tolstói, tem raízes em uma época completamente diferente. De tempos em tempos recupera sua relevância. Eu jogo xadrez na internet. É uma alívio de habitual, como jogar paciência ou resolver palavras cruzadas. E muitas vezes me deparo com usuários ucranianos, mas nos últimos dias, quando eles veem a bandeira russa no meu nome, escrevem “Não, não com ocupantes” ou saem do jogo. A reação é natural e correta. E nos obriga a considerar até que ponto nos, que carregamos a língua russa como parte da identidade, somos responsáveis pelo que acontece. O notável poeta Alexei Tsvet-

kov oferece a seguinte parábola: “Imagine passar por um lago no qual uma criança está se afogando. Você não sabe nadar, tem certeza de que não sabe, então fica à beira da água, torcendo as mãos, enquanto a criança afunda diante dos seus olhos. Você não tem culpa, mas se não sentir remorso pelo resto da vida, alguma peça importante da máquina mora, foi removida de você”. Palavras muito precisas. Claro, os que consideram a guerra com a Ucrânia o início do colapso da Rússia estão certos. Os planos de uma pequena guerra vitoriosa, uma “blitzkrieg”, desmoronaram. Governantes autoritários nunca são perdoados por guerras perdidas, mas é improvável que os resultados desta se limitem a uma mudança de governante. A história da nossa país está chegando ao fim, mas acredito que a língua russa sobreviverá, embora seu domínio inevitavelmente diminua. Voltando ao volume de Lessing, o menino que foge de Kiev — não para leste, mas na direção oposta — levará consigo um livro escrito na língua do inimigo. Talvez “A Filha do Capitão”, de Pushkin, ou mesmo “Hadji Murad”? Simplesmente não sei. Tradução de Luiz Felipe M. Gonçalves

TODA MÍDIA

Nelson de Sa
nelson.sad@grupofolha.com.br

Na guerra, Xi busca segurança alimentar; Biden, conter inflação

Vem de dezembro a preocupação chinesa com “segurança alimentar”. No domingo, foi a manchete do portal Guancha, em chinês, “Xi Jinping: Não espere que a segurança alimentar seja resolvida pelo mercado internacional”. Também foi a manchete em tom mais contido, do Diário do Povo, o principal jornal do PC. E a declaração de Xi foi reproduzida na principal rede do país, CCTV. “Nós não devemos confiar no mercado internacional”. Quando começaram os alertas

de Xi, há quatro meses, eles eram vistos como referência às importações de EUA e Brasil. Mas a frase agora ecoou na Bloomberg e na Reuters como ligada ao “conflito entre Rússia e Ucrânia, dois grandes produtores de grãos”. Se Xi está preocupado com a comida, Joe Biden está atento à inflação, aos preços do petróleo. Para o Wall Street Journal, é o maior risco do conflito para a economia do país, diante das pressões para banir o petróleo russo. O WSJ vem cobrindo o es-

forço americano para, às pressas, fechar um acordo com o Irã e liberar seu petróleo. E o New York Times noticiou que Biden enviou altos diplomatas à Venezuela, para um acordo que permita o mesmo. “Se os EUA reduzirem as importações da Rússia, a Venezuela poderá repor parte do suprimento perdido” apontou o NYT, citando especialista. **BAZAR CHINÊS** Quanto à economia russa, o financeiro Kommersant vem cobrindo os esforços para manter ativos os negócios de empresas americanas e europeias que deixam o país e também as operações financeiras, no caso, apelando para

instituições chinesas. Segundo o WSJ, as “sanções acidentais” terão menos efeito “se a China oferecer seu bazar” de ferramentas financeiras, usadas com países como o Irã. **COMPRANDO RUSSIA** O WSJ também destacou no alto da home que “investidores [americanos] começam a comprar títulos da Rússia” projetando que “eles vão se recuperar se a guerra chegar a um fim”. Fim que o NYT, por outro lado, citando diplomata, projeta como “o novo mundo da desordem, se a Rússia tomar a maior parte da Ucrânia e Putin ainda estiver no poder de uma economia russa em grande parte estável”.



NY POST, NYT E O VOTO SINO-AMERICANO Um movimento da comunidade chinesa derrubou autoridades democratas, em San Francisco, e acordou a imprensa dos dois lados; o New York Post, primeiro, e em seguida o NYT, este até com análises eleitorais, passaram a destacar os protestos de Chinatown (acima) contra a onda de ataques racistas

entrevista da 2ª



Tainah Pereira/Foto: J. Silva

Tainah Pereira

Eleição de mulher negra não beneficia só mulheres negras

Tainah Pereira afirma que é necessário afastar ideia de que eleger pessoas negras é identificar o

ENTREVISTA

Tayguara Ribeiro

SÃO PAULO Embora as mulheres negras sejam o maior grupo demográfico do país e representem 28% da população brasileira, elas estão sub-representadas nos cargos políticos.

Na Câmara e no Senado, por exemplo, há só 14 parlamentares negras, o que corresponde a pouco mais de 1% das cadeiras do Congresso Nacional.

Para tentar mudar essa realidade surgiu em 2018 o Movimento Mulheres Negras Decidem, coordenado atualmente pela cientista política Tainah Pereira, 28.

"Nós estamos empenhadas em fazer um debate mais sofisticado sobre a questão das identidades. Afastar da mídia essa ideia de que eleição de pessoas negras, eleição de pessoas LGBTQIA+ tem a ver com identitarismo ou com fazer políticas apenas para aquele grupo social", afirma.

Assim como outros coletivos (Vote Nelas e Vamos Juntas, por exemplo), que pretendem incentivar a participação política feminina, o projeto promove encontros para discussão sobre o funcionamento do sistema político, debates e espaços de formação.

Além de apoiar as candidaturas de mulheres negras nas eleições para cargos no Congresso e no Executivo, o Mulheres Negras Decidem também apoia a participação de mulheres negras em disputas para posições em outros espaços, como conselhos tutelares.

O projeto busca levantar dados e realizar pesquisas sobre a participação política de mulheres negras, não só o número de candidatas e eleitas, mas leis e projetos relacionados.

Outra forma de atuação do movimento é tentar desmutificar, por exemplo, que pessoas negras não votam em candidatos negros.

"A gente busca qualificar

essa agenda, esse debate público sobre o que é o imaginário em relação à participação política de mulheres negras e quais são as inovações que mulheres negras trazem para a política institucional."

Qual a perspectiva para um possível aumento no número de mulheres negras candidatas e eleitas em 2022? A gente considera que o ano de 2018 foi o ano para a participação das mulheres negras na política institucional. Tivemos um aumento expressivo de candidaturas, já existia esse movimento desde 2014. Chegou um pico em 2018, muito motivado pelo feminicídio político da Marielle.

A perspectiva é que nas eleições deste ano esse percentual se mantenha de candidaturas.

O que a gente trabalha agora é o aumento da elegibilidade. Não basta ter mulheres negras se candidando, a gente quer que isso se converta em novos mandatos.

Na medida em que o debate sobre representatividade avança e que ocorrerem conquistas no acesso de mulheres negras nesses espaços, acontece: eu uma apropriação [da pauta] por alguns grupos que não tem compromisso histórico com a pauta de universalização dos direitos humanos.

Ocorreu o escândalo de candidaturas laranjas do PSL e existem pessoas negras colocadas em partidos políticos que não constroem com os movimentos negros, com movimento de mulheres, e que têm agendas associadas a outros interesses.

Nós estamos empenhadas em fazer um debate mais sofisticado sobre a questão das identidades. Afastar da mídia essa ideia de que eleição de pessoas negras, eleição de pessoas LGBTQIA+ tem a ver com identitarismo ou com fazer políticas apenas para aquele grupo social.

A gente enfatiza que a agenda de mulheres negras é universal e voltada para a comunidade. Tudo que é popular no Brasil compreende as mulheres negras. Queremos desmutificar que a eleição de mulheres negras beneficia somente mulheres negras.

Como surgiu o movimento? Nasce em 2018, para pensar a democracia. Foi um movimento fundado por cinco mulheres: três de Rio de Janeiro e duas de São Paulo. Para pensar soluções para a participação de mulheres negras na política institucional. O movimento surge antes do assassinato da vereadora Marielle Franco (PSOL-RJ).

Após a morte [da parlamentar], ocorreu um aumento no interesse de mulheres negras de se aproximar de movimentos como o Mulheres Negras Decidem. Isso trouxe uma responsabilidade grande naquele momento para que a gente conseguisse ser um espaço seguro para a construção política. Até hoje temos protocolos de segurança para as reuniões.

A gente busca qualificar essa agenda, esse debate público sobre o que é o imaginário em relação à participação política de mulheres negras, quais são as inovações que mulheres negras trazem para a política institucional.

Este ano ocorrerá a terceira eleição desde que o projeto existe. Em quais avanços identitários que o movimento conseguiu contribuir? 2020 foi um ano bem importante. Tivemos eleições municipais. Foi o ano que fizemos a pesquisa que foi um retrato sobre a participação política das mulheres negras naquele momento. O que as mulheres negras estavam fazendo no contexto eleitoral, ao mesmo tempo em que tinham que lidar com a crise sanitária.

Isso trouxe para junto do movimento muitas mulhe-

res negras de vários lugares do Brasil, fez com que o movimento crescesse.

Também em 2020 começaram as conversas com alguns atores da política que culminaram com a discussão no TSE (Tribunal Superior Eleitoral) sobre a destinação de tempo de propaganda e de recursos dos partidos para candidaturas negras. Foi um processo que a gente participou ativamente.

A quais fatores podemos atribuir alguns dos avanços conquistados? Certamente coisas como o do George Floyd ajudam a impulsionar a pauta. Mas é a presença de mulheres negras na política institucional, na mídia, na academia, que faz com que o tema seja reposicionado.

O debate sobre representatividade, já existe há muito tempo. A cada ciclo eleitoral a gente tem a oportunidade de ir um pouco mais fundo nessa conversa.

O movimento tem alguma ligação partidária? Dialoga apenas com mulheres progressistas? Não tem ligação com nenhum partido. Nunca teve. A gente está sempre pensando em como dialogar com grupo de mulheres que não estão tão próximas do projeto.

A gente tem como meta estratégica ter uma proximidade maior com as lideranças de mulheres trans.

E também com mulheres que não se consideram progressistas, como as religiosas, por exemplo. É o caso de mulheres de alguns partidos de centro. Mas o movimento sempre foi suprapartidário.

E o diálogo com mulheres negras que se consideram conservadoras ou que fazem parte de partidos de direita? Na verdade, existe uma carência de espaços para as mulheres discutirem sua participação na política institucional. Elas eventualmente pro-

Tainah Pereira, 28

Mestre em ciência política pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Formada em relações internacionais, é coordenadora política do movimento Mulheres Negras Decidem.

curam. Com o tempo muitas se afastam por conta da dificuldade com alguns temas da nossa agenda.

A gente sabe que para uma mulher que está em um partido de direita vai ser muito difícil conseguir espaço para debater, por exemplo, direito reprodutivo e que é uma pauta muito cara para o movimento de mulheres negras no Brasil.

Mas já tivemos participação no nosso movimento de mulheres do PMB, PSDB, Podemos, PSD. Elas compõem, participam das reuniões, mas às vezes com reservas sobre alguns temas. Todas as mulheres são bem-vindas, mas a gente percebe que os encontros nos partidos de direita são um pouco maiores, embora a gente saiba que as mulheres negras também enfrentam questões nos partidos de esquerda.

Como avalia as mudanças na distribuição de verba partidária e tempo de TV para candidaturas de mulheres e pessoas negras? É o que a gente tem de mais concreto em termos de política pública visando uma participação mais diversa. Em 2020 o recurso chegou muito tarde e em uma quantidade inferior ao de pessoas brancas.

Ainda faltam mecanismos de verificação [na Justiça Eleitoral] sobre o caminho que o dinheiro faz até chegar nas candidaturas e mecanismos internos dos partidos de responsabilidade dessas candidaturas. Ainda tem muito para avançar. Temos que avançar também no debate sobre violência política.

Quais são algumas das principais dificuldades ainda enfrentadas para que mulheres negras participem da política? A primeira é acesso a recursos. Também existem uma série de escolhas que a mulher precisa fazer: Conciliar a atuação política com o trabalho, com o cuidado com a família. Tem ainda as estruturas partidárias, que são comandadas por homens brancos e apresentam um engessamento e tem pouco espaço para antirracismo e equidade.

Outra dificuldade é a violência política. A prática de coagir e tentar impedir a participação feminina sempre existiu.

Falta qualificação do debate. Existem muitos e desinformação tais como pessoas negras não votam em candidatos negros ou "mulheres negras são menos qualificadas para cargos de decisão".

Falta informação e isso continua o debate e desmotiva a participação. Fica a percepção que espaço de disputa de um cargo eleitoral é muito distante e isso acaba apartando esse grupo social.

Existem alguns outros movimentos sociais que também buscam incentivar a participação de mulheres. Esse é o melhor caminho para aumentar a presença feminina? É fantástico e muito necessário. Nós temos um diálogo muito próximo com a imensa maioria desses movimentos. A gente entende que tem um trabalho complementar.

No momento elas nos procuram para que a gente auxilie na busca ativa por perfis de liderança de mulheres negras. E nós também somos informadas por estes outros movimentos de alguns temas.

Poucas mulheres estão sendo cotadas para liderar chapas nas eleições para governo estadual e para a Presidência. No máximo, os nomes são cogitados para vice... As lideranças políticas feministas estão muito conscientes sobre isso. Ter uma mulher na chapa ou uma pessoa negra só para dizer que tem [participação]

As mulheres que são convidadas para participar, não só compondo a chapa, mas também se engajando nas candidaturas que serão predominantemente masculinas e brancas, precisam colocar pelo menos uma série de contrapartidas.

Certamente casos como o do George Floyd ajudam a impulsionar a pauta. Mas é a presença de mulheres negras na política institucional, na mídia, na academia, que faz com que o tema seja reposicionado

Renda de brasileiros com lucros e dividendos cresce na pandemia

De cada R\$ 100 declarados, R\$ 70 estavam com o 1% mais rico, recursos são isentos de imposto

Ídiana Tomazelli

BRASÍLIA A renda declarada por brasileiros com lucros e dividendos subiu a R\$ 384,1 bilhões em 2020, ano em que o surgimento da pandemia de Covid-19 destruiu milhões de postos de trabalho e levou empresas a cortar salários. O valor é 7% maior que o declarado nessa fonte de rendimentos em 2019. A variação supera a inflação do período — o IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo) terminou 2020 em alta de 4,52%. Além disso, de cada R\$ 100 declarados como lucros e dividendos, R\$ 70 estavam nas mãos do 1% mais rico — um grupo de 316.348 declarantes com rendimentos entre R\$ 603,1 mil e R\$ 2,6 bilhões. Os dados fazem parte das grandes números das declarações do IRPF (Imposto de Renda da Pessoa Física) de 2021, feitas com base nos rendimentos de 2020. A publicação das informações é feita anualmente pela Receita Federal. Para especialistas, o crescimento dos lucros e dividendos sinaliza, por um lado, a resiliência dessa fonte de renda mesmo em um período de crise. Por outro, indica a possibilidade de ter havido uma concentração de renda no país, aprofundando desigualdades. Os lucros e dividendos re-

cebidos pela pessoa física são isentos de Imposto de Renda no Brasil. Entre seus recebedores estão investidores, acionistas, sócios de empresas, profissionais liberais e outros prestadores de serviços PJ (pessoa jurídica). Em geral, o pagamento dessa verba é destinado a integrantes dos estratos mais ricos. Já a renda do trabalho (recebida por um profissional com carteira assinada, por exemplo) sofre desconto de IR, com alíquotas progressivas que vão de 7,5% a 27,5%. Em contraste, a categoria de rendimentos tributáveis (que inclui os salários) teve um crescimento de 3,2% em 2020 ante o ano anterior — abaixo da inflação. A equipe do ministro Paulo Guedes (Economia) chegou a propor ao Congresso uma reforma do Imposto de Renda que previa a retomada da taxa-ção dos lucros e dividendos na pessoa física — cobrança extinta no Brasil desde 1996. O governo propôs uma taxa-ção de 20%, com isenção para rendimentos até R\$ 20 mil mensais para micro e pequenas empresas. A Câmara dos Deputados cortou a alíquota para 15% e ampliou as exceções. O projeto está no Senado, sem previsão de votação. Os dados obtidos nas declarações do IRPF não refletem sozinho o panorama in-

tegral da distribuição de renda no país, uma vez que apenas 1,6 milhões de brasileiros prestaram contas à Receita Federal. Mas as informações são um termômetro relevante para identificar o que aconteceu com os rendimentos da população no ano mais agudo da crise sanitária. Em uma divisão por grupos, considerando salários, 13º lucros e dividendos ou outros tipos de remuneração de sócios, é possível detectar que os 25% mais pobres informaram o recebimento de R\$ 11 bilhões em 2020, valor abaixo dos R\$ 119,3 bilhões declarados pela mesma fatia dos declarantes no ano anterior. O grupo considera 7,9 milhões de pessoas com renda de até R\$ 28,5 mil no ano. Já no 1% mais rico informou rendimentos de R\$ 578,7 bilhões em 2020, mais que os R\$ 545,6 bilhões do período anterior. Quase metade dos valores declarados vem de lucros e dividendos, que somaram R\$ 171,3 bilhões nesse estrato da população. O economista Rodrigo Orta, especialista em tributação e ex-diretor da IFT (Instituição Fiscal Independente) do Senado, destaca que a pandemia promoveu um grande baque na renda de trabalhadores situados nas faixas de menor renda, que foram demitidos ou tiveram reduções tempo-

rárias de salário, enquanto a população com maiores salários foi blindada pelas opções de trabalho remoto. Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), 8,19 milhões de pessoas perderam a ocupação na comparação do último trimestre de 2020 com o mesmo período do ano anterior. Nesse intervalo, o rendimento médio real do trabalho caiu 1,1%. Esse fator, associado ao crescimento de lucros e dividendos, indica uma tendência de concentração de renda no Brasil. “Há indícios de alguma concentração no topo. Os mais frágeis estão na base”, diz o especialista. Orta observa ainda que a alta do valor declarado em lucros e dividendos veio acompanhada de um aumento no número de pessoas que preenchem esse campo na declaração do IRPF. Para ele, pode haver duas explicações.



Em tempos normais, a gente já tem uma assimetria de tributação de rendas do trabalho e do capital. Nos períodos de crise, a gente alimenta essa assimetria

Debora Freire

professora do Cedeplar (Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional) da UFMG

“A despeito de toda pandemia, o mercado acionário foi bem em 2020, e o número de investidores na Bolsa cresceu. Tinha oportunidade, as pessoas podem ter entrado nesse mercado”, afirmou. A outra possibilidade, segundo ele, é a aceleração do fenômeno da precarização com as demissões durante a pandemia, trabalhadores podem ter sido levados a se enquadrar nesse novo vínculo. A economista Debora Freire, professora do Cedeplar (Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional) da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), afirma que a alta nos lucros e dividendos poderia ter sido até maior considerando a retração do apetite das empresas por investir em meio à pandemia. Por outro lado, o crescimento é sinal de maior resiliência desse tipo de rendimento em momentos de crise.

“Os rendimentos do trabalho caem muito, no passo que os rendimentos do capital aumentam, exatamente porque não sofrem tanto com os ciclos econômicos” afirma. O problema, segundo ela, é a assimetria de tributação, que reforça a desigualdade de renda no Brasil. Além de os salários terem caído em 2020, eles foram mais tributados do que os lucros e dividendos, que aumentaram. “Em tempos normais, a gente já tem uma assimetria de tributação de rendas do trabalho e do capital. Nos períodos de crise, a gente alimenta essa assimetria”, critica. A professora defende a aprovação de uma reforma tributária ampla, que inclua o retorno da tributação sobre lucros e dividendos distribuídos à pessoa física. No entanto, ela critica a proposta enviada pelo governo e que foi aprovada a toque de caixa na Câmara, sem que seu teor fosse público no momento da votação, no início de setembro de 2021. “A proposta abria mão de receitas, com uma série de isenções para um volume de dividendos muito expressivo”, diz Freire. O texto aprovado isentava os lucros e dividendos pagos por empresas com faturamento de até R\$ 4,8 milhões. “É uma reforma mal calibrada e que depois foi desvirtuada. Não acho que dá para discutir hoje uma reforma tributária que implique redução na arrecadação, exatamente porque temos problemas sociais seríssimos para lidar. Precisamos da oferta de serviços públicos”, afirma a professora. Para ela, o debate deve ficar para o próximo governo. “Entre as políticas e a composição do Congresso Nacional dificultam muito a aprovação de uma reforma que promova justiça social”, diz.

Com distribuição de R\$ 101,4 bi, Petrobras se torna ‘vaca leiteira’

Nicola Pamplona

RIO DE JANEIRO Com o anúncio de que vai compartilhar com acionistas R\$ 101,4 bilhões de seus rescaldo de 2021, a Petrobras confirma a expectativa de que caminha para se tornar uma “vaca leiteira” como o mercado chama empresas boas pagadoras de dividendos. Levantamento feito pela Economatica com petroleiras que divulgaram balanços até sexta (25) mostra que a brasileira foi a segunda a pagar mais dividendos em 2021, atrás apenas da gigante americana Exxon Mobil. Pelo indicador que mede o rendimento de uma ação pelo pagamento de dividendos, conhecido como “dividend yield” a Petrobras também é a segunda, garantindo ao acionista um retorno de 19,94% sobre o valor da ação. O número considera apenas os valores pagos em 2021. Somando a parcela de dividendos anunciada nesta quarta-feira (23), de R\$ 37 bilhões, o retorno em dividendos das ações da estatal sobe para 33%, segundo o banco I.B.S., considerando o valor médio das ações durante o ano.

O mercado espera que os ganhos elevados se mantenham em seu último planejamento estratégico, a Petrobras previu distribuir até US\$ 70 bilhões (R\$ 160 bi) em cinco anos. “O novo nível de lucratividade leva a um dividend yield de 15% a 25% ao ano”, escreveram Luiz Carvalho, Matheus Enfeldt e Tasso Vasconcellos em relatório da UBS. Para o estrategista-chefe da IC Matrix, Hugo Queiroz, a transição da empresa para “vaca leiteira” reduz a percepção de risco sobre suas ações, que costumam oscilar muito ao sabor do cenário político. “Mesmo a ação sendo volátil, não quer dizer que a empresa vá mudar a trajetória de pagamento de dividendos”, afirma. A guinada foi feita ainda na

Boa pagadora

Política de dividendos da Petrobras começa a render lucros a acionistas

Comparação com petroleiras que já divulgaram balanço
Dividendos distribuídos em 12 meses, em US\$ bilhões



Comparação com petroleiras que já divulgaram balanço
Lucro, em US\$ bilhões

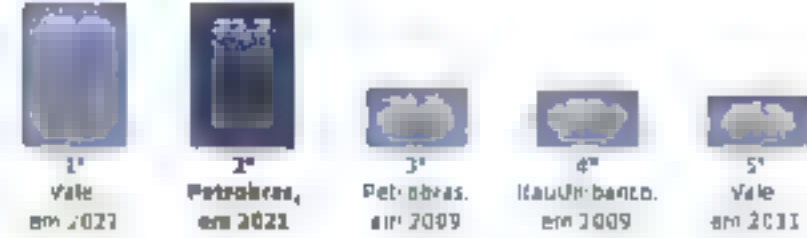


*Corrigido pela PCA. Fontes: Petrobras e Economatica

gestão Roberto Castello Branco, primeiro presidente da Petrobras sob o governo Bolsonaro, demitido em fevereiro de 2021 em meio a insatisfações sobre a escalada dos preços dos combustíveis. Egresso da Vale e defensor da privatização da Petrobras, Castello Branco focou investimentos em negócios mais rentáveis, vendo aceleração de ativos e redução da endividamento, liberando caixa para remunerar os acionistas. Em sua gestão, a empresa aprovou nova política de remuneração que permite a distribuição de recursos mesmo em anos de prejuízo e o pagamento de dividendos acima do piso previsto em lei quan-

do a dívida chegasse abaixo de US\$ 60 bilhões (R\$ 309 bi). A estratégia reduziu o endividamento para abaixo do piso e, com preços do petróleo em alta, a companhia obteve forte geração de caixa, o que justificou os elevados dividendos recém-anunciados. No Brasil, apenas a Vale paga hoje tão bem: R\$ 73,3 bilhões em 2021, o maior volume já registrado entre companhias abertas brasileiras. A Petrobras veio em seguida com R\$ 72,7 bilhões. Em 2021, ano em que teve lucro recorde de R\$ 106,6 bilhões, a Petrobras vendeu combustíveis a um preço médio de R\$ 416,40/barril, o maior valor já registrado em ba-

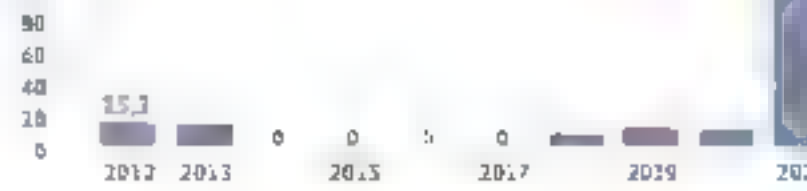
Maiores pagamentos anuais no Brasil
Em R\$ bilhões*



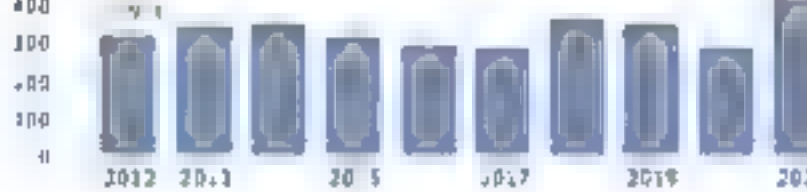
A Petrobras nos últimos dez anos
Lucro líquido, em R\$ bilhões*



Dividendos distribuídos, em R\$*



Preço médio de venda dos combustíveis, em R\$ por barril*



lço e 15,6% acima do praticado em 2018, ano da greve dos caminhoneiros, já descontada a inflação do período. Mas as críticas que devem surgir no debate eleitoral deste ano põem em dúvida a manutenção da política. Lider nas pesquisas de intenção de votos, o ex-presidente Lula (PT) vem repetindo que, se eleito, vai mudar a política atual de preços dos combustíveis, que acompanha de perto as variações das cotações internacionais e da taxa de câmbio. “Não vamos manter o preço da gasolina dolarizado. É importante que o acionista receba dividendos quando a Petrobras der lucro, mas não

posso enriquecer o acionista e empobrecer a dona de casa que vai comprar feijão e paga mais caro por causa da gasolina”, afirmou, no início do mês. O próprio presidente Jair Bolsonaro (PL) tem feito críticas à estratégia da estatal. Nesta quinta (3), defendeu que a empresa reduza lucros para evitar uma alta brusca nos preços dos combustíveis diante da crise geopolítica causada pela guerra na Ucrânia. “Em um momento de crise como esse, eu acho que esse lucro, dependendo da decisão dos diretores, do conselho e do presidente, poderia neste momento de crise ser rebaixado um pouquinho para a gente não sofrer muito aqui”

declarou o presidente, durante sua live semanal. Ligado aos sindicatos de petroleiros, o Inep (Instituto de Estudos Estratégicos de Petróleo, Gás e Biocombustíveis) critica a estratégia de gerar “superlucros” com a venda de ativos e a prática de preços internacionais. “A empresa está comunicando claramente que vai privilegiar a geração e distribuição de valor no curto prazo”, diz o pesquisador do Inep e do Núcleo Desenvolvimento, Trabalho e Ambiente da FRL, Mahatma Santos. Na sua opinião, esse modelo terá consequências para o futuro da empresa, com reflexos da venda de ativos e a redução de investimentos sobre sua sustentabilidade. No último plano estratégico, resalta, a Petrobras prevê mais recursos para dividendos do que para investimentos. O risco de nova guinada é reconhecido pelos analistas que cobrem a empresa, mas eles mantêm, em geral, recomendação de compra das ações da companhia, hoje consideradas baratas em relação a suas concorrentes internacionais. Para Queiroz, o baixo preço atual da ação vale o risco, mesmo para investidores mais recalcitrantes com o sobe e desce das bolsas. “A Petrobras está muito barata perto do que ela entrega”, afirma.

Bolsonaro indica presidente do Flamengo à chefia do conselho da estatal
Alado do presidente Jair Bolsonaro (PL) na volta do futebol durante a pandemia o presidente do Flamengo, Rodolfo Landim, foi indicado para presidir o conselho de administração da Petrobras, após o afastamento de Eduardo Baccellari Leal Ferreira pedir para sair por razões pessoais

mercado

PAINEL S.A.

Joana Cunha
painel@grupofofha.com.br

Respiração

Enquanto João Doria se prepara para comunicar o fim da obrigatoriedade das máscaras em ambientes abertos em SP, o número de multas aplicadas pela falta da proteção vem caindo nos últimos meses. Janeiro e fevereiro somaram cerca de 200 autuações a pessoas e estabelecimentos, com 10.742 multas aplicadas ao todo. A média mensal fica abaixo da registrada entre julho de 2020, quando começou a regra, e dezembro do ano passado, que girava em torno de 585 por mês.

CALENÁRIO Na quinta (3), Doria afirmou que o Comitê Científico do governo vai decidir na próxima terça-feira (8) sobre o possível fim da obrigatoriedade do uso da proteção. Em dezembro, ele chegou a anunciar a flexibilização, mas voltou atrás com a chegada ômicron.

SAÚDE Hospitais fecham mais leitos destinados a pacientes com Covid após a explosão da ômicron. O Einstein viu a demanda despencar em um mês. No início de fevereiro, eram 243 leitos para 175 pacientes com a doença. Na sexta (4) alcançou 97 leitos, com 38 internados. Na primeira quinzena de janeiro, o hospital chegou a dobrar o número de leitos para acompanhar a entrada de novos pacientes.

TERMÔMETRO O Sirio-Libanês tem 17 pessoas internadas, sendo 8 na UTI. No início de fevereiro, eram 91 e, em janeiro, 34, segundo o hospital. A Rede D'Or São Luiz também reduziu. No mês passado, teve 1.127, ante 1.108 em janeiro. Até o momento, em março, os hospitais da rede registram pouco mais de 460 leitos para pacientes com Covid.

PERIADO A Unimed diz que registra queda na demanda por leitos e atendimentos relacionados a síndromes respiratórias nos pronto-atendimentos. "Nossa estrutura segue em estado de atenção para acompanhar como a demanda irá evoluir após o período do Carnaval e com a proximidade da temporada de infecções respiratórias, que se inicia nos meses de março e abril", diz a empresa.

CONSULTA A SulAmérica e Docway começaram a oferecer atendimento médico e psicológico para moradores e profissionais que estão trabalhando em Petrópolis, após a tragédia das chuvas que matou mais de 300 pessoas no mês passado.

CONSENT Segundo a operadora de plano de saúde, o serviço é gratuito, feito por videochamada e deve ser agendado por telefone ou pela internet. Desde as fortes chuvas, dezenas de empresas enviaram dinheiro, cesta básica, água mineral e itens de higiene

com Andressa Motter e Ana Paula Branco

INDICADORES

JUROS
Fev, em % ao mês

7,73

8,00

8,26

4,65

Diêque Especial

Emp. última pessoa

Primeiro

CONTRIBUIÇÃO À PREVIDÊNCIA
Competência fevereiro

Autônomo e facultativo

Valor mín. R\$ 222,00 20% R\$ 222,40

Valor máx. R\$ 1.087,12 20% R\$ 1.417,44

Os autônomos que prestam serviços só a pessoas físicas, le não a pessoas jurídicas, e o facultativo podem contribuir com 11% sobre o salário mínimo. Desse total, 2% de taxa renda e 9% para o seguro. Para o seguro, 5% do valor do salário para o facultativo e o autônomo que recebe por conta própria vence em 15 dias.

PREL (Média empregabilidade)

Valor mín. R\$ 7,23 5% R\$ 60,60

Assalariados

Até R\$ 1.111,00

Alíquota 7,5%

De R\$ 1.112,01 até R\$ 2.427,36

9%

De R\$ 2.427,36 até R\$ 3.843,63

12%

De R\$ 3.843,64 até R\$ 7.687,27

14%

O prazo para recolhimento das contribuições de empregado vem de 5 dias. As alíquotas progressivas são aplicadas sobre cada faixa salarial, que compõe o salário de contribuição.

BRISA Após o período de verão intenso que turbinou a demanda por ar-condicionado, o mercado de refrigeração espera nova pressão nos preços por causa da guerra na Ucrânia. Segundo a Abrva (associação que representa a cadeia), o setor se preocupa com o custo de produtos usados na fabricação.

SUOR A associação descarta a possibilidade de faltar aparelhos, porque a indústria de ar-condicionado já vinha trabalhando com níveis de estoque maiores para se precaver da quebra na cadeia de fornecimento provocada pela pandemia. A temperatura amena de dezembro preservou os estoques, que agora suprem a demanda no pico de calor.

MÃO DE OBRA As grandes centrais sindicais se reuniram neste final de semana para elevar a pressão pela cassação do mandato do deputado estadual Arthur do Val (Podemos) depois do vazamento dos áudios em que ele afirma que as mulheres ucranianas vítimas da guerra são "fúteis porque são pobres".

PASSAGEM CUT, Força Sindical, UGT Cb8 (Central de Sindicatos do Brasil) e outras centrais afirmam que o real objetivo da viagem de Arthur do Val à fronteira do país invadido pela Rússia não tem a ver com política ou ação humanitária. Para os sindicalistas, trata-se de uma personalidade racista e misógina, sem preparo para o cargo na Alesp.

MEMÓRIA "Ele, que em 2019, chamou sindicalistas que estavam na galeria da Alesp de 'bando de vagabundo'! Com que moral o Mamão Falei fala dos trabalhadores e suas entidades?" afirma o grupo de centrais em comunicado.

REACÇÃO Depois da repercussão dos áudios, a empresária e apresentadora da Jovem Pan Fátima Sabri abriu uma wigwam online para ajudar mulheres vítimas do país invadido pela Rússia. Saad afirma que, diferentemente dos financiamentos coletivos levantados pelo deputado, ela pretende fazer essa arrecadação para enviar recursos a entidades sérias e capazes de promover ajuda verdadeira a mulheres.

Petróleo dispara após EUA cogitarem barrar importações da Rússia

Senadores americanos apresentaram medida na última quinta; restrição, porém, pode elevar ainda mais o preço de combustíveis

GUERRA NA UCRÂNIA

SÃO PAULO As cotações do petróleo voltaram a disparar no mercado internacional neste domingo (6), após o governo americano confirmar que discute com países da Europa a proibição da importação de petróleo da Rússia, em resposta à invasão na Ucrânia. O barril do petróleo tipo Brent chegou a bater a máxima de US\$ 139,13 (R\$ 706,11) na noite deste domingo no Brasil, com a reabertura dos mercados na Ásia. A alta reflete o temor de investidores pelos potenciais impactos econômicos da guerra. As 24h19, a commodity oscilava em alta de 9,22%, cotada a US\$ 129,00 (R\$ 654,70). Na tarde deste domingo (6), o secretário de Estado americano, Anthony Blinken afirmou que os Estados Unidos estão "seriamente engajados" em uma discussão com a União Europeia sobre a possibilidade de proibir importações de petróleo russo. As principais Bolsas globais operavam em forte queda no primeiro pregão da semana. A Bolsa de Tóquio recuava cerca

BANCOS RUS- SIOS DEVEM EMITIR CAR- TÕES POR SIS- TEMA CHINÊS

Bancos russos pretendem passar a emitir cartões de crédito pelo sistema Union-Pay, da China, depois que as bandeiras americanas Visa e Mastercard anunciaram que vão interromper suas operações na Rússia, em represália ao ataque à Ucrânia.

Mais de

60 empresas já cortaram laços comerciais com a Rússia

de 2,6%, enquanto os contratos futuros na Europa apertavam para perdas de 3,7%. Além do movimento do governo americano — sob pressão dos legisladores americanos para dar mais esse passo em resposta aos ataques da Rússia à Ucrânia —, a própria manutenção da guerra acirra o nervosismo dos investidores. "Estamos em discussões muito ativas com nossos parceiros europeus sobre a proibição da importação de petróleo russo para nossos países, enquanto, é claro, mantemos um fornecimento global estável de petróleo", disse Blinken em entrevista à emissora americana NBC. O preço do petróleo já teve uma disparada de mais de 20% somente durante a semana passada, por causa dos conflitos no Leste Europeu, que reduziram a oferta proveniente da Rússia, uma das principais produtoras globais da matéria-prima. Em entrevista à CNN também neste domingo, a presidente da Comissão Europeia Ursula von der Leyen foi mais reticente sobre a proposta de corte de importações,

Antes de impossibilitar que Putin financie suas guerras, disse, a União Europeia deveria "se desfazer de sua dependência de combustíveis fos- ses russos". A Rússia é o principal fornecedor de petróleo e gás para o bloco europeu, que já passa por um período de forte alta no preço da energia. O secretário de Estado americano, que está em uma viagem pela Europa para coordenar com aliados as medidas em relação à guerra na Ucrânia, acrescentou que discutiu as importações de petróleo com o presidente Joe Biden no sábado. Senadores republicanos e democratas apresentaram nesta quinta-feira (3) um projeto de lei para proibir importações de petróleo da Rússia. Biden havia indicado na véspera que não descarta nenhuma medida em relação ao assunto. O governo Biden, porém, está sob pressão política antagônica: o aumento nos preços dos combustíveis num país tão dependente do transporte individual como os EUA traz impopularidade. Com agências internacionais

Na mira do Ocidente, iates de bilionários se espalham pelo globo para escapar de sanções

GUERRA NA UCRÂNIA

Thiago Bethônico

SÃO PAULO Na última quarta (2), cinco bilionários russos deslocaram seus iates para as Maldivas em busca de tranquilidade. Não a que pode ser encontrada nas praias do arquipélago. O sossego procurado era outro: ficar longe das sanções do Ocidente.

A nação insular, localizada no Oceano Índico, não tem tratado de extradição com os EUA, algo valioso quando países congelam dinheiro e confiscam bens da elite financeira russa para pressionar o presidente Vladimir Putin. Um iate avaliado em US\$ 120 milhões (R\$ 605 milhões) que estava ancorado no porto de La Ciotat, no sul da França, já foi confiscado. Sua propriedade é atribuída a Igor Sechin, presidente da maior produtora de petróleo da Rússia. O bilionário está na lista de sanções da Europa e dos Estados Unidos, assim como outros dezenas de russos — muitos deles donos de iates tão caros e imponentes quanto.

Um levantamento feito pela Folha, a partir de dados da Organização Marítima Internacional e dos sites Marine Traffic e Superyacht Fan, mostrou que pelo menos dez embarcações estão ligadas a oligarcas sancionados pelo Ocidente. Somando um valor de US\$ 2,84 bilhões (R\$ 14,4 bilhões), os dez iates estão espalhados ao redor do mundo: de Dubai ao arquipélago de Seicheles, no leste da África. A grande maioria estava em nome de offshore registradas nas Ilhas Cayman ou Ilhas Virgens Britânicas, o que dificulta a identificação dos proprietários. Uma das exceções é Oleg Tinkov, empresário fundador do Tinkoff, um dos maiores bancos online do mundo. O iate dele, chamado "La Datcha" navega com bandeira da Rússia e sua posse não é nenhum segredo.

Localização de iates dos oligarcas russos sancionados pelo Ocidente

Alexei Mordashov, empresário e acionista do Bank Rossiya
Nome do iate: Nord
• Tamanho: 142 metros
• Valor: US\$ 500 milhões (R\$ 2,5 bi)
• Última posição: Arquipélago de Seicheles, próximo à costa leste da África
• Data: 4.mar.2022

Alisher Usmanov, magnata dos metais e tecnologia
Nome do iate: Lady Gulya
• Tamanho: 111,5 metros
• Valor: US\$ 300 milhões (R\$ 1,52 bi)
• Última posição: Sri Lanka
• Data: 2º fev.2022

Nome do iate: Dilbar
• Tamanho: 156 metros
• Valor: US\$ 800 milhões (R\$ 4 bi)
• Última posição: Porto de Hamburgo, Alemanha
• Data: 2º dez.2021

Andrei Skoch, magnata do aço na Rússia
Nome do iate: Madame Gu
• Tamanho: 99 metros
• Valor: US\$ 150 milhões (R\$ 761 mi)
• Última posição: Dubai
• Data: 28.fev.2022

Arkady Rotenberg, dono de empresas de construção e colega de Putin
Nome do iate: Rahil
• Tamanho: 65 metros
• Valor: US\$ 75 milhões (R\$ 380,6 mi)
• Última posição: Próximo à ilha italiana de Sarcera
• Data: 4.mar.2022

Igor Sechin, empresário e acionista do Bank Rossiya
Nome do iate: Amore Vero (ate foi apreendido pela França)
• Tamanho: 86 metros
• Valor: US\$ 120 milhões (R\$ 605 mi)
• Última posição: La Ciotat, França
• Data: 3.mar.2022

Oleg Deripaska, fundador da gigante do setor de alumínio Rusal
Nome do iate: Clio
• Tamanho: 73 metros
• Valor: US\$ 65 milhões (R\$ 329 mi)
• Última posição: Golfo de Suez, no extremo norte do Mar Vermelho
• Data: 1º fev.2022

Oleg Tinkov, fundador do banco online Tinkoff
Nome do iate: La Datcha
• Tamanho: 77 metros
• Valor: US\$ 110 milhões (R\$ 558,2 mi)
• Última posição: Oceano pacífico, perto da cidade mexicana de Tijuana
• Data: 4.mar.2022

Roman Abramovich, dono do Chelsea Football Club
Nome do iate: Solans
• Tamanho: 140 metros
• Valor: US\$ 600 milhões (R\$ 3 bi)
• Última posição: Barcelona
• Data: 4.mar.2022

Viktor Vekselberg, presidente do conglomerado Renova Group
Nome do iate: Targo
• Tamanho: 78 metros
• Valor: US\$ 120 milhões (R\$ 605 mi)
• Última posição: Palma, Espanha
• Data: 4.mar.2022

Fonte: Marine Traffic, Superyacht Fan e Organização Marítima Internacional

Começa envio da declaração do IR; prazo será mais curto

Declaração pré preenchida estará disponível no dia 15 para 10 milhões

Cristiane Gercina e Luciana Lazarini

SÃO PAULO Os 34,1 milhões de contribuintes obrigados a declarar o Imposto de Renda 2022 podem, a partir das 8h desta segunda (7), baixar o programa e enviar a declaração à Receita Federal. O prazo para prestar contas termina às 23h59 do dia 29 de abril. Quem é obrigado a declarar e perde a data-limite paga multa mínima de R\$ 165,74, que pode chegar a 30% do imposto devido no ano. Em 2022, os contribuintes terão menos tempo para fazer a declaração, já que o programa, que costumava ser liberado em 1º de março, atrasou devido à operação-padrão dos servidores da Receita, mas novidades que serão implantadas pelo órgão podem facilitar o preenchimento. Os cidadãos que tiverem conta gov.br nível prata ou ouro poderão preencher o Imposto de Renda em várias plataformas. O contribuinte pode começar a declarar o IR no computador e terminar de

fazê-lo de forma online, pelo Meu Imposto de Renda, dentro do e-CAC (Centro de Atendimento Virtual da Receita Federal), ou no celular ou tablet. A partir de 15 de março, estará disponível a declaração pré-preenchida, também para quem tem conta gov.br nível prata ou ouro. A estimativa da Receita Federal é que 10 milhões de usuários tenham acesso a essa funcionalidade. É obrigado a declarar o Imposto de Renda 2022 o contribuinte que recebeu rendimentos tributáveis de mais de R\$ 28.559,70 em 2021, o que inclui salário, aposentadoria e pensão, por exemplo. Se recebeu rendimentos isentos, não tributáveis ou tributados exclusivamente na fonte acima de R\$ 40 mil também está obrigado a declarar. Quem teve movimentações na Bolsa de Valores, passou a morar no país em 2021 e aqui estava em 31 de dezembro ou teve lucro com a venda de bens e direitos no ano entra na lista de obrigatoriedade. Contribuintes com bens e direitos acima de R\$ 300 mil

em dezembro de 2021 são obrigados a declarar. Há outras regras que obrigam o envio. O primeiro passo de quem vai enviar o documento é baixar o programa ou o aplicativo Meu Imposto de Renda. Para quem está declarando pela primeira vez, é preciso abrir um novo documento. No caso de quem já declarou o IR em anos anteriores, há a opção de importar os dados. caso tenha conta gov.br nível prata ou ouro ou se estiver fazendo a declaração no mesmo computador do ano anterior. A primeira ficha é a de identificação, onde devem constar CPF, endereço, número de celular e ocupação principal. Os rendimentos recebidos são declarados nas fichas específicas, conforme sua natureza. Se teve salário de empresa, o valor vai em "Rendimentos Tributáveis Recebidos de PJ". Se prestou serviço a pessoas físicas, deve declarar em "Rendimentos Tributáveis Recebidos de PF/Exterior". Dentre as principais deduções estão despesas com dependentes, saúde e educação.

Com exceção dos dependentes, que têm ficha própria, os demais gastos são declarados em "Pagamentos Efetuados". Casa, carro e saldos das contas em bancos que forem maiores do que R\$ 140 devem ser declarados ao fisco. Essas informações vão na ficha "Bens e Direitos". Dívidas acima de R\$ 5.000 são informadas na ficha "Dívidas e Ônus Reais" desde que não sejam financiamento de casa ou carro. Neste ano, a restituição poderá ser paga por Pix, caso a chave seja o CPF do titular da declaração. Se não for possível receber por Pix, o contribuinte deve informar uma conta em banco que seja válida. Quem declara antes recebe a restituição primeiro. Nos primeiros lotes, o fisco paga o imposto a quem faz parte das prioridades legais: idosos, pessoas com deficiência física ou mental ou doença grave e profissionais cuja maior fonte de renda é o magistério. Para receber a restituição, que é paga em cinco lotes, o IR não pode ter erros que levem à malha fina.



Ilustração: Cristiane Gercina

Folha e IOB iniciam tira-dúvidas de leitores sobre o Imposto de Renda

FOLHA EXPLICA O IR

SÃO PAULO A Folha e a consultoria IOB começam a responder a dúvidas de leitores sobre a declaração do Imposto de Renda 2022. Os leitores já podem enviar perguntas para o e-mail: tira-dúvidas@grupofolha.com.br com o nome (as respostas incluirão só as iniciais). Perguntas e respostas serão compiladas e publicadas em março e abril pela Folha.

Como declarar financiamento imobiliário em banco por duas pessoas? (S.Q.) Considerando ser imóvel adquirido em condomínio, cada uma deve declarar a parte que lhe cabe, conforme contrato. Na declaração de cada uma, na ficha Bens e Direitos, utilize o código correspondente ao imóvel (se é uma casa ou um apartamento). No campo Discriminação, informe os dados relativos ao bem, a forma de aquisição (bem adquirido em sociedade/condomínio), indicando o percentual do imóvel que cabe a cada uma e os dados do financiamento. Nos campos próprios, indique a localização (país). Ins-

crição Municipal (IPTU) e data de aquisição. Informe endereço, área total do imóvel, matrícula e nome do cartório, se for o caso. Deixe em branco o campo de 2020, considerando que a aquisição tenha ocorrido em 2021. Cada uma informa o valor de sua parte no campo de 2021. Se o imóvel foi adquirido por cônjuges na constância do casamento, com regime de comunhão total ou parcial de bens, apenas um deles deve informá-lo em sua declaração. Estou construindo uma casa com financiamento bancário. Como declaro os pagamentos já realizados? (L.C.) O financiamento em que o bem é dado como garantia do pagamento (tais como alienação fiduciária, hipoteca ou penhor) deve ser informado na ficha Bens e Direitos, como construção. Informe a localização (país) e, no campo Discriminação, indique a data, os dados do contrato de financiamento e os dados do imóvel. O valor total pago pelo financiamento entra na coluna de 2021.

Vendi um imóvel em 2021. Como o dinheiro, comprei outro de menor valor e paguei IR sobre a diferença (ganho de capital). Como declaro? (S.F.) São duas transações. A primeira é a venda do imóvel já constante da declaração, e a segunda, a aquisição de um novo imóvel. Os dados do GCap 2021 devem ser importados pela ficha Ganhos de Capital Bens Imóveis. O imóvel vendido deve ser baixado da ficha Bens e Direitos. No campo Discriminação, informe a venda, com data, nome e CPF/CNPJ do comprador e o valor. Mantenha o valor do campo 2020 e deixe em branco o de 2021. Na mesma ficha, informe o novo imóvel pelo código correspondente. No campo Discriminação, indique o imóvel e os dados do vendedor (CPF/CNPJ), a localização (país) e a Inscrição Municipal (IPTU). Nos campos específicos, informe endereço, área total do imóvel, data de compra, registro no cartório de imóveis, matrícula do imóvel e nome do cartório, se for o caso. Não preencha o campo de 2020. No de 2021, informe o valor pago.

Trabalho como psicóloga e declaro como pessoa física. Tenho MEI e presto serviços de fotografia. Como declaro? (G.N.) Você terá de entregar duas declarações, uma no CPF da pessoa física e outra no CNPJ do MEI (DASN-SIMEI). Os rendimentos da MEI a título de lucros serão calculados com base no resultado da multiplicação da receita bruta da MEI por 32% e devem constar na linha 13 da ficha Rendimentos Isentos e Não Tributáveis. Indique o tipo de beneficiário, o CNPJ e o nome da fonte pagadora (MEI) e o valor recebido. Os rendimentos recebidos a título de pró-labore devem ser informados na ficha Rendimentos Tributáveis Recebidos de PJ pelo Titular, com o CNPJ e o nome da MEI. Se os rendimentos como psicóloga foram pagos por pessoas físicas, você está sujeita ao pagamento do IR mensalmente pelo carnê-leão e deverá informá-los na ficha Rendimentos Tributáveis Recebidos de PF e do Exterior pelo Titular. Se foram pagos por pessoas jurídicas, a parte correspondente deverá ser informada na ficha Rendimentos Tributáveis Recebidos de PJ pelo Titular. Saiba mais sobre o R

Saiba tudo sobre a nova declaração do Imposto de Renda

PRAZO DE ENVIO

Das 8h desta segunda (7) até as 23h59 do dia 29 de abril. O programa para preencher e enviar a declaração será liberado nesta segunda (7).

QUEM DECLARA

É obrigado a declarar o imposto de Renda o contribuinte que se enquadra em uma ou mais das situações abaixo:

- Recebeu rendimentos tributáveis acima de R\$ 28.559,70 em 2021.
- Recebeu rendimentos isentos, não tributáveis ou tributados exclusivamente na fonte acima de R\$ 40 mil.
- Obteve ganho de capital na alienação de bens ou direitos sujeito a incidência do imposto.
- Teve isenção de imposto sobre o ganho de capital na venda de imóveis residenciais, seguido de aquisição de outro imóvel residencial no prazo de 180 dias.
- Fez operações em Bolsas de Valores, de mercadorias, de futuros e assemelhadas.
- Tinha, em 31 de dezembro de 2021, posse ou propriedade de bens ou direitos incluídos em sua base de dados, acima de R\$ 300 mil.
- Obteve receita bruta na atividade rural em valor superior a R\$ 142.798,50.
- Quem quer compensar em 2021 ou anos seguintes prejuízos da atividade rural de 2021 ou anos anteriores.
- O contribuinte que passou à condição de residente no Brasil em qualquer mês e encontrava-se nessa condição em 31 de dezembro de 2021.

VALOR DAS DEDUÇÕES NO IR

Com dependentes R\$ 2.275,08 por dependente

Com educação Limite individual de até R\$ 3.561,50 no ano

Limite do desconto simplificado R\$ 6.754,34

PARA QUEM TEM RESTITUIÇÃO PARA RECEBER

Calendário de pagamentos

1º lote	31/mar
2º lote	30/abr
3º lote	29/mai
4º lote	31/ago
5º lote	30/set

Têm prioridade na restituição, nesta ordem

- Idosos acima de 80 anos
- Contribuintes entre 60 e 79 anos contribuintes com alguma deficiência física ou mental ou doença grave, professor(a) cuja maior fonte de renda seja o magistério, por ordem de envio da declaração

Como será a restituição

- A opção de informar a agência e conta bancária para receber o valor permanece

NOVO A restituição poderá ser paga por Pix, para o titular que tenha chave com seu número de CPF.

PARA QUEM TEM IMPOSTO A PAGAR

Quando é o vencimento das cotas

1ª cota ou cota única do Darf	até 29/abr
da 2ª a 7ª cota do imposto	até o último dia útil do mês
8ª cota	até 30/nov

- Para pagar com débito automático e preciso enviar a declaração até 10 de abril.
- Para destinar parte do valor a pagar para idosos do idoso e da criança e adolescente a destinação deve ser feita até 29 de abril.

Como pagar

- Com Darf (Documento de Arrecadação de Receitas Federais).
- NOVO** Pelo Pix o Darf terá um QR Code.

CONFIRA AS NOVIDADES DA DECLARAÇÃO DE 2022

Pix O contribuinte terá a opção de receber a restituição do imposto de Renda por Pix. Essa opção só será disponível para chave Pix igual ao CPF do titular da declaração. O objetivo, segundo a Receita, é reduzir a necessidade de reagendamento da restituição de contas inválidas. Também será possível pagar o imposto devido por Pix.

Auxílio emergencial A declaração não terá a opção de devolução do auxílio emergencial recebido indevidamente. O auxílio é rendimento tributável e deve ser declarado por todos que são obrigados a enviar o IR. É o caso de quem conseguiu emprego após receber o auxílio e é obrigado a declarar por alguma das regras da Receita.

Declaração pré-preenchida Estará disponível a partir de 15 de março para 10 milhões de contribuintes. Para acessá-la, será preciso ter cadastro nível ouro ou prata no portal gov.br. Já estarão preenchidos rendimentos recebidos de empresas e gastos com saúde informados pelos convênios. Podem estar preenchidos gastos com saúde que tiverem sido informados pelo profissional de saúde.

Usuários com conta gov.br nível ouro e prata poderão ter acesso à declaração pré-preenchida em qualquer plataforma, como desktop, celulares e tablet.

Dependentes e alimentandos Será necessário declarar se o dependente mora ou não com o titular. Para alimentandos (que recebem pensão alimentícia), os declarantes terão que informar quem paga a pensão, se o titular ou o dependente.

Renavam do carro Será obrigatório informar o número do Renavam (Registro Nacional de Veículos Automotores) do veículo.

Ações judiciais A ficha RRA, de Rendimentos Recebidos Acumuladamente, terá um campo para o contribuinte informar os juízos da ação judicial.

Bens e direitos A ficha Bens e Direitos traz um novo agrupamento dos códigos, divididos entre bens móveis, bens imóveis, participações societárias, aplicações e investimentos, criptoativos, entre outros.

mercado

Ciberguerra tem dinâmica própria

Com internet disseminada, guerra espalha seus efeitos ao redor do planeta

Ronaldo Lemos

Advogado, diretor de Inovação de Tecnologia e Sociedade da Fio de Janeiro

Um elemento-chave na tragédia da Ucrânia consiste nos desdobramentos imprevisíveis da guerra de ciberguerra. Em paralelo aos combates militares, há uma guerra cibernética que vem sendo travada no campo da tecnologia da informação. Vale notar que esse conflito virtual não começou agora. Em 2015, a Ucrânia já havia sofrido ataques à sua rede elétrica que afetaram milhares de pessoas. Muitos outros ciberataques foram feitos desde então. Isso demonstra uma das ca-

terísticas da ciberguerra: ela é persistente e generalizada. Ocorre tanto em momentos de paz como de guerra e perdura mesmo depois que as operações físicas se encerram. Ciberataques, frequentemente, são um estado permanente da condição humana atual. É nesse contexto que decisões difíceis estão sendo consideradas. Do lado dos países ocidentais, destaca-se nos últimos dias a possibilidade de excluir a Rússia da rede Swift. Trata-se da rede bancária global surgida em 1973 que permi-

te a realização de pagamentos e transferências entre bancos do mundo todo. Quando foi criada a Swift era um arranjo praticamente unânime, ainda que com o peso de negociações. Hoje, em tempos de internet, a Swift concorre com inúmeras alternativas e concorrentes. Por exemplo, a China vem desde 2015 construindo sua própria rede interbancária global, chamada Cips. A Índia e a própria Rússia vêm fazendo ações similares. Além disso, a existência das criptomoedas criou também alternativas a

pagamentos e transferências internacionais. Como resultado, excluir a Rússia da rede Swift pode consistir em erro. Em vez de solar a países que pretendam pouso e serem outros arranjos, que por sua vez, decidiram a redução de importância dos sistemas existentes. Autoridades da Ucrânia e ocidentais também solicitaram que as Bolsas de criptomoedas e infraestruturas de blockchain passassem a recusar transações provenientes da Rússia. Até agora a maioria desses pedidos não foi atendi-

da. A Rússia, cripto moedas foram criadas justamente como infraestruturas capazes de resistir a vários tipos de intervenção externa. No caso de guerra, é também relevante acompanhar mobilizações como do grupo Anonymous no esforço de atacar alvos digitais na Rússia. Ao mesmo tempo, a empresa Starlink, de Elon Musk, anunciou que posicionaria seus satélites sobre a Ucrânia para facilitar o fornecimento de acesso à internet aos civis. Até aqui, nem a Rússia nem a Starlink podem ter pensado qual quer resultado realmente relevante com suas ações. Já as redes sociais enfrentam um dilema singular. Na sexta-feira, houve relatos de que tanto o Facebook quanto o Twitter foram bloqueados na Rússia. Ao mesmo tempo, essas mesmas plataformas acabam sendo utilizadas como palco para

preparação de guerra e de informações. Grupos no Telegram (sempre ele) também rapidamente se mobilizaram para coordenar ataques e como quartéis-generais para disseminação de propaganda. Em outras palavras, com a internet e a tecnologia digital amplamente disseminada, a guerra acaba tendo um efeito de contágio. Espalha seus efeitos ao redor do planeta. Mais do que isso, revela como redes que até então eram vistas como "neutras" são na verdade terreno de disputa permanentemente mudando e se movendo.

LEADER
Já era Guerra somente no espaço físico

Já é Guerra física e virtual

Já vem Guerra virtual persistindo muito depois que a guerra física se encerrar

Começa hoje transferência do dinheiro esquecido em bancos

SÃO PAULO (Folha) - O Banco Central terá nas próximas horas a segunda remessa de valores a receber que os brasileiros que tiveram bancos e instituições financeiras e a prática de transferência do dinheiro deve ser feito no site valoresareceber.bcb.gov.br. O montante será pago por Pix, DOC (Do-

cumento de Crédito) ou TED (Transferência Eletrônica) e gerado com o selo de segurança. Para fazer a solicitação, o cidadão precisa de uma conta que esteja ativa ou com. Sem esse selo de segurança não é possível ter acesso ao dinheiro ou ao como obter o selo de seguran-

ça em plataformas digitais. O resgate dos valores é feito no site do Banco Central ou pelo Banco Central no Brasil. A primeira remessa de valores de volta ao sistema. Nesta segunda, será a hora de saber quanto irá transferir em qual instituição o dinheiro está e qual está sendo

o motivo da devolução. Segundo Banco Central, a primeira remessa de valores a receber para quem tem dinheiro em uma instituição financeira para quem não tem a receber em uma instituição financeira. O calendário de pagamentos vai até o dia 20 de março. Recebem primeiro, entre 7

e 10 de março, os nascidos entre 1968 e 1993, entre 11 e 18 de março e a vez de quem nasceu entre 1994 e 1998. Em 19 de março, os nascidos entre 1999 e 2003, e a vez de quem nasceu entre 2004 e 2008. Em 20 de março, os nascidos entre 2009 e 2013, e a vez de quem nasceu entre 2014 e 2018. Em 21 de março, os nascidos entre 2019 e 2023, e a vez de quem nasceu entre 2024 e 2028. Em 22 de março, os nascidos entre 2029 e 2033, e a vez de quem nasceu entre 2034 e 2038. Em 23 de março, os nascidos entre 2039 e 2043, e a vez de quem nasceu entre 2044 e 2048. Em 24 de março, os nascidos entre 2049 e 2053, e a vez de quem nasceu entre 2054 e 2058. Em 25 de março, os nascidos entre 2059 e 2063, e a vez de quem nasceu entre 2064 e 2068. Em 26 de março, os nascidos entre 2069 e 2073, e a vez de quem nasceu entre 2074 e 2078. Em 27 de março, os nascidos entre 2079 e 2083, e a vez de quem nasceu entre 2084 e 2088. Em 28 de março, os nascidos entre 2089 e 2093, e a vez de quem nasceu entre 2094 e 2098. Em 29 de março, os nascidos entre 2099 e 2103, e a vez de quem nasceu entre 2104 e 2108. Em 30 de março, os nascidos entre 2109 e 2113, e a vez de quem nasceu entre 2114 e 2118. Em 31 de março, os nascidos entre 2119 e 2123, e a vez de quem nasceu entre 2124 e 2128.

ta repasseagem que ocorrerá nos próximos dias. Para nascidos antes de 1968, a repasseagem é feita até 1993, e para quem nasceu após 1993, a repasseagem é no dia 26. Quem perder essas datas poderá voltar ao sistema a partir do dia 28 de março. Segundo a instituição monetária, o dinheiro seguirá guardado para seu proprietário.

Assim, o Banco Central terá nas próximas horas a segunda remessa de valores a receber que os brasileiros que tiveram bancos e instituições financeiras e a prática de transferência do dinheiro deve ser feito no site valoresareceber.bcb.gov.br. O montante será pago por Pix, DOC (Do-

DESOCUPADO

LOTE DE SALAS COMERCIAIS
SÃO PAULO SP - MOINA

Área: 1.500 m²
Valor: R\$ 1.500.000,00

MAIS INFORMAÇÕES: 0800-000000
Banco Bradesco/LEI 009 | www.bradesco.com.br

PREFEITURA MUNICIPAL DE BALSAMO

Av. do Comércio, 100 - Centro - Balsamo - SP

Onde: Prefeitura Municipal de Balsamo - Direção de Planejamento e Desenvolvimento Urbano - Setor de Licitação

Objeto: Licitação para contratação de empresa para execução de obras de infraestrutura urbana, incluindo: pavimentação, iluminação pública, drenagem, etc.

Valor estimado: R\$ 1.000.000,00

Local: Av. do Comércio, 100 - Centro - Balsamo - SP

AVISO DE ABERTURA DE LICITAÇÃO

PROCEDIMENTO LICITATÓRIO Nº 01/2022

Processo nº 01/2022 - Objeto: Licitação para contratação de empresa para execução de obras de infraestrutura urbana, incluindo: pavimentação, iluminação pública, drenagem, etc.

Valor estimado: R\$ 1.000.000,00

Local: Av. do Comércio, 100 - Centro - Balsamo - SP

COOPERATIVA DE ELETRIFICAÇÃO RURAL DA REGIÃO DE PROMISSÃO

Objeto: Licitação para contratação de empresa para execução de obras de infraestrutura urbana, incluindo: pavimentação, iluminação pública, drenagem, etc.

Valor estimado: R\$ 1.000.000,00

Local: Av. do Comércio, 100 - Centro - Balsamo - SP

COMPANHIA DE saneamento de São Paulo S.A.

Av. do Comércio, 100 - Centro - Balsamo - SP

Objeto: Licitação para contratação de empresa para execução de obras de infraestrutura urbana, incluindo: pavimentação, iluminação pública, drenagem, etc.

Valor estimado: R\$ 1.000.000,00

Local: Av. do Comércio, 100 - Centro - Balsamo - SP

CRUZ AZUL DE SÃO PAULO

Objeto: Licitação para contratação de empresa para execução de obras de infraestrutura urbana, incluindo: pavimentação, iluminação pública, drenagem, etc.

Valor estimado: R\$ 1.000.000,00

Local: Av. do Comércio, 100 - Centro - Balsamo - SP

LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA

Objeto: Licitação para contratação de empresa para execução de obras de infraestrutura urbana, incluindo: pavimentação, iluminação pública, drenagem, etc.

Valor estimado: R\$ 1.000.000,00

Local: Av. do Comércio, 100 - Centro - Balsamo - SP

EDITAL DE CONVOCAÇÃO REUNIÃO GERAL EXTRAORDINÁRIA DE SÓCIOS

Objeto: Licitação para contratação de empresa para execução de obras de infraestrutura urbana, incluindo: pavimentação, iluminação pública, drenagem, etc.

Valor estimado: R\$ 1.000.000,00

Local: Av. do Comércio, 100 - Centro - Balsamo - SP

EDITAL DE CONVOCAÇÃO REUNIÃO GERAL EXTRAORDINÁRIA DE SÓCIOS

Objeto: Licitação para contratação de empresa para execução de obras de infraestrutura urbana, incluindo: pavimentação, iluminação pública, drenagem, etc.

Valor estimado: R\$ 1.000.000,00

Local: Av. do Comércio, 100 - Centro - Balsamo - SP

folhainvest

Risco de falta de fertilizantes cria onda desproporcional na Bolsa

Investir exige compreender onde há espaço para as empresas crescerem, e quando

Marcos de Vasconcellos

Jornalista, assessor de investimentos e fundador do Monitor do Mercado

A dor do mercado de ações e a busca incessante e um nível por prever o futuro. Na miríade de artigos sobre tendências e perspectivas para 2022, não vi quem tenha julgado sobre uma guerra na Europa, bem como, nas previsões para 2020, ninguém sugeria o início de uma pandemia.

Essa estranha sucessão de terríveis e históricos eventos que vivenciamos, fora de qual quer previsão, mostra como a preparação das empresas para cenários pouco prováveis de ve, sim, ser uma preocupação para os investidores.

É por isso que profissionais usam ferramentas (gráficos, cálculos de correlação, aná-

lises de exposição a determinados mercados) para definir caminhos de investimento. E também por isso que medem os resultados das companhias como "acima" ou "abaixo" das expectativas — não necessariamente como "bom" ou "ruim". Longe de mim repetir bobagens como "na crise, uns choram e outros vendem lenço". Esse apelo raso ignora, principalmente, que você não escolhe como será atingido por uma crise. Quem tem seu barco bombardeado ou perde familiares para um vírus devastador não precisa de lições sobre empreendedorismo.

Dito isso, olhando o aspecto econômico, a guerra na Ucrô-

nia deixou-nos, de imediato, sob o risco de abastecimento de fertilizantes — essenciais para um país com foco na produção agrícola —, de trigo — como se o supermercado já não estivesse caro o bastante — e de petróleo — e tame aumento no preço da gasolina.

Dos produtores nacionais de fertilizantes, vale olhar o caso da Fertilizantes Heringer, que está há dois anos em recuperação judicial e acaba de protocolar um pedido para sair dela.

Quando protocolou a pedido para sair da recuperação, em 16 de fevereiro, suas ações (FHER3) tiveram uma boa alta, de 3,59%. Com a ofensiva russa na Ucrânia, no entanto, os

papéis saltaram mais de 37%.

A princípio, sair da recuperação judicial é um passo muito importante na vida de uma empresa. Com isso, ela abre as portas das instituições financeiras e do mercado como um todo para expandir seus negócios e voltar a crescer. No mundo dos fundamentos, é onde está o poder de a companhia se valorizar ou não no futuro.

Ainda assim, o que atinge mesmo a adrenalina dos investidores foram as manchetes sobre a guerra e a ministra da Agricultura, Tereza Cristiana, anunciando que o estoque de fertilizantes que temos dura até outubro. Bem como o lançamento de um "Plano Nacio-

nul de Fertilizantes".

O tal plano, pelo que deu para entender, será um "diagnóstico" sobre a oferta de fertilizantes no Brasil, que poderá trazer propostas legislativas como mudança nas regras de licenciamento ambiental para exploração de jazidas e permissão para extração em terras indígenas.

Ou seja, até agora, trata-se apenas da sugestão de que será feito um estudo a partir do qual devem ser sugeridas mudanças legais, mexendo inclusive com demarcação de território indígena. Isso em uma eleição presidencial, quando é sabidamente mais difícil aprovar projetos que possam servir como queda de braço público.

Quem alha para isso na hora de comprar uma ação ignora que, mesmo sendo uma empresa brasileira, a Heringer é totalmente dependente da importação de insumos para a produção de seus fertilizantes. Em 2020, 78% dos materiais-primas usados na produção foram importados.

O aviso foi feito pela própria empresa, ao elencar os riscos de sua operação: "Nossa lucra-

tividade tem sido, e pode ser no futuro, afetada pela preço e pela oferta desses materiais-primas".

Isso estava ali, nas linhas do formulário de referência entre que pela empresa à CVM. Mas quem não parou para entender o negócio do qual, no fim, vai ser um sócio ao comprar ações pode facilmente pensar que os fertilizantes seriam a "lenço" para vender na crise.

No fim das contas, as ações subiram quando a oferta dos insumos essenciais à produção começou a cair, criando uma onda desproporcional.

Mais do que apostar num jogo de previsões sobre oferta e demanda, investir exige compreender onde há espaço para as empresas crescerem. É quando.

A análise política sobre a liberação ou não das fertilizantes do Leste Europeu para o Brasil é mais do que difícil. Ao mesmo tempo que a viagem de Jair Bolsonaro à Rússia para tratar do tema antes do início da guerra pode trazer alívio, o fato de o Brasil ter sido o único dos Brics a votar contra Vladimir Putin na ONU, pesa do outro lado da balança.

BOM: Samuel Paesão | S&P: Marcos de Vasconcellos, Ronaldo Lemos | T&F: Michael França, Cecília Machado | Qua: Helo Beltrão | Qui: Cida Berto, Solange Srouf | Sex: Nelson Barbosa | S&P: Marcos Mendes, Rodrigo Zeland

Marcos de Vasconcellos passa a assinar coluna de investimentos no Folhainvest

SÃO PAULO A partir desta segunda-feira (7), a coluna do jornalista e fundador do Monitor do Mercado Marcos de Vasconcellos passa a ser publicada também na versão impressa da Folha de S. Paulo. Seus textos seguirão com os temas abundantes em suas colunas no site, onde já publicava às quintas "Bolsa de Valores, empresas e investimento". A planejadora financeira Marcia Dessen continuará publicando suas colunas no site do jornal, todas as segundas, no link www.folha.com.br/colunas/marciadessen.

Segundo Vasconcellos, sua coluna pretende refletir sobre o mercado financeiro "para criar insights e explicar movimentos ao leitor". O foco será o mercado de renda variável mais tradicional, embora oportunidades de renda fixa e novos tipos de investimento, como criptoativos, também estejam no seu radar.

A área de investimentos sempre foi de interesse do jornalista, mas ele começou a considerar atuar exclusivamente no setor em 2017, quando notou uma corrida dos brasileiros à Bolsa de Valores. Naquele ano houve um primeiro salto de pessoas físicas na B3, de 564.548 no ano anterior para 620.313. Tumulto, perto do que viria: hoje, são mais de 5 milhões.

Na época, Vasconcellos era chefe de redação do site de notícias jurídicas Conjur, onde estava desde o final de 2011, quando saiu da Folha — foi no 1.º ano que começou a trabalhar, por meio do Programa de Treinamento, após se formar na UFF (Universidade Federal Fluminense) em 2010.

O Monitor começou como uma newsletter para colegas. Interessado em programação, ele criou nicho para puxar dados de empresas e ler balanços de forma mais eficiente.

Atualmente, a empresa tem uma equipe para cobrir o setor e uma assessoria de investimentos, para quem quer entrar nesse mundo. Começar a investir sem conhecimento e tratando o mercado "como um cassino", diz, leva a grandes tombos. Segundo ele, é preciso jogar o jogo dos probabilidades, que é o do equilíbrio.

"Tentar prever o futuro normalmente dá errado. É preciso fazer estratégias que sejam mais flexíveis e capazes de se adaptar. Tem uma lógica principal por trás, que é criar investimentos que protejam uns aos outros ao longo do tempo".

Entender isso sozinho exige tempo para estudar e deve ser encarado como uma espécie de trabalho, mas não é impossível, segundo ele: "Como pessoa física você tem plena capacidade de conseguir fazer uma diversificação real com os próprios investimentos".

LEILÃO EXTRAJUDICIAL DE BIEN IMOBILIAR
7ª Leilão: 16/03/2022 às 10h00 | 2ª Leilão: 18/03/2022 às 10h00

1ª Leilão

2ª Leilão

3ª Leilão

4ª Leilão

5ª Leilão

6ª Leilão

7ª Leilão

8ª Leilão

9ª Leilão

10ª Leilão

11ª Leilão

12ª Leilão

13ª Leilão

14ª Leilão

15ª Leilão

16ª Leilão

17ª Leilão

18ª Leilão

19ª Leilão

20ª Leilão

21ª Leilão

22ª Leilão

23ª Leilão

24ª Leilão

25ª Leilão

26ª Leilão

27ª Leilão

28ª Leilão

29ª Leilão

30ª Leilão

31ª Leilão

32ª Leilão

33ª Leilão

34ª Leilão

35ª Leilão

36ª Leilão

37ª Leilão

38ª Leilão

39ª Leilão

40ª Leilão

41ª Leilão

42ª Leilão

43ª Leilão

44ª Leilão

45ª Leilão

46ª Leilão

47ª Leilão

48ª Leilão

49ª Leilão

50ª Leilão

51ª Leilão

52ª Leilão

53ª Leilão

54ª Leilão

55ª Leilão

56ª Leilão

57ª Leilão

58ª Leilão

59ª Leilão

60ª Leilão

61ª Leilão

62ª Leilão

63ª Leilão

64ª Leilão

65ª Leilão

66ª Leilão

67ª Leilão

68ª Leilão

69ª Leilão

70ª Leilão

71ª Leilão

72ª Leilão

73ª Leilão

74ª Leilão

75ª Leilão

76ª Leilão

77ª Leilão

78ª Leilão

79ª Leilão

80ª Leilão

81ª Leilão

82ª Leilão

83ª Leilão

84ª Leilão

85ª Leilão

86ª Leilão

87ª Leilão

88ª Leilão

89ª Leilão

90ª Leilão

91ª Leilão

92ª Leilão

93ª Leilão

94ª Leilão

95ª Leilão

96ª Leilão

97ª Leilão

98ª Leilão

99ª Leilão

100ª Leilão

101ª Leilão

102ª Leilão

103ª Leilão

104ª Leilão

105ª Leilão

106ª Leilão

107ª Leilão

108ª Leilão

109ª Leilão

110ª Leilão

111ª Leilão

112ª Leilão

113ª Leilão

114ª Leilão

115ª Leilão

116ª Leilão

117ª Leilão

118ª Leilão

119ª Leilão

120ª Leilão

121ª Leilão

122ª Leilão

123ª Leilão

124ª Leilão

125ª Leilão

126ª Leilão

127ª Leilão

128ª Leilão

129ª Leilão

130ª Leilão

131ª Leilão

132ª Leilão

133ª Leilão

134ª Leilão

135ª Leilão

136ª Leilão

137ª Leilão

138ª Leilão

139ª Leilão

140ª Leilão

141ª Leilão

142ª Leilão

143ª Leilão

144ª Leilão

145ª Leilão

146ª Leilão

147ª Leilão

148ª Leilão

149ª Leilão

150ª Leilão

151ª Leilão

152ª Leilão

153ª Leilão

154ª Leilão

155ª Leilão

156ª Leilão

157ª Leilão

158ª Leilão

159ª Leilão

160ª Leilão

161ª Leilão

162ª Leilão

163ª Leilão

164ª Leilão

165ª Leilão

166ª Leilão

167ª Leilão

168ª Leilão

169ª Leilão

170ª Leilão

171ª Leilão

172ª Leilão

173ª Leilão

174ª Leilão

175ª Leilão

176ª Leilão

177ª Leilão

178ª Leilão

179ª Leilão

180ª Leilão

181ª Leilão

182ª Leilão

183ª Leilão

184ª Leilão

185ª Leilão

186ª Leilão

187ª Leilão

188ª Leilão

189ª Leilão

190ª Leilão

191ª Leilão

192ª Leilão

193ª Leilão

194ª Leilão

195ª Leilão

196ª Leilão

197ª Leilão

198ª Leilão

199ª Leilão

200ª Leilão

201ª Leilão

202ª Leilão

203ª Leilão

204ª Leilão

205ª Leilão

206ª Leilão

207ª Leilão

208ª Leilão

209ª Leilão

210ª Leilão

211ª Leilão

212ª Leilão

213ª Leilão

214ª Leilão

215ª Leilão

216ª Leilão

217ª Leilão

218ª Leilão

219ª Leilão

220ª Leilão

221ª Leilão

222ª Leilão

223ª Leilão

224ª Leilão

225ª Leilão

226ª Leilão

227ª Leilão

228ª Leilão

229ª Leilão

230ª Leilão

231ª Leilão

232ª Leilão

233ª Leilão

234ª Leilão

235ª Leilão

236ª Leilão

237ª Leilão

238ª Leilão

239ª Leilão

240ª Leilão

241ª Leilão

242ª Leilão

243ª Leilão

244ª Leilão

245ª Leilão

246ª Leilão

247ª Leilão

248ª Leilão

249ª Leilão

250ª Leilão

251ª Leilão

252ª Leilão

253ª Leilão

254ª Leilão

255ª Leilão

256ª Leilão

257ª Leilão

258ª Leilão

259ª Leilão

260ª Leilão

261ª Leilão

262ª Leilão

263ª Leilão

264ª Leilão

265ª Leilão

266ª Leilão

267ª Leilão

268ª Leilão

269ª Leilão

270ª Leilão

271ª Leilão

272ª Leilão

273ª Leilão

274ª Leilão

275ª Leilão

276ª Leilão

277ª Leilão

278ª Leilão

279ª Leilão

280ª Leilão

281ª Leilão

282ª Leilão

283ª Leilão

284ª Leilão

285ª Leilão

286ª Leilão

287ª Leilão

288ª Leilão

289ª Leilão

290ª Leilão

291ª Leilão

292ª Leilão

293ª Leilão

294ª Leilão

295ª Leilão

296ª Leilão

297ª Leilão

298ª Leilão

299ª Leilão

300ª Leilão

301ª Leilão

302ª Leilão

303ª Leilão

304ª Leilão

305ª Leilão

306ª Leilão

307ª Leilão

308ª Leilão

309ª Leilão

310ª Leilão

311ª Leilão

312ª Leilão

313ª Leilão

314ª Leilão

315ª Leilão

316ª Leilão

317ª Leilão

318ª Leilão

319ª Leilão

320ª Leilão

321ª Leilão

322ª Leilão

323ª Leilão

324ª Leilão

325ª Leilão

326ª Leilão

327ª Leilão

328ª Leilão

329ª Leilão

330ª Leilão

331ª Leilão

332ª Leilão

333ª Leilão

334ª Leilão

335ª Leilão

336ª Leilão

337ª Leilão

338ª Leilão

339ª Leilão

340ª Leilão

341ª Leilão

342ª Leilão

343ª Leilão

344ª Leilão

345ª Leilão

346ª Leilão

347ª Leilão

348ª Leilão

349ª Leilão

350ª Leilão

351ª Leilão

352ª Leilão

353ª Leilão

354ª Leilão

355ª Leilão

356ª Leilão

357ª Leilão

358ª Leilão

359ª Leilão

360ª Leilão

361ª Leilão

362ª Leilão

363ª Leilão

364ª Leilão

365ª Leilão

366ª Leilão

367ª Leilão

368ª Leilão

369ª Leilão

370ª Leilão

371ª Leilão

372ª Leilão

373ª Leilão

374ª Leilão

375ª Leilão

376ª Leilão

377ª Leilão

378ª Leilão

379ª Leilão

380ª Leilão

381ª Leilão

382ª Leilão

383ª Leilão

384ª Leilão

385ª Leilão

386ª Leilão

387ª Leilão

388ª Leilão

389ª Leilão

390ª Leilão

391ª Leilão

392ª Leilão

393ª Leilão

394ª Leilão

395ª Leilão

396ª Leilão

397ª Leilão

398ª Leilão

399ª Leilão

400ª Leilão

401ª Leilão

402ª Leilão

403ª Leilão

404ª Leilão

405ª Leilão

406ª Leilão

407ª Leilão

408ª Leilão

409ª Leilão

410ª Leilão

411ª Leilão

412ª Leilão

413ª Leilão

414ª Leilão

415ª Leilão

416ª Leilão

417ª Leilão

418ª Leilão

419ª Leilão

420ª Leilão

421ª Leilão

422ª Leilão

423ª Leilão

424ª Leilão

425ª Leilão

426ª Leilão

427ª Leilão

428ª Leilão

429ª Leilão

430ª Leilão

431ª Leilão

432ª Leilão

433ª Leilão

434ª Leilão

435ª Leilão

436ª Leilão

437ª Leilão

438ª Leilão

439ª Leilão

440ª Leilão

441ª Leilão

442ª Leilão

443ª Leilão

444ª Leilão

445ª Leilão

446ª Leilão

447ª Leilão

448ª Leilão

449ª Leilão

450ª Leilão

451ª Leilão

452ª Leilão

453ª Leilão

454ª Leilão

455ª Leilão

456ª Leilão

457ª Leilão

458ª Leilão

459ª Leilão

460ª Leilão

461ª Leilão

462ª Leilão

463ª Leilão

464ª Leilão

465ª Leilão

466ª Leilão

467ª Leilão

468ª Leilão

469ª Leilão

470ª Leilão

471ª Leilão

472ª Leilão

473ª Leilão

474ª Leilão

475ª Leilão

476ª Leilão

477ª Leilão

478ª Leilão

479ª Leilão

480ª Leilão

481ª Leilão

482ª Leilão

483ª Leilão

484ª Leilão

485ª Leilão

486ª Leilão

487ª Leilão

488ª Leilão

489ª Leilão

490ª Leilão

491ª Leilão

492ª Leilão

493ª Leilão

494ª Leilão

495ª Leilão

496ª Leilão

497ª Leilão

498ª Leilão

499ª Leilão

500ª Leilão

501ª Leilão

502ª Leilão

503ª Leilão

504ª Leilão

505ª Leilão

506ª Leilão

507ª Leilão

508ª Leilão

509ª Leilão

510ª Leilão

511ª Leilão

512ª Leilão

513ª Leilão

514ª Leilão

515ª Leilão

516ª Leilão

517ª Leilão

518ª Leilão

519ª Leilão

520ª Leilão

521ª Leilão

522ª Leilão

523ª Leilão

524ª Leilão

525ª Leilão

526ª Leilão

527ª Leilão

528ª Leilão

529ª Leilão

530ª Leilão

531ª Leilão

532ª Leilão

533ª Leilão

534ª Leilão

535ª Leilão

536ª Leilão

537ª Leilão

538ª Leilão

539ª Leilão

540ª Leilão

541ª Leilão

542ª Leilão

543ª Leilão

544ª Leilão

545ª Leilão

546ª Leilão

547ª Leilão

548ª Leilão

549ª Leilão

550ª Leilão

551ª Leilão

552ª Leilão

553ª Leilão

554ª Leilão

555ª Leilão

556ª Leilão

557ª Leilão

558ª Leilão

559ª Leilão

560ª Leilão

561ª Leilão

562ª Leilão

563ª Leilão

564ª Leilão

565ª Leilão

566ª Leilão

567ª Leilão

568ª Leilão

569ª Leilão

570ª Leilão

571ª Leilão

572ª Leilão

573ª Leilão

574ª Leilão

575ª Leilão

576ª Leilão

577ª Leilão

578ª Leilão

579ª Leilão

580ª Leilão

581ª Leilão

582ª Leilão

583ª Leilão

584ª Leilão

585ª Leilão

586ª Leilão

587ª Leilão

588ª Leilão

589ª Leilão

590ª Leilão

591ª Leilão

592ª Leilão

593ª Leilão

594ª Leilão

595ª Leilão

596ª Leilão

597ª Leilão

598ª Leilão

599ª Leilão

600ª Leilão

601ª Leilão

602ª Leilão

603ª Leilão

604ª Leilão

605ª Leilão

606ª Leilão

607ª Leilão

608ª Leilão

609ª Leilão

610ª Leilão

611ª Leilão

612ª Leilão

613ª Leilão

614ª Leilão

615ª Leilão

616ª Leilão

617ª Leilão

618ª Leilão

619ª Leilão

620ª Leilão

621ª Leilão

622ª Leilão

623ª Leilão

624ª Leilão

625ª Leilão

626ª Leilão

627ª Leilão

628ª Leilão

629ª Leilão

630ª Leilão

631ª Leilão

632ª Leilão

633ª Leilão

634ª Leilão

635ª Leilão

636ª Leilão

637ª Leilão

638ª Leilão

639ª Leilão

640ª Leilão

641ª Leilão

642ª Leilão

643ª Leilão

644ª Leilão

645ª Leilão

646ª Leilão

647ª Leilão

648ª Leilão

649ª Leilão

650ª Leilão

651ª Leilão

652ª Leilão

653ª Leilão

654ª Leilão

655ª Leilão

656ª Leilão

657ª Leilão

658ª Leilão

659ª Leilão

660ª Leilão

661ª Leilão

662ª Leilão

663ª Leilão

664ª Leilão

665ª Leilão

666ª Leilão

667ª Leilão

668ª Leilão

669ª Leilão

670ª Leilão

671ª Leilão

672ª Leilão

673ª Leilão

674ª Leilão

Produzido por Feld Entertainment

Disney

ON ICE

Descobrindo

AVENTURAS



© Disney

8 A 12 DE JUNHO

GINÁSIO IBIRAPUERA

INGRESSOS EM UHUU.COM



MEDIOS

Folha de São Paulo

UOL

RDS

globo

913

MARCAS

OPUS



8 A 12 DE JUNHO
GINÁSIO IBIRAPUERA
INGRESSOS EM UHUU.COM

Acesse [DisneyOnIce.com.br](https://disneyonice.com.br) para informações sobre COVID-19 e protocolos de segurança

PATROCÍNIO:

E **Imagem**
São Paulo

UOL

APOIO:

clube

Estádio
Disney **913**

REALIZAÇÃO:

OPUS



Vista de loja de armas em São Paulo. Miguel Pacheco/11 - 15 Jan 2019/APP

Venda de munição para CACs dobra em 2021 com ações de Bolsonaro

Colecionadores, atiradores desportivos e caçadores compraram 61,3 milhões de unidades no ano passado

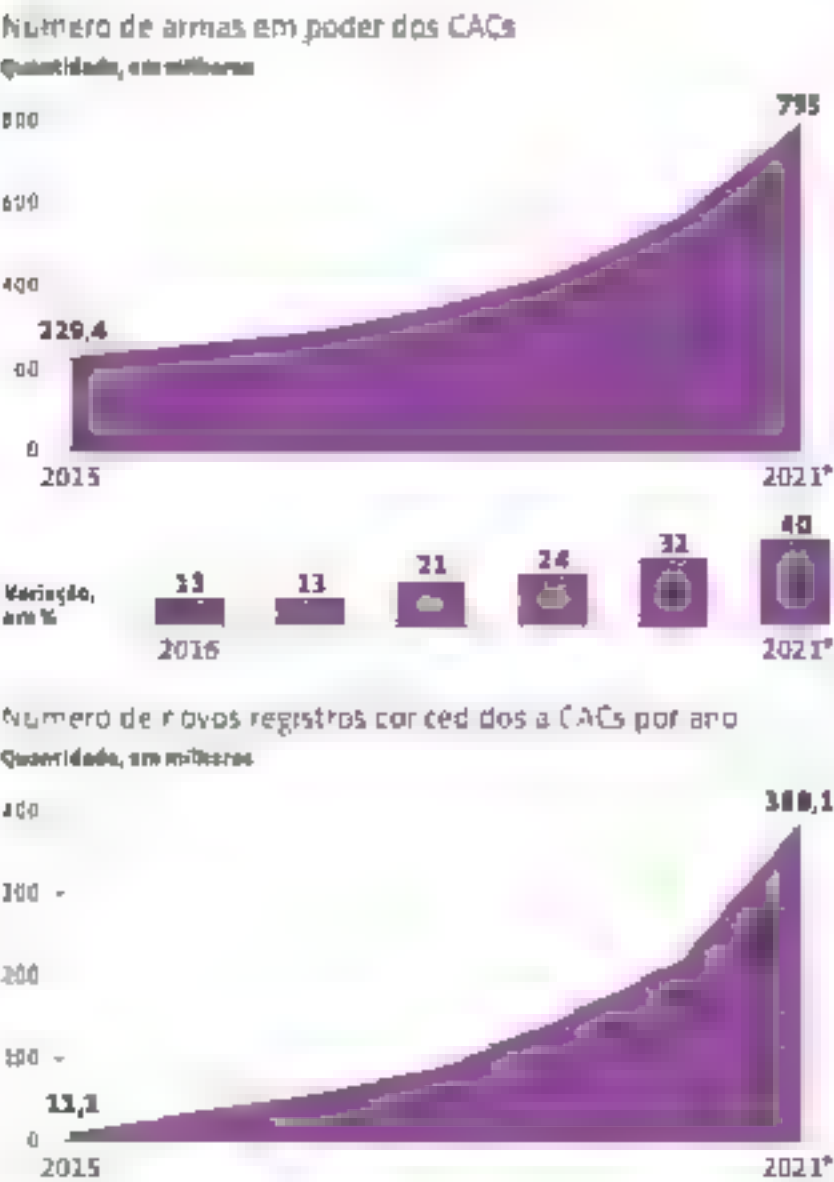
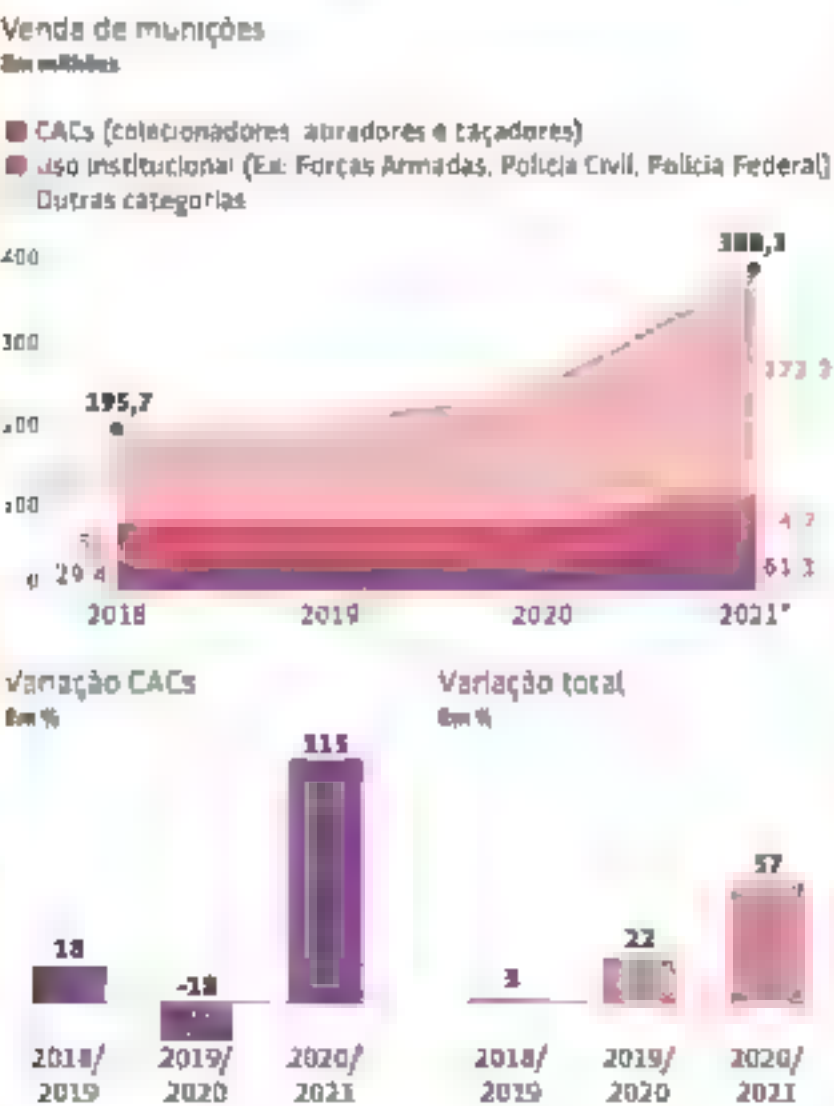
Raquel Lopes

BRASÍLIA A venda de munições para CACs (coleccionadores, atiradores desportivos e caçadores) dobrou em 2021, chegando a 61,3 milhões de unidades contra 28,5 milhões em 2020. Os CACs têm sido beneficiados com uma série de normas do governo do presidente Jair Bolsonaro (PL), o que tem influenciado o crescimento de armas e munições nas mãos dessa categoria. O atirador desportivo, por exemplo, antes dos decretos era dividido em três níveis. O maior deles, aquele que participa de competições nacionais, poderia comprar até 16 armas e 40 mil munições por ano. Com as mudanças, não há mais a divisão por nível e qualquer um pode obter até 60 armas, podendo chegar a adquirir 180 mil munições anualmente. Todo esse crescimento ocorre em paralelo a atos e discursos de Bolsonaro desde a campanha de 2018. O presidente, sua família e vários de seus apoiadores são ferrenhos defensores do armamento da população. Na sua gestão, o mandatário estimulou o cidadão comum a se armar. Inclusive deu acesso à população a clubes mais poderosos. Em agosto do ano passado, no momento em que enfrentava uma crise institucional, Bolsonaro disse a apoiadores em frente ao Palácio da Alvorada que defendia que todos pudessem ter um fuzil. "Tem que todo mundo comprar fuzil, pô. Povo armado jamais será escravizado". O governo já publicou 15 decretos presidenciais, 19 portarias, dois projetos de lei e duas resoluções que flexibilizam regras. As medidas adotadas por seu governo ampliam o acesso da população a armas e munições e, por outro lado, enfraquecem os mecanismos de controle e fiscalização de artigos bélicos. Uma delas revogou três normas que melho-

ravam o rastreamento de armas e munições no país. Como a Folha mostrou, os CACs têm participação ativa no governo Bolsonaro. Antes da publicação de quatro decretos, o processo de consulta aos bastidores a categoria demorou ao menos 11 meses. Eles foram os únicos ouvidos sobre as normas que regulariam a compra de armamento e munição por agentes de segurança e CACs. Em 2021, a venda de munições para o grupo pela primeira vez ultrapassou a venda para uso institucional, que chegou a 54,7 milhões. O crescimento dessa categoria, que envolve as forças policiais e as Forças Armadas, foi de 7% de 2020 para 2021. Os dados inéditos do Exército Brasileiro foram obtidos via LAI (Lei de Acesso à Informação) pelo Instituto Sou da Paz. As informações mostram a evolução da venda de

munições desde 2018. Houve também aumento do número de registros e do arsenal bélico na mão dessa categoria. No total, há 795 mil armas registradas de CACs e 493 mil pessoas com registro ativo de CAC no Exército Brasileiro até novembro de 2021. Como justificativa de dar segurança jurídica à categoria, o PL 3.723/2019, do governo federal, pode beneficiar ainda mais esse público. Ele está sob a relatoria do senador Marcos do Val (Podemos-ES), que também é CAC, e ainda será votado na CCJ (Comissão de Constituição e Justiça) do Senado. Conhecido como "PL da Bala Solta", o projeto altera pontos importantes da legislação sobre controle de armas e munições no país. Um ponto do projeto prevê que os atiradores e caçadores transportem uma arma curta municiada e pronta para uso, em qualquer horário e trajeto para o local da prática de tiro. A autorização já consta em decreto publicado no governo Bolsonaro em 2019, mas a intenção é dar status de lei para esse ponto. "Você pode morar na zona sul e ter um clube na zona norte e a qualquer horário, inclusive às 3h da manhã, alegar que está indo ao clube. Isso faz com que muitas pessoas que queiram ter o porte de arma, seja para defesa pessoal ou outros motivos, busquem essas categorias", diz Atila Pollachi, Cerente de Projetos do Instituto Sou da Paz. Outro ponto assegura que os atiradores possam ter no mínimo 16 armas de calibre permitido ou restrito. O projeto, entretanto, não coloca limite máximo de armas que podem ser adquiridas, podendo ficar a critério de decretos publicados pelo governo federal. Atualmente, esse grupo pode adquirir até 60 armas. Pollachi acrescenta que, ao mesmo tempo que flexibiliza as normas, o projeto impõe mais dificuldade de fiscalização. Como mostrou uma reportagem da Folha, os poli-

Venda de munições para CACs dobra em 2021



	Antes do governo Bolsonaro	Após decretos do governo Bolsonaro
Atirador desportivo	Erão divididos em três níveis, sendo que o de nível I poderia comprar até quatro armas e o de nível II até 16 armas. O de maior nível poderia comprar até 40 m munições por ano.	Pode comprar até 60 armas, podendo ser 30 de calibre de uso permitido e 30 de uso restrito. Pode comprar 5 mil munições para cada arma de uso permitido e 1 mil para arma de uso restrito, podendo chegar a 180 mil ao ano.
Caçador	Poderia adquirir até 12 armas, havendo a possibilidade de 8 de calibre restrito. Poderia comprar até 5 mil munições por ano.	Pode comprar até 30 armas, sendo 15 de uso permitido e 15 de uso restrito. Pode comprar 5 mil munições para arma de uso permitido e 1 mil para arma de uso restrito, podendo chegar a 90 mil munições por ano.
Colecionador	Não há limite de armas, mas poderia comprar apenas um por modelo. Poderia ter somente uma munição ativa para cada modelo de arma e poderia adquirir munições inertes, ou seja, que não funcionam.	Não tem limite máximo de armas que podem ser adquiridas. No entanto, pode comprar cinco armas de cada modelo. As armas apostadas como parte da coleção não podem ser usadas para compra de munições.

*Dejan a nov 21. Fonte: Dados obtidos pelo Instituto Sou da Paz por meio da LAI (Lei de Acesso à Informação)

ciais hoje não conseguem ter acesso ao banco de dados do Exército por falta de integração dos sistemas. Dessa forma, eles precisam enviar ofício para conseguir informações sobre armas utilizadas por CACs, por exemplo. O PL diz que para ter acesso aos bancos de dados que contenham informações de arcos de CACs, o servidor credenciado terá que apresentar um pedido formal justificando os motivos. Michele dos Ramos, assessora especial do Instituto Igarapé, diz que os CACs têm sido os mais beneficiados com essas flexibilizações. "As munições dessas categorias não são marcadas, como as de uso das forças de segurança, e o projeto não avançou nisso. Quando flexibiliza e não melhora a fiscalização, os desvios do mercado legal para o ilegal são facilitados,

por exemplo", destaca. Ivan Marques, advogado e membro do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, acrescenta que a marcação de munição para uso institucional é algo admirado pelo resto do mundo. Isso ajuda com que as munições sejam menos desviadas e, quando isso ocorrer, é possível saber qual a origem. Em janeiro, por exemplo, foi apreendido um arsenal do Comando Vermelho na casa de uma pessoa que tinha registro de CAC emitido pelo Exército — 65 armas que abasteciam diversas favelas do Rio, entre elas 26 fuzis, todas legalmente adquiridas. O senador Marcos do Val defende o projeto e diz, por nota, que o PL 3.723/2019, regulamenta a posse e o porte de armas para os CACs, visando a segurança jurídica da categoria. "O PL restringe o número de armas, prevê o rastreamento das munições utilizadas e uma série de outras medidas que regulamentam a atividade. Como relator, sempre tratei o tema com a devida responsabilidade, ouvindo e acatando diversas emendas de outros senadores", afirma. Além dos CACs, Marques destaca que o governo facilitou o acesso da população a armas e munições e deu acesso a calibres que antes eram permitidos só a policiais e as Forças Armadas. "Uma arma com calibre 9mm, por exemplo, era de uso somente das Forças Armadas e, atualmente, o cidadão comum pode ter acesso a esse tipo de arma. Quando amplia esse uso para o cidadão comum, aumenta também o universo de linhas de investigação e dificulta a resolução de crimes", afirma. Ailton Patriota, coordenador técnico da CBTE (Confederação Brasileira de Tiro Esportivo) e favorável à flexibilização das normas sobre armas a atiradores desportivos, sobretudo no aumento do número de equipamentos que podem ser adquiridos pelos CACs. "Alguns atletas competem em várias modalidades e precisam de armas diferentes. Não acho que a quantidade de armas em circulação aumentaria a violência. O controle dessas armas é muito rígido", explica. No entanto, ele diz discordar da permissão de transportar equipamentos proibidos para uso, em qualquer horário e trajeto, para o local da prática de tiro. "Se é um atleta, por que precisa andar armado?" indaga Patriota. "O que me preocupa é o aumento na quantidade de CACs, sem o aumento expressivo no número de atletas. É preciso uma cobrança maior". O Exército foi procurado, mas não se manifestou até conclusão desta edição. Colaborou Kauê Garcia

As munições dessas categorias não são marcadas, como as de uso das forças de segurança, e o projeto [de lei 3.723/2019] não avançou nisso. Quando flexibiliza e não melhora a fiscalização, os desvios do mercado legal para o ilegal são facilitados

Michele dos Ramos assessora especial do Instituto Igarapé

cotidiano

O ‘atlas do sofrimento humano’

Emissão de gases de efeito estufa precisa ser reduzida para evitar catástrofe

Marcia Castro

Professora de demografia e chefe do Departamento de Saúde Global e População da Escola de Saúde Pública de Harvard

O segundo volume do sexto relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) foi lançado em 28 de fevereiro. A mensagem é clara e dura: as emissões de gases de efeito estufa precisam ser reduzidas em 45% até 2030 para que se evite uma catástrofe climática. Cerca de 3,3 bilhões de pessoas vivem em áreas de alta vulnerabilidade. Um aumento médio da temperatura global em 1,5°C pode tornar cerca de 8% das terras agrícolas inviáveis ao plantio. Um aumento de 2°C levaria a escassez de água, pre-

judicaria a agricultura e a pesca, e causaria fome severa nas áreas mais vulneráveis. Antonio Guterres, secretário-geral da ONU (Organização das Nações Unidas), descreveu o documento como um “atlas do sofrimento humano”. O sofrimento, entretanto, é desigual. Entre 2010 e 2020, áreas vulneráveis na África, sul da Ásia e América do Sul registraram um número de mortes devido à seca, enchentes e tempestades 25 vezes maior do que nos países de renda alta. Atualmente, cerca de 25% da

população mundial está exposta aos efeitos do calor extremo. Até o final do século deverão ser de 50% a 75%. Parece um prazo muito longo, mas as mudanças são progressivas. A frequência e a intensidade de eventos climáticos extremos têm aumentado. No Brasil, cerca de 360 mil pessoas foram deslocadas devido a desastres e mortes em 2020, um aumento de 18% em relação a 2019. Há urgência na adoção de ações de mitigação e adaptação. No contexto brasileiro, três pontos são importantes.

Primeiro, a situação crítica de destruição na Amazônia, com aumento do desmatamento e queimadas. A não reversão desse padrão poderá levar a savanização da Amazônia e expor entre 6 e 11 milhões de brasileiros ao calor extremo, afetando principalmente crianças, idosos, pessoas com comorbidades, e pessoas morando em condições de vulnerabilidade. Segundo, o contexto urbano. A recente tragédia em Petrópolis é um retrato cru da expansão urbana desordenada que acontece em várias cidades bra-

sileiras. Dados do MapBiomas mostram aumento da expansão urbana informal em áreas com declive maior que 30% e, portanto, sujeitas a deslizamentos. A PEC 30/2012, aprovada na Câmara dos Deputados no dia 22 de fevereiro, extingue o terreno de marinha e pode levar a especulação imobiliária em áreas costeiras importantes para o equilíbrio ambiental e que deveriam ser preservadas. Terceiro, o perigo da seca que leva à fome extrema e ao deslocamento em massa. A grande seca de 1877-79 devastou o Nordeste brasileiro, dadas as condições sociais devido à falta de políticas públicas. Cerca de 5% da população do piau-murren, e os deslocamentos em massa levaram a criação das abarrocamentas, campos de concentração para abrigar os retirantes da seca. A escassez de água também compromete a capacidade energética.

Cerca de 65% da geração de eletricidade no Brasil depende do água. Segundo o MapBiomas, de 1990 a 2020 o Brasil perdeu 15,5% de superfície de água. Na Amazônia, nas cidades e no Nordeste, são as mais vulneráveis que sofrem. Como disse Pazu, Farmer, Jacéido precocemente no último dia 22, “a ideia de que algumas vidas valem menos que outras é a raiz de tudo que está errado no mundo”. Sem uma política social que verdadeiramente promova a inclusão e a redução das desigualdades, envolvendo diversos atores na busca por soluções, as perdas humanas e ambientais serão incalculáveis. A humanidade tem conhecimento e recursos para impedir essas perdas. Há que haver mais empatia e menos ganância. Ainda há tempo para agir e reagir. Que todos pensem nisso ao votar em outubro.

DOM: Antonio Prata | SEG: Marcia Castro, Maria Hornem | TER: Vera Iaconelli | QU: Rone Szabo de Carvalho, Jairo Marques | Q5: Sérgio Rodrigues | SEX: Tab Bernardi | SÁB: Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

Rede acolhe vítima de violência doméstica no Rio

Centro especializado aplicou modelo de capacitação profissional e integração de setores e dobrou atendimentos

VIDA PÚBLICA

Emerson Vicente

SÃO PAULO A cada cinco minutos uma mulher é vítima de violência doméstica no estado do Rio de Janeiro. Além dos danos físicos e emocionais, o medo e a burocracia também contribuem para a falta de denúncia. Mas um trabalho com ênfase na capacitação de profissionais e na criação de uma rede envolvendo assistência social, jurídica, de saúde e de educação deu alento às mulheres da capital fluminense. O modelo, coordenado pela gestora Rosângela Pereira da Silva, 48, no Centro Especializado de Atendimento à Mulher Chiquinha Gonzaga, refletiu aumento de 100% nos atendimentos na unidade em dois anos e rendeu a funcionária pública o Prêmio Espírito Público, em 2021, no eixo setorial Assistência Social. Em 2019, a unidade liderada por Rosângela havia registrado 1.675 atendimentos. No ano passado, o número saltou para 3.341. “Desde 2017, eu e minha equipe investimos muito em capacitação, em profissionais que saibam, entendendo que se trata a violência pública, como acolher uma mulher em situação de violência doméstica. Começamos a fazer um grande trabalho, divulgando nas redes públicas de assistência, saúde, educação e justiça sobre o serviço. Com isso, começamos a aumentar o número de atendimentos às mulheres, começamos a ter visibilidade”, diz Rosângela. De acordo com o Dossiê Mulher 2021, mais de 98 mil mulheres foram vítimas de violência familiar e doméstica



Rosângela Pereira em sua sala no centro de atendimento Chiquinha Gonzaga. (Divulgação)

em todo o estado do Rio de Janeiro em 2020, sendo que 78 foram mortas. “Não é simples fazer uma denúncia, não é simples procurar ajuda, principalmente no município do Rio de Janeiro. Na capital, temos companheiras, esposas de pessoas envolvidas com milícia, Forças Armadas, polícia. E temos também algumas que são companheiras de pessoas envolvidas com o tráfico e com outras questões complicadas, como com pessoas que já cometeram homicídio”, diz a gestora. Rosângela cita o caso de uma mulher que havia sido esfaqueada pelo companheiro em uma área comandada por milícia. Houve uma demanda para buscar atendimento, pois nem os vizinhos conse-

guiam ajudar, já que muitas das mulheres da região vivem a mesma situação e têm medo. Para a gestora, formada em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a organização foi fundamental para a maior visibilidade do serviço e para dar garantia de acolhimento às vítimas. Segundo Rosângela, um dos motivos que levou ao reconhecimento do trabalho como o Prêmio Espírito Público foi pensar que a política pública tem que estar em conjunto com outros setores, formando uma rede institucional coesa e alinhada. “Trabalhamos muito com as unidades de saúde, com as unidades de segurança pública, com o judiciário, com

as ONGs, associação de moradores, porque todas, dependendo do caso dessa mulher, são importantes para que ela consiga sair dessa situação, sair viva e reconstruir uma nova vida”. Até o meio do ano passado, a unidade era composta por três assistentes sociais, três psicólogos, e uma orientadora jurídica. Segundo Rosângela, foram feitos termos de cooperação com universidades com residências profissionais da saúde da mulher. Atualmente, de 30 a 40 profissionais passam pelo programa na unidade durante o ano. “Com essas residências, nós recebemos profissionais com formação em serviço social, em psicologia e em enfermagem. No início, damos a for-

mação sobre violência doméstica, de como fazer o atendimento, qual é a rede e recursos que lançamos mão”. Nasceu na Baixada Fluminense, uma das regiões mais violentas do país, a filha de costureira e de pedreiro viu de perto a falta de políticas públicas. E isso pesou na sua trajetória no serviço social. “Não cheguei a passar grandes dificuldades, comparado com outras pessoas que moravam na mesma localidade que a minha. Mas na época de escolher uma formação, pensei muito e vi que era no serviço social a possibilidade de transformar um mundo em um lugar melhor para todas as pessoas”. Até chegar ao comando da unidade Chiquinha Gonzaga, Rosângela, que entrou no funcionalismo em 2003 por concurso, diz ter passado por vários setores sociais. Fez estágio em unidade de tratamento de saúde mental, passou por delegacias, por escola para pessoas com deficiência, até chegar à assistência social na política para a mulher. “Quando chego à política da mulher, entendo que não se dá conta sozinha, exige uma transversalidade em suas ações e no trabalho cotidiano”. A violência contra a mulher não faz distinção de classe, diz Thandara Santos, conselheira do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. “Mulheres ricas, que têm maior acesso à educação, ainda assim estão sujeitas a serem vítimas de violência. As bases dessas violências são muito mais estruturais do que só uma questão econômica”. Para Thandara, o modelo adotado na unidade Chiquinha Gonzaga está alinhado com o que a Lei Maria da

Penha já propunha. “A lei não foi criada para somente coibir a violência contra a mulher. Ela foi criada também para prevenir e criar formas de prevenir a violência contra a mulher. Quando se fala de uma rede mais ampla, a gente está pensando em criar formas para essa prevenção, que é tão importante ou talvez mais que a punição”. Rosângela sabe que o caminho no combate à violência contra a mulher ainda é longo, mas mantém o otimismo. “A cada dez mulheres que entram no serviço, se eu consigo que uma se reinvente, consigo mudar sua vida e sair da situação de violência isso dá energia para trabalhar com mais 20. Mas o que tenho percebido é que tenho muito mais que uma entre dez. É algo gratificante, São vidas que mudam”. A Prefeitura do Rio de Janeiro informou, em nota, que investiu em atendimento online, aumento do quadro de pessoal e dos equipamentos eletrônicos do Centro Especializado de Atendimento à Mulher Chiquinha Gonzaga devido ao aumento da violência doméstica durante a pandemia. As mulheres atendidas pelo centro foram encaminhadas para cursos de capacitação das Casas da Mulher Carioca bem como a vagas de emprego pelo Projeto Novos Rumos, uma parceria com a Secretaria de Trabalho e Renda e o Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro. A gestão também lançou o cartão de transporte Move Mulher e em janeiro o Cartão Mulher Carioca, que concede um auxílio financeiro de R\$ 400 para mulheres em situação de violência doméstica e vulnerabilidade social.

MORTES

coluna.aboritueioff@grupofolha.com.br

Extremamente culto, tinha políticos na sala de espera

ANIS JOSÉ LEÃO (1931-2022)

Julia Barbon

RIO DE JANEIRO Anis José Leão era dono de uma curiosidade infinita. Sabia das bactérias do intestino, das teorias filosóficas, da engenharia de trânsito e, mais recentemente, se debruçava sobre as funções do Espírito Santo, que o guiaria até o fim. “Não vamos desperdiçar a inteligência desse menino em

balcão da loja, não” percebeu cedo a mãe libanesa, que veio se casar com o pai, fugidos da pobreza natal. Era o penúltimo de oito irmãos na pacata Itaúna, interior de MG. Ali também começou a vida como cronista de rádio e jornal, passando a professor de tudo: física, química, ciências naturais em colégios de Belo Horizonte. Chegou a cursar medicina, mas não gostou

e foi se encontrar no direito. Trabalhou paralelamente por 40 anos na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e no Tribunal Regional Eleitoral mineiro (TRE). “Então falava que trabalhei por 80 anos”, brinca a filha Tais Lobato Leão, 60, que seguiu seus passos na profissão. Na primeira instituição, foi um dos fundadores do curso de comunicação social, onde lecionou legislação e ética. Na segunda, começou em cargo pequeno e subiu até “diretor de divisão”, uma espécie de guru do direito eleitoral. Tinha em sua sala de espera políticos que vinham se con-

sultar de prefeitos a governadores, e foi convidado para integrar a “comissão dos 30 notáveis” do TSE (Tribunal Superior Eleitoral), votando a Brasília para propor reforma eleitoral. Apesar de tudo, conservou sempre simplicidade e generosidade sem alarde. Morria de amores por Nina, uma shetland com quem passeava todo dia pelo bairro, onde já era conhecido. Era dizimista de duas paróquias e conseguiu mudar uma rua para mão única ao apresentar estudo detalhado às autoridades. Leu muito, o tempo todo e a vida inteira, por isso não era de

gostos populares, dispensando televisão, futebol e conversa fiada. Essa curiosidade e a fé em Deus o ajudaram a atravessar uma depressão crônica e um tumor que o tornou ca-deirante há alguns anos. Mas de 5.000 exemplares se acumularam pelos cômodos da casa onde viveu com a amada Clélia até ela morrer em 2015. Quase caiu para trás quando, aos 91 anos, a viu pela

primeira vez lindíssima, após enviar uma carta ao “correio sentimental” do jornal. Com ela debia três filhas, duas netas e três bisnetos, além de dezenas de livros, um blog e 15 textos inacabados em cadernos, para as pessoas mais importantes de sua vida. Interrompido no dia 25, Anis não resistiu ao tratamento de complicações de uma infecção urinária.

Procurar o Serviço Funerário Municipal de São Paulo

tel: (11) 3396-3100 e central 156, prefeitura.sp.gov.br/serviciofunerario

Anúncio pago na Folha. Tel: (11) 3224-2000. Seg. a Sex. 10h às 18h. Sáb. e Dom. 10h às 17h

Assinatura gratuita na seção: folhachor/mortes até as 18h para as bilheteiras no 2º e 3º andar (15h de sexta para publicação aos dom e seg) ou pelo telefone (11) 3224-2265 das 10h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para chegarmos das 17h às 18h.

SOU CIÊNCIA | Soraya Smail, Pedro Arantes e Maria Angelica Minhoto

Guerra na Ucrânia compromete cooperação científica mundial

Na ciência, como na vida, é fundamental cooperar para superar grandes desafios. Na história da ciência, há muitas superações e descobertas quase sempre a partir de trabalhos realizados sucessiva e incansavelmente por diversos autores, em equipe.

Outro aspecto da ciência é a constante troca de novos conhecimentos e informações, por meio de publicações, dados abertos, conferências e encontros científicos. Via de regra, a ciência evolui pelo intercâmbio e discussão de resultados para responder a problemas iniciados ou para aperfeiçoar respostas já existentes.

Desde 2020, o mundo vive uma pandemia de grandes proporções e longa duração, assim como no início do século 20. Mas, diferentemente da "gripe espanhola" (1918-19), o surgimento do novo coronavírus ocorreu em um mundo globalizado, com as nações quase que total e simultaneamente conectadas pela internet e outras formas de comunicação.

Essa forte e ágil conexão permitiu a rápida troca de conhecimentos, informações e cooperação entre cientistas do mundo todo, além da divulgação dos resultados de suas pesquisas em tempo real. O fluxo enorme de dados ainda preliminares sobre as causas e consequências da pandemia

de Covid teve também efeitos negativos, mas certamente os benefícios foram maiores.

Cientistas e instituições de pesquisa, então, se uniram, integraram conhecimentos, divulgaram resultados em busca de soluções para entender o comportamento do vírus que se diferenciava de outros conhecidos. O resultado veio rápido: com vacinas elaboradas e distribuídas em tempo recorde, fruto da ciência que vinha sendo desenvolvida e da cooperação entre governos, universidades, institutos laboratoriais, indústrias e sociedade.

Com base nas tecnologias em desenvolvimento, as vacinas da Universidade de Oxford e da BionTech, por exemplo, propuseram novas fórmulas, que foram testadas e aprovadas. Outras soluções seguiram rotas mais tradicionais, como a Coronavac, produzida pelo Instituto Butantan em parceria com a Sinovac, e que foi rapidamente importante para enfrentar o cenário caótico.

Era Bretanha, Alemanha, EUA, China, Índia e Rússia desempenharam papel importante no desenvolvimento de vacinas, de diferentes tecnologias, bem como no fornecimento dos insumos farmacêuticos. No Brasil, além dos estudos de fase 3 de al-

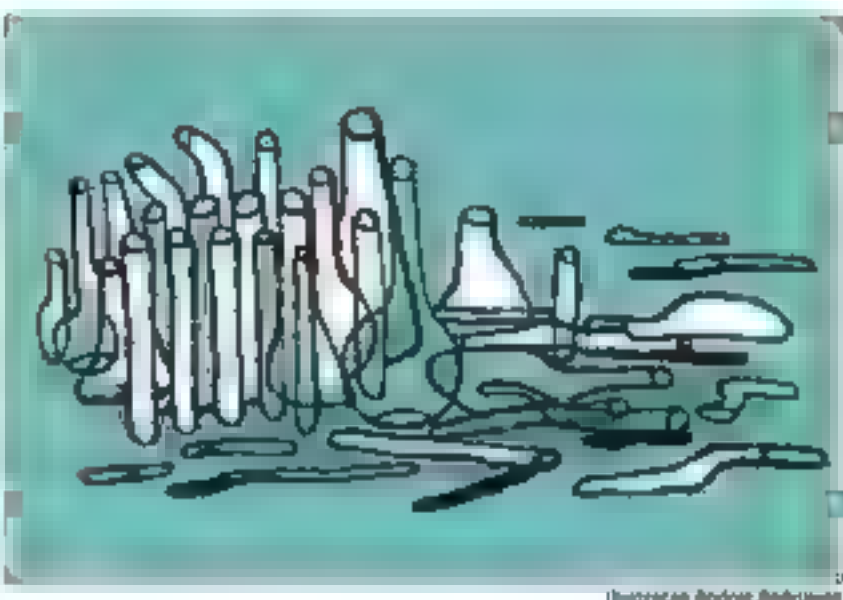


Ilustração: Rodrigo Rodrigues

gumas vacinas, há a pesquisa de novas imunizantes, desenvolvidas aqui. No processo, houve cooperação e esperança de que o esforço daria a diretriz para coalizão no combate à pandemia. Mas, apesar de redes de colaboração instituídas, as potências centrais, hoje protagonistas do conflito na Ucrânia, falharam em fechar acordo efetivo para a rápida distribuição e acesso a vacinas por todos.

A cooperação inicial entre ciência e sociedade deu lugar à competição entre governos e empresas, favorecendo os países mais ricos e as firmas éticas mais poderosas. Conflitos por poder, dinheiro e propriedade intelectual limitaram a cooperação

e aprofundaram desigualdades e desconfianças.

Prenúncia do que estava por vir, ou simplesmente o retorno ao estágio anterior de guerra latente e competição feroz? De qualquer jeito, a ciência e a humanidade, que se defrontaram com o vírus e vislumbraram uma possível ordem global de maior cooperação, perde um cenário no a uma ordem geopolítica e econômica polarizada, belicista e destrutiva. O fim da cooperação e o retorno ao estado de guerra entre impérios e mentes são um crime contra a humanidade para além das vítimas diretas do conflito na Ucrânia.

Rússia e Ucrânia travam guerra em meio à pandemia

Os dois países estão padecendo com a propagação da variante omicron, com números astronômicos de casos diários (cerca de 180 mil diários na Rússia e 35 mil na Ucrânia, que tem população três vezes menor). Mesmo que a Rússia tenha feito sua vacina, a Sputnik, só 50% da população tomou ao menos a primeira dose — no Brasil a sua, mais de 80%.

Na Ucrânia, a situação é mais grave. Embora o país queira fazer parte da comunidade europeia, está bem longe de padrão aceitável de vacinação, com só 35% da população com ao menos a primeira dose, segundo a Our World in Data (plataforma desenvolvida pela Universidade de Oxford). Com a guerra, a imunização dos ucranianos está mais comprometida, pois a vacinação está suspensa em quase todas as cidades diante dos ataques e da ida da população para abrigos antiaéreos.

O conflito acirrará os desafios da pandemia do ponto de vista regional e global, tendo em vista as projeções de deslocamento forçado de cerca de 5 milhões de pessoas durante guerra, produzindo uma demanda de refugiados, o que agregará complexidade e inviabilizará previsões seguras sobre o controle da pandemia e de variantes.

Já é certo que a população

mundial precisará de nova geração de vacinas em breve e, para isso, será necessário fortalecer a cooperação científica internacional e o investimento em diferentes frentes de atuação para diminuir a desigualdade na distribuição e no acesso. Outra evidência científica é a necessidade de diminuir a devastação do meio ambiente para impedir as dramáticas mudanças climáticas que estão em curso e que aumentam as chances de novas pandemias.

Condições de clima e meio ambiente estão conectadas a problemas de saúde, segurança alimentar e combate à fome. O conflito agravará essas tendências e atinge consequências que vão de impactos negativos no comércio global, aumento do preço de produtos até escassez de alimentos e energia (gás e combustíveis) — o que pune mais os países pobres e populações vulneráveis.

A guerra e a nova polarização bélica global causarão retrocessos e poderão anular o legado, mesmo que parcial, de cooperação global em avanços científicos e desenvolvimento de tecnologias e bens públicos para a sociedade. É possível imaginar ciclos de reconstrução pós-pandemia e avanços em várias agendas, a guerra e suas consequências colocam em risco esse futuro minimamente promissor do pós-Covid.



MILITARES DA DEFESA UCRÂNIA SE CASAM EM KIEV
Os soldados Lesya Ivashchenko e Valery Filymonov trocam alianças de casamento, em meio a colegas de grupamento, neste domingo (6) em posto de controle das tropas ucranianas na capital do país que é um dos principais alvos de ataques do governo da Rússia.
Gera 3/2022 / APF

MENSAGEIRO SIDERAL

Salvador Noqueira
folha.com/messenger-sideral

Só Elon Musk pode salvar o programa lunar americano

Na última terça-feira (1º), o programa Artemis, com o qual os EUA pretendem levar astronautas de volta à Lua nesta década, sofreu um atropelamento. Foi em uma audiência do Comitê de Ciência da Câmara dos Representantes. A palavra-chave da apresentação? "Insustentável".

O diagnóstico veio do inspetor-geral da Nasa, Paul Martin, cuja função é justamente analisar de forma independente os programas da agência. Em seu relatório, surge pela primeira vez informação concreta de quanto custarão as quatro primeiras missões lunares (incluindo a inaugural, Artemis I marcada para este ano, que será um teste sem tripulação): US\$ 4,1 bilhões por voo. Desse montante, a maior

parte (US\$ 2,2 bilhões) vai para o SLS, o superfoguete de uso único baseado em tecnologias dos antigos ônibus espaciais. Martin estima que, entre os anos fiscais 2021 e 2025, a Nasa terá de desembolsar US\$ 23 bilhões para manter o programa "nos trilhos". E aí vão as aspas porque independentemente do pagamento, já são esperados atrasos consideráveis. Lembra quando o objetivo era pousar na Lua em 2024? O inspetor-geral agora fala em "até 2026, na melhor das hipóteses". E contrasta a etiqueta de preço de cinco anos com o orçamento anual desfilado a toda a Nasa: uns US\$ 25 bilhões. Com as duas informações lado a lado, temos a receita para "insustentável".

Há várias razões que leva-

ram ao evidente branco: lobby (a poderosa Boeing é a responsável pelo SLS, foca do Congresso em manter empregos após o fim do programa dos ônibus espaciais e contratação num formato que, segundo Martin, favorece os contratados, e não a Nasa).

Não é novidade nem para a agência, que já vem adotando para outros programas um novo modelo de contratação. Em vez de "custo total mais lucro" como o do SLS, "custo fixo", como o adotado para os programas comerciais de carga e tripulação da Estação Espacial Internacional. O modelo antigo encorajava empresas a atrasarem e inflarem custos, com a garantia de que tudo seria pago. No novo, se preço e prazo estouram, o problema é do fornecedor.

É nesses termos que a SpaceX está desenvolvendo um veículo para servir de módu-

lo de pouso lunar. Esse projeto, chamado Starship, embora tenha custo modesto (e fixo) para o tamanho da ambição, US\$ 2,9 bilhões, acaba trazendo a rebuque um lançador do mesmo porte do SLS, mas moderno, potencialmente reutilizável e pelo menos 20 vezes mais barato.

Uma vez que esse seja demonstrado para missões de pouso lunar, é improvável que não seja colocado em uso também para transportar a tripulação por todo o caminho até a Lua — dispensando a necessidade de SLS e Orion. Mas o Starship envolve tecnologias não testadas e, com isso, risco. Pode ser que não funcione, pode demorar mais que o esperado. E com isso torna-se cada vez mais provável que astronautas chineses sejam os primeiros a pousar na Lua no século 21. Só Elon Musk a essa altura pode salvar as ambições americanas.

ACERVO FOLHA | Há 100 anos 7.mar.1922

Chuva que atingiu Paraná avança por São Paulo e provoca estragos

A chuva que alagou os campos do estado do Paraná está a avançar pela Serra do Mar em São Paulo. Notícias vindas da cidade de Santos (SP) narram quedas de barreiras interceptando o tráfego dos trens e dos automóveis.

Além disso, a companhia São Paulo Railway afirmou que em uma linha houve às 6h desta terça-feira (7) um descarrilamento de um trem

que partiu de Santos.

A estrada de rodagem para Campinas também está prejudicada com a enxurrada das águas. Se o volume do rio Tietê aumentar como ocorreu com o rio Paranapiacaba no mês passado, a cidade de São Paulo poderá sofrer muito com as inundações.

LEIA MAIS EM
acervo.folha.com.br





FOLHA DE S. PAULO ***
SEGUNDA-FEIRA 7 DE MARÇO DE 2022

C1

Trecho da graphic novel 'Brega Story', escrita e desenhada por Gidalti Jr. e publicada pela Brasa Editora. [Gidalti Jr. / Repórter/Br](#)

Virando a página

HQs nacionais vão além de Turma da Mônica e vivem melhor momento em décadas, com novas editoras, obras voltadas para a temática social e retorno de veteranos

Diogo Bercito

WASHINGTON Guilherme Lorandi tinha 26 anos quando a Gibiteria, onde ele trabalhava como vendedor-faz tudo fechado as portas, em 2018. Em vez de se desanimar com o fim da casa de gibis, vítima das agruras do mundo editorial, o rapaz saiu do roteiro. Criou a sua própria loja, no mesmo endereço.

Não foi fácil, mas a casa

que batizou de Monstra—sobreviveu. Deu tão certo que Lorandi inaugurou, no fim de 2021, uma editora de mesmo nome. Seu primeiro lançamento, "Risca Faca" de André Kitagawa, é uma das grandes publicações destes meses. Ho é Lorandi, tem 39 anos.

A história dele dá conta de como o mercado de HQs nacionais vive um momento que, como diz a expressão— não está no gíbi. O setor passa por

uma de suas fases de maior vitalidade das últimas décadas. Contrariando as previsões pessimistas, surgiram novas lojas e editoras. Além da Monstra, a editora Brasa acaba de entrar no mercado: por exemplo, veteranos que tinham se afastado do setor estão voltando. A temática dos gibis tem se afiado também, tratando cada vez mais de assuntos como política, racismo, transgênia e pobreza.

"Risca Faca" é um excelente exemplo desse amadurecimento do mercado. O gíbi marcou, de certa maneira, o retorno triunfante do veterano Kitagawa, de 41 anos. Ele estava afastado desde o lançamento de "Chapa Quente" em 2006. Tinha feito alguns trabalhos em gíbi, mas nada do porte dessa nova HQ, em que narra a história de populações marginalizadas em um centro urbano brasileiro.



QUE NÃO ESTAVA NO GÍBI

Já consagradas em prêmios, HQs com temáticas como racismo, transgênia e até narrativas conceituais não são mais exceção no mercado nacional. Exemplos indispensáveis são o recente "Risca Faca", de André Kitagawa, "Angela Jango" e "Cimbe de Marcelo D'Saite". Além dos trabalhos de João Pinheiro, Marcelo Quintanilha, Lobo, Akimaz Frazão, Jefferson Costa e Rafael Caça

Não há uma explicação que sozinha, usá-lo nesse momento. O processo de amadurecimento está em curso há talvez dez, 15 anos. Mas os frutos estão de repente visíveis e bastante evidentes. "Do ponto de vista editorial, esse é o melhor momento nos quadros nacionais em muito tempo", diz Lorandi.

"Não dependemos mais de super-heróis e da Turma da Mônica. Temos edições de luxo, em capa dura, em papel bom. Sai gíbi de tudo quanto é jeito, para todos os bolsos. Acho que é o momento de fazer a coisa acontecer, e a Monstra entra nisso."

A superação do mercado do início dos anos 2000, tomado por super-heróis e pela Mônica, é uma ideia que diversas pessoas contaram a este repórter.

Continua na pag. C2

ilustrada

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

EL AL KSE ELE DISSE

Quase metade dos homens brasileiros (46%) acreditam que as mulheres têm uma reação exagerada quando se dizem vítimas de abuso em ambientes virtuais, de acordo com uma pesquisa feita pelo Instituto Ipsos. Já entre elas, essa percepção cai para 37%.

PARADO O questionário considerou abuso o uso de linguagem sexista ou misogina. Também entraram na lista situações como ter informações ou imagens íntimas divulgadas por outra pessoa sem autorização, e o envio de conteúdo explícito não solicitado.

EM CASA A pesquisa online consultou 20 mil pessoas de 30 países entre 21 de janeiro e 4 de fevereiro, dos quais mil foram brasileiros. Os entrevistados tinham entre 16 e 79 anos.

BRACÃO Para 63% dos homens e mulheres ouvidos no Brasil, elas não devem tolerar essas situações no ambiente virtual. Já 31% acreditam que a melhor forma de reagir aos abusos é ignorando.

ORIGEM Quase seis em cada dez brasileiros (58%) acham que a maioria dos casos de abuso em ambientes virtuais ocorre por culpa dos homens. É o maior índice registrado entre todos os países que integraram a pesquisa.

VAMOS CONVERSAR A Defensoria Pública de São Paulo quer discutir com a USP (Universidade de São Paulo) a criação de um órgão destinado exclusivamente a receber denúncias de assédio e de violência de gênero no ambiente universitário. O órgão encaminhou um ofício à instituição solicitando uma reunião.

FLUXO O Núcleo de Promoção e Defesa dos Direitos da Mulher da Defensoria, que assina o documento, diz que a universidade já adota políticas para lidar com o tema, mas carece de um sistema unificado para a prevenção e o combate a casos como esses. Atualmente, cada faculdade lida com os episódios de forma independente.

DOMÍNIO "A violência contra a mulher, quando praticada no ambiente universitário, agrega efeitos danosos que superam as violações à saúde e à segurança das vítimas, pois comprometem também o desenvolvimento de suas plenas capacidades acadêmicas e científicas", afirma a Defensoria.

À MESA Um grupo de 40 entidades da sociedade civil vai enviar nesta segunda (7), um ofício à Secretaria de Governo Municipal de São Paulo e ao Comitê Gestor da Política Municipal sobre Álcool e outras Drogas pedindo um novo marco de participação e controle social sobre políticas de drogas na capital paulista.

CLAREZA Os signatários pedem maior transparência das decisões tomadas pelos órgãos. A iniciativa ainda pleiteia um posicionamento oficial do comitê sobre a ausência de determinados representantes da sociedade civil no colegiado.

JUNTOS O ofício é assinado por entidades como a Comissão de Direitos Humanos da OAB-SP, o Conselho Regional de Psicologia de São Paulo e a Associação dos Docentes da Unifesp.

com **Bianka Vieira**, **Karina Mattias** e **Manoella Smith**

CORT NAS LEVANTADAS



Foto: Agência Olycom/Divulgação



O diretor do Itaú Cultural, Eduardo Saron, e Danilo Santos de Miranda, diretor do Sesc SP, compareceram à estreia da peça "A Última Sessão de Freud" na quinta-feira (3), no Itaú Cultural, em São Paulo. O espetáculo tem o ator Odilon Wagner no elenco. O crítico literário Manuel da Costa Pinto também passou por lá.

BVA A atriz Fernanda Montenegro foi eleita a mulher mais admirada do Brasil em uma pesquisa feita pelo Instituto Qualibest. Este é o terceiro ano seguido em que ela lidera o levantamento feito pela empresa de pesquisa digital.

Na sequência aparecem a cantora Anitta, a atriz Tais Araújo, a apresentadora Ana Maria Braga, a ex-presidente Dilma Rousseff e a primeira-dama Michelle Bolsonaro, respectivamente. A pesquisa ouviu 1,5 milhões de pessoas de todo o Brasil entre 18 e 27 de fevereiro deste ano.

SET Um levantamento da Spicine mostra que, entre março de 2020 e dezembro de 2021, 80,4 livros audiovisuais foram filmados em São Paulo. Deste total, 114 foram longas de ficção, documentais ou séries.

SET 2 A Netflix liderou a lista entre as empresas de streaming, com quatro obras rodadas na capital paulista. Em seguida está o Globoplay, com três produções. Já a Amazon e o Disney+ realizaram duas gravações cada.

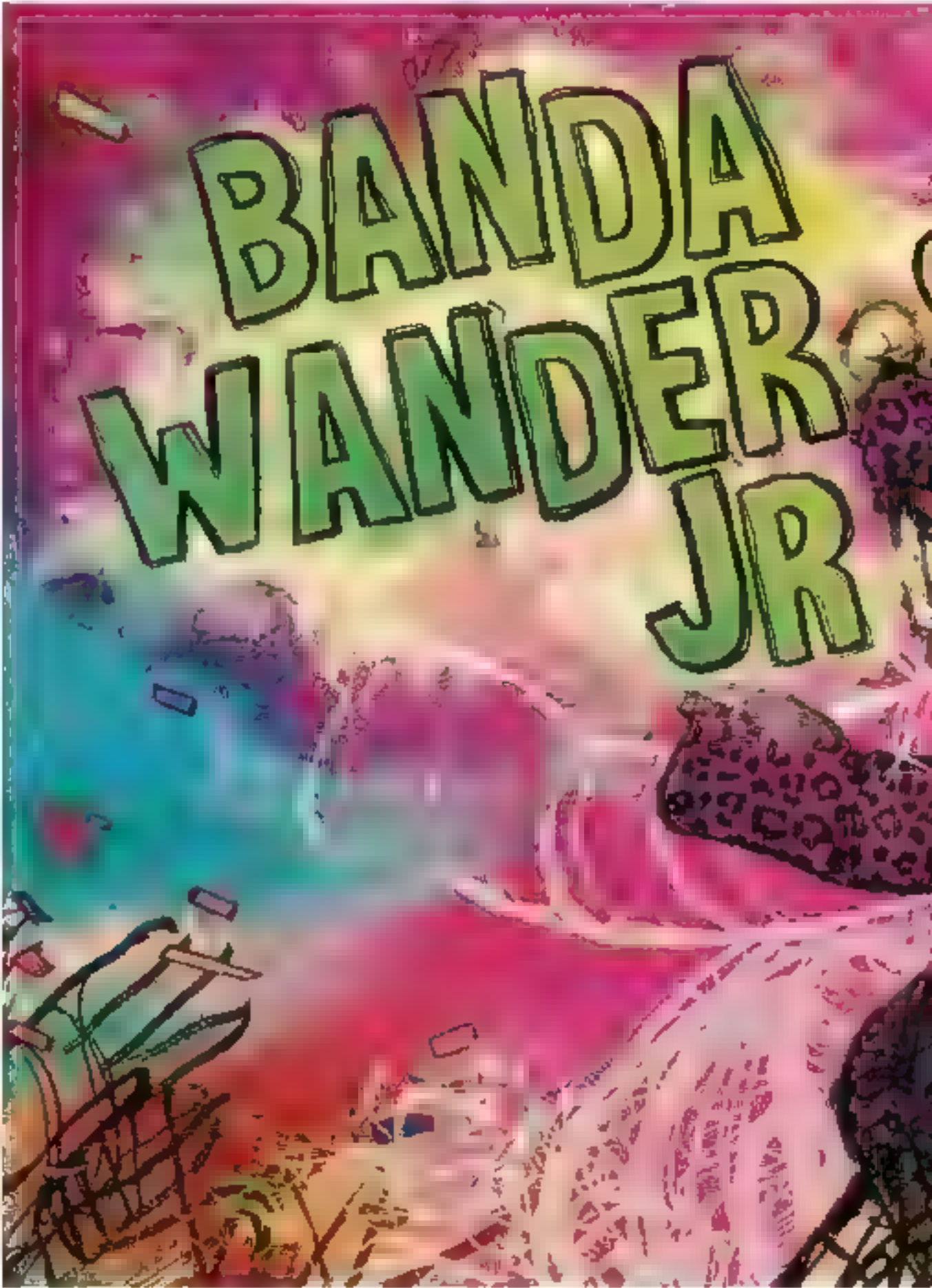
LUPA A plataforma #CulturaEmCasa, da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, vai reunir uma agenda com a programação cultural relacionada ao bicentenário da Independência do Brasil. O site vai listar eventos de equipamentos públicos e privados que vão ocorrer em todo o país.

Virando a página

Continuação do pág. C1
Gerações anteriores de leitores ficavam "órfãs" quando cresciam, porque não havia um mercado de quadrinhos para adolescentes. Isso mudou com o surgimento de editoras como a Conrad, que investiram no nicho de jovens e adultos — em especial, com a publicação de mangás, as revistas japonesas. Outras casas pioneiras foram a Devir e o Desiderata, que construíram pontes para os gibis mais maduros.

"Na minha geração, não havia continuidade na experiência da leitura de gibis", diz Lobo, de 52 anos, fundador da recém-criada editora Brasa e autor do gibi "Loxostori". Da geração de Kitagawa, ele é outro que tinha sumido do mercado e decidiu voltar agora, ao notar a guinada positiva dos últimos anos. "Hoje, o leitor pode nascer, crescer e morrer lendo quadrinhos, e essa maturidade está abrindo as portas para artistas produzirem gibis

sobre a gente, sobre o nosso país, sobre a nossa vida", diz. O bom momento dos gibis não depende só de um público consolidado. Outro ponto importante é o avanço tecnológico. A geração de Kitagawa e Lobo trabalhava, no início dos anos 2000, num mundo pautado por processos industriais complexos e grandes tiragens. A linha de montagem foi simplificada pela internet e por novas ferramentas. **Continua no pág. C1**



Criador da Marvel, Stan Lee é dissecado em três biografias; saiba qual ler

Pai do Homem-Aranha, Thor, Hulk e outros soube captar a contracultura da década de 1960 de maneira inigualável

LIVROS
Incrível: A Ascensão e a Queda de Stan Lee
★★★★★
Autor: Abraham Riesman. Ed.: Globo Livros. Trad.: André Gardino. R\$ 69,90 (400 págs.); R\$ 49,90 (ebook)
Sr. Maravilha: A Biografia de Stan Lee
★★★★★
Autor: Roberto Guedes. Ed.: Nair. R\$ 69,90 (256 págs.)
A Espetacular Vida de Stan Lee
★★★★★
Autor: Danny Fingeroth. Ed.: Agir. Trad.: Flora Pinheiro. R\$ 79 (488 págs.); R\$ 54,90 (ebook)

Thales de Menezes

Em menos de um ano, as livrarias brasileiras receberam três biografias diferentes de Stan Lee. Mesmo sendo um gênio criativo, o ex-chefe da Marvel Comics não exige três leituras para que se possa compreender como ele revoluci-

onou gibis de super-heróis a partir dos anos 1960. Nenhum dos três volumes faz na tarefa de oferecer um bom perfil do pai do Homem-Aranha, do Quarteto Fantástico, do poderoso Thor e do incrível Hulk, para pinçar alguns personagens entre dezenas e dezenas. São livros distintos em suas propostas de como relatar uma vida tão intensa. A trajetória de Lee, morto em 2018, aos 95 anos, pode ser dividida em alguns capítulos básicos. Primeiro, temos a infância pobre de um garoto nova-iorquino nascido há um século, filho de judeus imigrantes da Romênia. Depois, o início precoce como editor-assistente da Timely Comics, quando tinha só 17 anos, e a publicação de sua primeira história, dois anos depois, uma aventura do Capitão América. Temos ainda uma década

de erros e acertos na indústria de HQ durante os anos 1950 e, nos anos 1960, a criação de uma enorme leva de novos super-heróis de sucesso absoluto, além da reformatação de personagens dos gibis da década de 1940, como Capitão América, Tocha Humana e Namor, o Príncipe Submarino. Em seguida, acompanhamos suas três décadas no comando da Marvel, onde estabeleceu a editora como a maior produtora de HQ nos Estados Unidos, mas também colecionou alguns fracassos, principalmente tentando trabalhar seus heróis em outras mídias. Por fim, há sua saída da presidência da Marvel, passando a ocupar o comando de um conselho editorial na casa, com muitas tentativas frustradas de alguns projetos por conta própria. **Continua na pág. C3**

Continuação do pág. C2

Um quadrinista, o conguehoje, sozinho “ter a ideia de desenhar e levar para a gráfica”, diz Lobo. Novos equipamentos permitem, também tiragens menores — e, portanto, de investimento menor. Artistas decidem produzir projetos mais arriscados, em que a venda em massa não é a única prioridade. Com isso, exploram novos temas.

Segundo Paulo Ramos, pesquisador especializado em quadrinhos, o retorno dos

artistas veteranos ao mercado existe, mas ainda é tímido. Além de Kitagawa e Lobo, ele lembra de Gustavo Duarte, que vinha desenhando para o mercado americano e volta agora ao Brasil com uma HQ sobre Elis Regina.

“Há uma geração influenciada por mangás e com uma familiaridade maior com produções nacionais em formato livro, sejam independentes, sejam lançadas por editoras”, diz Ramos. “A quantidade de publicações tem si-

do acompanhada pela qualidade delas, tanto de conteúdo quanto de tratamento editorial. As obras com capa dura, inclusive nacionais, têm se tornado tendência.”

Ramos menciona, também, outro avanço fundamental vivido nestes últimos anos — as oportunidades de financiamento. Há editais públicos, como o Programa de Ação Cultural, o Proac, que bancou tanto o “Risca Faca” da editora Monstra quanto o “Lavatori” da Brasa

Há também uma série de sites de financiamento coletivo, como o Latarese, que “têm permitido uma venda direta da obra que, ao mesmo tempo, viabiliza financeiramente a publicação dela”, afirma. “Os editais e o sistema de arrecadação coletiva têm sido as vias mestras desse processo.”

Segundo o pesquisador, o amadurecimento do mercado vem trazendo novos assuntos para as HQs. “O tema que mais ganhou projeção nessa década foi o re-

lacionado aos negros”, afirma. “Autores negros e temáticas relacionadas ao racismo e à histórica exclusão social deles compuseram obras recentes importantes.” Ramos lembra os gibis premiados “Angola Janga” e “Cumbe”, de Marcelo D Saletre, e “Jeremias: Pele” e “Jeremias: Alma” da dupla Jefferson Costa e Rafael Calça.

“Os quadrinhos estão mais consolidados e não carregam certos estigmas do passado, como o de ser uma subarte voltada a crianças e adul-

tos infantilizados”, diz Kitagawa, de “Risca Faca”. “Hoje é uma arte mais respeitável e abrange uma gama muito variada de gêneros e públicos.”

O porém, diz o quadrinista, é que a vitalização do mercado das HQs nacionais significa também uma maior competição entre os autores. Uma daquelas coisas ruins que, no final das contas, são boas também. “Há muitos artistas de alto nível aparecendo, e é mais difícil se destacar”, afirma.



Trecho da graphic novel 'Brega Story', escrita e desenhada por Gidalti Jr. e publicada pela Brasa Editora



Retrato de Stan Lee, com a máscara do Homem de Ferro, em ilustração que imita um folheto

Continuação do pág. C2

Enquanto isso, sete filmes nas histórias em quadrinhos se tornaram protagonistas dos filmes mais rentáveis de Hollywood nos últimos 20 anos.

“Invencível: A Ascensão e a Queda Stan Lee” de Abraham Riesman, surge como sua mais completa biografia. Não deixa de ser curioso que seu grande diferencial é justamente quando não fala de Stan Lee.

O autor pega carona na vida do biografado para inserir nas páginas muitos detalhes sobre a indústria de HQ nos EUA durante o século 20. Quando fala de Stan Lee, adota um tom sóbrio. Não ocupa as páginas com louvações, devota que sua obra defende sozinho sua importância na cultura pop.

“Sr. Maravilha: A Biografia de Stan Lee” do brasileiro Roberto Guedes, assume o tom de livro escrito por um fã. As informações são fortes a respeito da vida pessoal, e do trabalho dele, mas falta um pouco mais de contextualização para quem não é tão próximo do universo dos quadrinhos.

Riesman consegue fazer isso e ainda adiciona um grande raio-x da indústria de gibis nos EUA. Mas Guedes tem o mérito de ter escrito um livro agradável, que vai satisfazer aqueles que querem só saber mais detalhes da criação dos super-heróis que veneram.

Sobra pouco o que falar de “A Espectacular Vida de Stan Lee”, de Danny Fingeroth. É uma biografia correta, mas com uma narrativa algumas

vezes enfadonha. Os episódios mais importantes da vida de Lee estão lá, mas é um texto um tanto burocrático, sem sacadas que possam conquistar a atenção de quem se dispuser a ler o volume. Uma decepção, já que Fingeroth é roteirista de quadrinhos e trabalhou muitos anos com Lee, mas a convivência não acrescentou muito à narrativa.

Vale a pena ler sobre Stan Lee, não há dúvida. Além de histórias curiosas sobre a origem de alguns dos heróis, as biografias revelam como ele foi um artista singular, com momentos muito importantes dentro da cultura pop.

Foi o primeiro a mostrar um super-herói que enfrentava vices mortíferos enquanto lutava com uma forte gripe ou dificuldades financeiras — como com Peter Parker, o Homem-Aranha. Um gibi do mesmo personagem trouxe uma história em que o melhor amigo de Parker fica viciado em drogas pesadas, outro tabu.

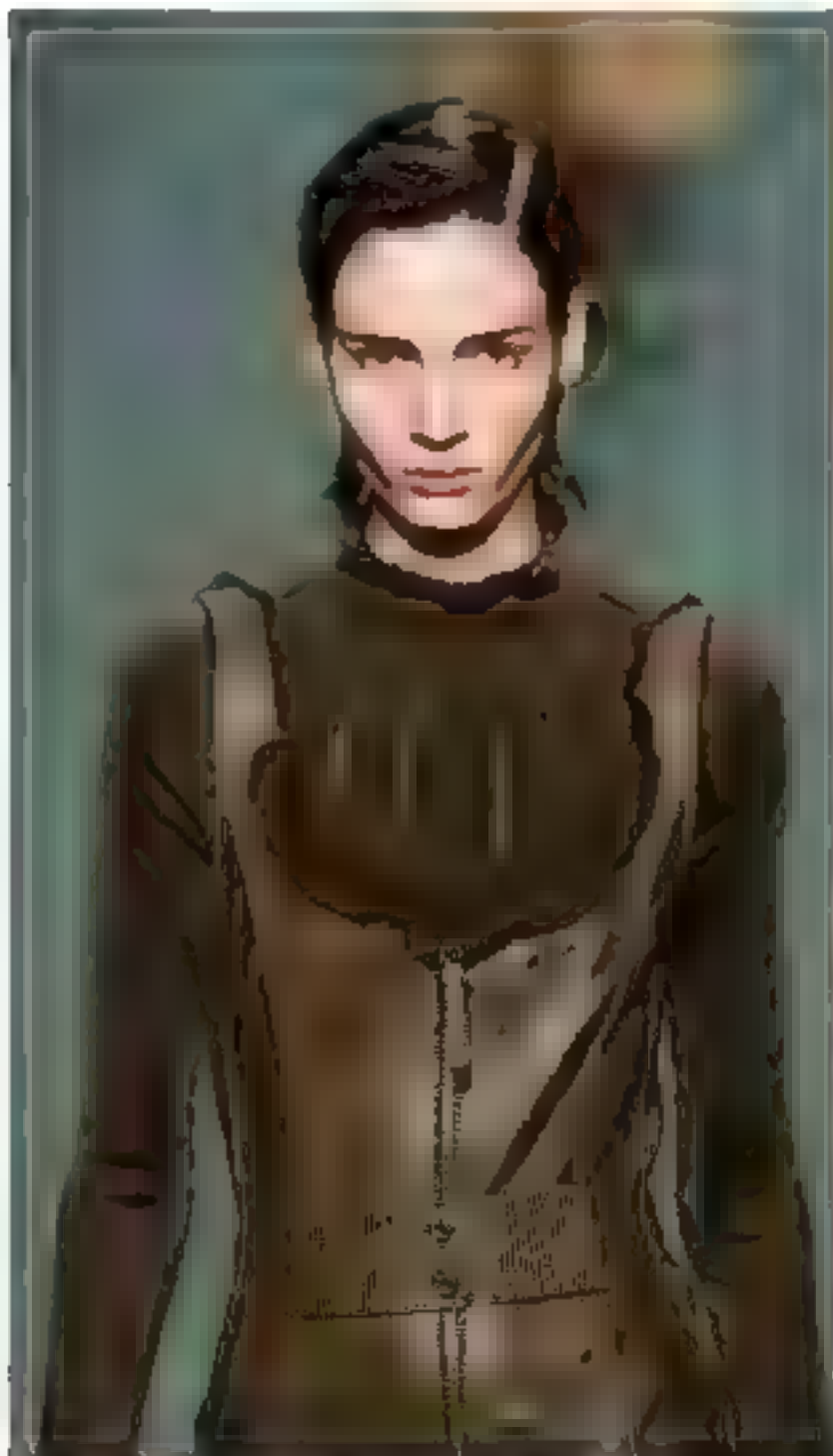
Stan Lee também foi o primeiro criador de HQ a lançar um super-herói negro, o Falcão, parceiro do Capitão América. Vale lembrar que da cabeça dele nasceram três personagens que conseguiram captar como nenhum outro a contracultura que explodiu na década de 1960: o lésbico Doutor Estranho, o ativista Pantera Negra e o filósofo humanista Surfista Prateado.

Dessa forma, nenhuma biografia de um artista tão importante deixa de valer a pena.

ilustrada



Modelo em desfile da Hermès em Paris. Maria Riedinger/Expo24



Peça de couro sobrepõe malha de tricot. Samirley Van der Hasselt/AFIP

Hermès leva subversão a Paris e puxa saída de marcas da Rússia

Balenciaga destacou guerra na Ucrânia em protesto liderado por ex-refugiado

Pedro Diniz

PARIS A pressão nos bastidores surtiu efeito nesta metade de temporada de desfiles em Paris. Em um recado claro — um dia antes de subir à passarela no prédio da Guar da Republicana no sábado a Hermès anunciou o fechamento de suas lojas na Rússia e o bloqueio temporário de suas operações no país.

O efeito manada foi imediato. Logo ela foi seguida por outra marca familiar: a Chanel, depois, pelo grupo Richemont — Cartier, Chloé e Montblanc —, e, na noite de sexta pelos grupos LVMH — Gucci, Bottega Veneta e Saint Laurent — e Dior, Louis Vuitton e Celine.

Pressionadas não só pelas rodas fashionistas, mas por uma avalanche que encheu as redes sociais de críticas, as marcas ou cediam ou enfrentavam uma crise pior. Apesar das doações milionárias aos refugiados na Ucrânia, pedia-se uma atitude mais firme.

É simbólico que tenha sido a Hermès a puxar o bode. A marca detém uma das carteiras de clientes mais ricas do mundo, ao lado de Chanel e Louis Vuitton, e fala para uma elite que pode sentir os efeitos dos bloqueios no trânsito financeiro e de relações com o lado oriental do globo.

Suas roupas são emblema do chamado old money. Não a tendência — que se inspira no “preppy” colegial dos Estados Unidos — mas a casta de milionários discretos que não ostentam logos nas roupas nem gostam dos flashes.

Foi interessante ver como a estilista Nadège Vanhee-Cybulska posicionou sua tesoura e suas palavras para este desfile. Armado dentro de uma caixa verde-oliva, daqueles esmaecidos que tingem o uniforme militar, o desfile foi embalado por uma trilha agressiva, que remetia a pés em marcha.

No chão havia areia, da mesma cor das paredes esverdeadas e que conferiam um tom de austeridade à uma coleção leve. No texto da apresentação, a pergunta “para onde iremos amanhã?” servia tanto de aviso sobre o belicismo quanto um convite para um escape.

Tantos detalhes não foram concebidos como resposta à escalada bélica no Leste Europeu, até porque, as coleções são pensadas com meses de antecedência. Mas, a exemplo de Prada, Balmain e, no domingo, Balenciaga a análise do clima de beligerância é indissociável do processo criativo e grandes estilistas são influenciados pelo estado das coisas.

Dúvidas, as ideias talvez sejam as mais inteligentes já construídas pela estilista da Hermès. Em vez do peso das botas “over the knee”, acima dos joelhos, ela colocou meias transparentes da mesma altura e combinadas com calças mais baixas. E, em vez do peso insistente do couro, usou mais malhas de tricot, seda e cashmere do que uma linha de inverno poderia sugerir.

A matéria-prima base da grife, cuja origem é a selaria e há mais de 180 anos é uma das preferidas de cavaleiros, esteve presente, mas não é o cerne da moda “tecnocavaleiro”.

Os detalhes dos fechos, as ondas dos uniformes equestres e os matelassados, que sempre serviram de estudo para a grife, foram colocados em segundo plano para dar aos shorts, às blusas soltas e aos vestidos de seda esvoaçantes um lugar de contravenção aos códigos da marca.

Rebelde que, aliás, tem a ver com “voyelles”, uma gangue de

garotas dos anos 1950 que saltava à noite pelo lado esquerdo do rio Sena para desafiar o moralismo da época com um senso de independência.

Nadège não costuma usar decotes específicos para criar suas coleções. (O uso de olhar para os anos 1950) aumenta a carga de subversão que propõe para a grife e seus clientes.

Como se dissesse que o passado ensina mas não deve ser visto como cartilha, ela misturou a ousadia do corpo exposto aos resquícios da alfanfama militar daquela década para situar o estado das coisas, um meio entre a festa, o pós-pandemia e as dúvidas sobre o futuro da Europa.

A marcha do desfile acabou dentro daquele prédio, que serve de casa para os guardas pessoais do presidente e de seus ministros, ao mesmo tempo em que uma outra começava, na Praça da República, quando milhares de pessoas foram às ruas para protestar contra a guerra na Ucrânia.

TABULEIRO FASHION

Planejados com meses de antecedência, nem todos os desfiles na Semana de Moda de Paris incorporaram a crise entre Rússia e Ucrânia em suas coleções. Ainda assim, ela esteve presente de diferentes formas na semana, seja na moda de Hermès e Balenciaga — com uma postura militante e explícita —, como na de Isabel Marant — com a estilista vestindo um tricot nas cores da bandeira da Ucrânia. Enquanto a pressão do público e dos clientes fez com que diversas marcas decidissem interromper as operações na Rússia, a semana banhou o estilista russo Valentin Yudashkin. Ele fura um desfile virtual nesta terça-feira na programação paralela do evento e foi duramente criticado por não repudiar o conflito na Ucrânia. Velório em Paris, o designer também é um dos responsáveis pelos uniformes do Exército russo. A Semana de Moda de Paris ainda terá desfiles das coleções outono-inverno de marcas como a Louis Vuitton e a Chanel.



Meia transparente sobre bota é destaque. Geoffrey Van der Hasselt/AFIP

De alguma forma, os mantos da moda de luxo e da geopolítica pareceram um pouco menos distantes após o banho de realidade da Hermès.

No domingo, esse aspecto atingiu seu auge na semana com um evento comandado por um ex-refugiado da guerra étnica que devastou a Geórgia soviética nos anos 1990. Demna Gvasalia, o diretor criativo e estilista da Balenciaga, levou à cidade um desfile-protesto contra a invasão russa, uma memória ainda viva de sua infância em Sukhumi, na então capital da Abecásia.

Assim como teve de fugir com os pais, ao perder o lar e se sentir um “eterno refugiado”, o georgiano colocou os modelos em pé na tempestade de neve cenográfica numa enorme caixa de vidro.

O vento forte e os floco colam sobre os modelos, dificultando seus passos e embaçando a visão. Inclusive de quem assistia, porque, aqui as roupas eram o que menos,

E na sua maioria tingidas de preto, amarratadas e rasgadas, as peças carregavam texturas, e moes, usados para bloquear o frio, golas e detalhes utilitários para o enfrentamento de situações extremas.

Q já não as cores apertadas, eram detalhes acenos, e moes, muitos sinalizadores feitos para chamar a atenção das pessoas de que no meio do breu há alguém pedindo ajuda.

Nas mãos, havia bolsas do tipo saco, fechadas com nos daqueles que se dão no lixo. Foram criadas como remendos para carregar apenas o essencial no momento da fuga. Ao fim, a mensagem de Gvasalia passou a ser literal. Um homem de amarelo, e uma mulher, de vestido azul, exibiram o motivo de ele ter pre-enchido o desfile em vez de cancelar sua apresentação em protesto contra a guerra.

“Decidi que não posso mais sacrificar partes de mim para essa guerra de ego sem sentido e sem coração”, escreveu.

A pipoca, a emoção e o Mentex

No apagar das luzes, há coisas que só uma sala de cinema faz por você

Bia Braune

Jornalista e roteirista, é autora do livro 'Almanaque da TV'. Escreve para a TV Globo

O leão da MGM já havia fugido da tela daquele Kinoplex de shopping há pelo menos 15 minutos. O público ria em uníssono do ator principal, inclusive o casal à minha esquerda, que do nada começou a discutir. Foi quando recebi um cutucão. "Moço, dá licença. Como é o nome desse filme que a gente tá vendo?" Estranhei a pergunta, mais cuprifique na pronúncia. "Licorice Pizzu." "Que???". Na mesma hora, a mulher coteou a bolsa e o próprio marido. "Amor, vambora, saiu errada!"

Por curiosidade, mais tarde chequei o cartaz ao lado. Era um blockbuster baseado num videogame. Não fosse pela distração do bilheteira, talvez aqueles dois jamais pagassem para ver o longa-metragem de Paul Thomas Anderson. Porém, um detalhe. Antes de serem uos tropeços pelo corredor escuro, eles estavam ouvindo a experiência. Ou seja: entrar errado numa sala de cinema pode acabar sendo a maior diversão. Hoje em dia, filme estreia

com tudo dominado. Assistimos a trailers que contam a história inteira, checamos se a nota tá boa no IMDb e nos aboletamos na plateia com apênto formada. Se for tranquila, já vamos fantasiados de Jedi. Isso quando vamos. Em casa de preguiça, basta se jogar no sofá e esperar pelo streaming. Pensando agora, chego a sentir gostinho da Mentex comprada nas bombonieres da minha infância. Harmorizava com o cheiro de mofo das poltronas e da teia de

rosas que nos passavam pela cotraca, após ler a sinopse de apenas uma linha no jornal. Não havia preocupação nem com saúde, nem com hora, para diva para fumar lá dentro e entrar com o filme no meio. "Acabando os créditos, a gente continua sentada e vê o início por acidente" dizia o primo mular, irresponsável por nós. Assim aprendíamos o valor e a beleza da narrativa não linear. Classificação etária? Esquece. Certa vez, mamãe me levou para ver Carlos Alberto Riccelli

de tanga, seduzindo jovens ribeiros numa "Luz e Flor". De vez em quando com as aventuras de um primo arcaico do golfinho Flipper. Sem mais questionamentos, depois lunchamos um McFish. No apagar das luzes, tudo se mostrava possível inclusive o arrebatamento. Afinal, como definir o impacto de aprender a ler e conseguir acompanhar, da primeira fila, as legendas de "E.T." telefonando para casa? Ou ver que Doc Brown não morreu porque era verdade o bilhete escrito por Marty McFly de volta para o futuro. O cinema vindo abaixo, de um jeito que só lá quando se está junto a outros seres humanos, quase cotovelo com cotovelo. Entre a pipoca, a emoção e o Mentex. Em tempo: achei "Licorice Pizzu" uma fofura. Valeu a pena ter visto na tela grande.



DOM: Ricardo Araújo Pereira | SEG: Bia Braune | TER: Mariana Cantuária | QUA: Gregório Duvvier | QUI: Flávia Boggio | SEX: Renato Terra | SÁB: José Simão

É HOJE EM CASA

Tony Góes

tonygoes@uol.com.br

Joaquim Barbosa vai à estreia de nova temporada de Pedro Bial

Conversa com Bial
Globo, 2h05, 12 anos
A sexta temporada do programa trará entrevistas em formato remoto, o que propicia revelações inesperadas, mas também presenciais, gravadas em estúdio ou locações. No episódio de estreia, Bial conversa com o ex-ministro do STF Joaquim Barbosa, que tem seu nome mais uma vez cotado para uma candidatura à presidência da República.

Our Flag Means Death
HBO Max, 16 anos
Nesta série cômica britânica, um aristocrata abandona sua vida luxuosa para se tornar o capitão de um navio pirata. Só que nem tudo vai sair como ele esperava.

Central da Guerra
GloboNews, 11h, livre
Desde sexta passada (4), a emissora exibe este programinha, com cinco horas de duração, trazendo as últimas novidades do conflito entre a Rússia e a Ucrânia.

Desafio por um Dia
Futuro, 18h, livre
Fábio Porchat visita quatro escolas públicas cariocas, uma por episódio, e convoca alunos e professores a enfrentarem os problemas que podem ser resolvidos em um dia. Produção do Porta dos Fundos.

Ventres em Diálogo - Brasil - África
YouTube do Museu do Pontal, 18h, grátis
A atriz e diretora Tatiana Henrique e a atriz, escritora e gestora cultural Mãe Celina de Xangô conversam sobre as suas trajetórias pessoais e as suas experiências em viagens à Angola e ao Benin. Inscrições são feitas pelo Sympla.

Roda Viva
Cultura, 22h, livre
O programa entrevista Edison Fachin, ministro do STF e novo presidente do Tribunal Superior Eleitoral. Camila Mattoso, diretora da sucursal de Brasília da Folha, está na bancada.

Mulheres ao Poder
Globo, 21h35, 12 anos
Na véspera do Dia Internacional da Mulher, a emissora exibe um filme feminino. A trama se passa em 1970, quando um grupo de mulheres protestou no concurso de Miss Mundo, vencido pela primeira vez por uma negra. Com Keira Knightley e Cugu Mbatha-Raw. Inédito na TV aberta.

QUADRINHOS

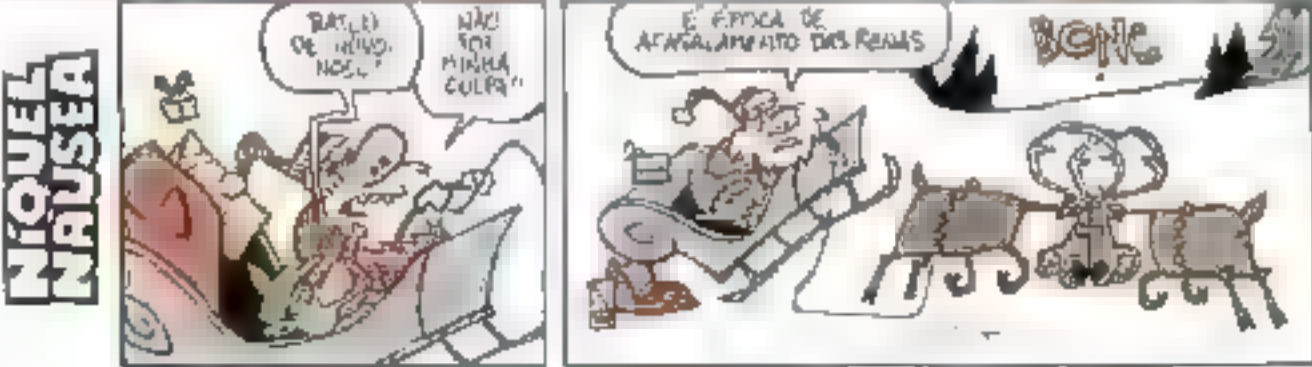
Piratas do Tietê Laerte



Daiquiri Caca Galherdo



Níquel Náusea Fernando Gonsales



A Vida Como Ela Yeah Adão Iturrusgarai



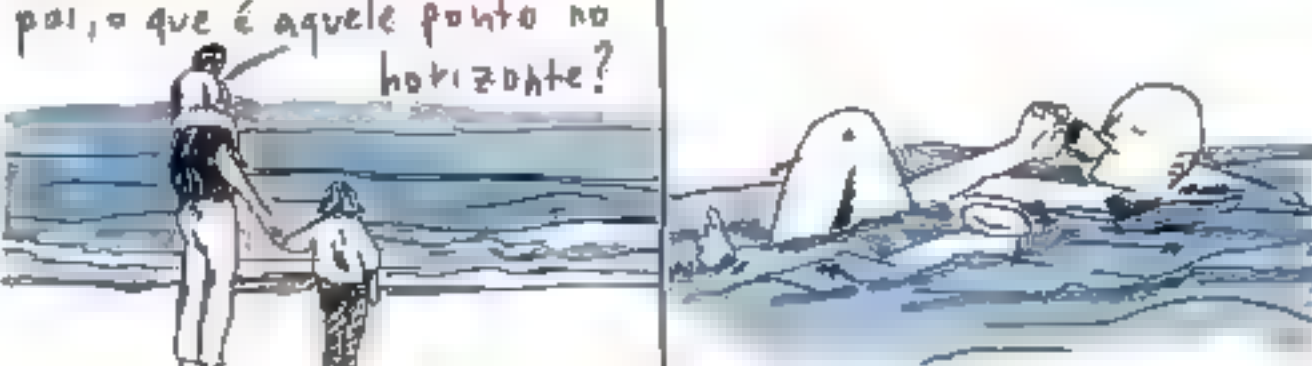
Não Há Nada Acontecendo Andre Dahmer



Viver Dói Fabiane Langona



Péssimas Influências Estela May



SUDOKU

versão: Artur Jap

FAÇA

E			4			5		
	3							
2			1	5	7			
		7			2	3		5
			6		9			
9	1	7				6		
			5	8	4			9
							1	
		8			1			2

O Sudoku é um tipo de desafio lógico. O objetivo é encher o tabuleiro com os números de 1 a 9, de modo que cada linha, coluna e região 3x3 contenha todos os números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou região.

SOLUÇÃO

E			4			5		
	3							
2			1	5	7			
		7			2	3		5
			6		9			
9	1	7				6		
			5	8	4			9
							1	
		8			1			2

CRUZADAS

HORIZONTAIS

1. Bicão 2. Um antônimo para triste / Instituto de Educação 3. Luccas (Z), youtube / (Red.) Saia que deixa parte da coxa à mostra 4. Período entre Ju e Set / Pode ser de feijão 5. Os frutos dos cajueiros 6. Antônio Kôbrega, artista e músico recifeiro 7. Treinamento 8. Prova das qualidades de uma pessoa ou coisa / A UF de Calçene e Oiapoque 9. Discordar, divergir 10. Rede de pesca que se lança com a mão 11. Mancha na pele / Uma forma de abreviar o nome do mês 12. O Parado Dura foi um conjunto musical sertanejo 13. O Donald é um personagem da Disney 14. Muito afetado 15. Precede Angeles no nome da grande cidade dos EUA / Ado, no para prender o cabelo

VERTICAIS

1. (Pop.) Pessoa boba, ingênuo / Longe do centro 2. Que tem bom gosto no vestir / Constelação também chamada de Navio 3. Os filhos do filhos / Faixas resultantes da hiperextensão da pele e da atrofia da derme 4. O "e" da psicanálise / Que serve para submeter a exame 5. Tim Robbins, ator de "Um Sonho de Liberdade" / Uma artista como Leila Pinheiro 6. As iniciais do escritor indiano Tagore (1861-1941), Nobel de 1913 7. Tornar-se tranquilo / (Rel.) O deus é um chefe espiritual do candomblé 8. Uma porção de terra como Itaparica, na Bahia / Vento forte e de curta duração 9. Palmeira de frutos amarelos, com polpa comestível / Causa 10. (Mús.) Voz feminina média

	2	1	4	3	6	7	8	9
1								
2								
3								
4								
5								
6								
7								
8								
9								
10								
11								
12								
13								
14								
15								

1. Bica, Rajada, 2. ndava, Fator 3. Meio-soprano. 4. Ego, Testador 5. TR, Carreira 6. Remanescente, Pat, 7. VERTICAIS: 1. Pádua, 2. Elegante, 3. Argos, 4. Meios Es. 5. Tardes, 6. Sada, 7. Jan, 8. A, 9. Ensaio, 10. Lás, Tarda. 11. Caldo, 12. Sada, 13. Sada, 14. Sada, 15. Sada. 16. Sada, 17. Sada, 18. Sada, 19. Sada, 20. Sada, 21. Sada, 22. Sada, 23. Sada, 24. Sada, 25. Sada, 26. Sada, 27. Sada, 28. Sada, 29. Sada, 30. Sada, 31. Sada, 32. Sada, 33. Sada, 34. Sada, 35. Sada, 36. Sada, 37. Sada, 38. Sada, 39. Sada, 40. Sada, 41. Sada, 42. Sada, 43. Sada, 44. Sada, 45. Sada, 46. Sada, 47. Sada, 48. Sada, 49. Sada, 50. Sada, 51. Sada, 52. Sada, 53. Sada, 54. Sada, 55. Sada, 56. Sada, 57. Sada, 58. Sada, 59. Sada, 60. Sada, 61. Sada, 62. Sada, 63. Sada, 64. Sada, 65. Sada, 66. Sada, 67. Sada, 68. Sada, 69. Sada, 70. Sada, 71. Sada, 72. Sada, 73. Sada, 74. Sada, 75. Sada, 76. Sada, 77. Sada, 78. Sada, 79. Sada, 80. Sada, 81. Sada, 82. Sada, 83. Sada, 84. Sada, 85. Sada, 86. Sada, 87. Sada, 88. Sada, 89. Sada, 90. Sada, 91. Sada, 92. Sada, 93. Sada, 94. Sada, 95. Sada, 96. Sada, 97. Sada, 98. Sada, 99. Sada, 100. Sada.

ilustrada



Ricardo Cummeiro

Marketing empático

O mundo digital é um oceano de lágrimas de crocodilo

Luiz Felipe Pondé

Escritor e ensaísta, autor de 'Notas sobre a Esperança e o Desespero' e 'Folha no Cotidiano'; doutor em filosofia pela USP

As redes sociais são como um enxame de moscas atraídas por restos de comida. Um dos restos mais atraentes para essas moscas digitais é o mundo das paixões, privadas e públicas. O mundo digital é um oceano de lágrimas de crocodilo. Mas esse oceano já é uma ciência do ramo das ciências sociais aplicadas, subór

"marketing empático". A ideia de "patos", do grego, significa ser tocado, sofrer ação de agente exterior, sofrimento esse de ordem psicológica ou física, por isso a palavra grega em português pode ser traduzida por doença, patologia — ou paixão. Palavra da moda que já encheu o saco, "empatia" vem daí, claro.

O que seria o marketing empático? Não poderíamos dizer que todo marketing é empático? De certa forma sim, porque todo marketing quer nos levar para onde a marca quer que sigamos. E as tais emoções sempre foram a melhor forma de nos arrastar para qualquer lugar. Num sentido mais restrito,

o marketing empático é algo que com as redes sociais se tornou um campo mais específico, pois jogu no campo das emoções privadas de forma capitalizada. Você se sente amigo ou amiga daquela celebridade que sofre com infidelidades como você. Todos unidos na humanidade que nos faz sentir entre iguais. Uma verdadeira

democracia emocional. Uma coisa bem brega, na verdade. Nas redes, todos são culpados a priori. Na realidade, sempre foi assim quando se tratou de opinião do que se chamava de "populacho". As pessoas, principalmente em grandes quantidades, como já dizia Elias Canetti no seu clássico "Massa e Poder", publicado aqui pela Companhia das Letras, adoram jogar ovo, xingar e destruir o suposto culpado. Se alguém te acusa de assédio, você é culpado, se alguém te acusa de mau tratos a um mais, você é culpado, e por aí vai. Ninguém precisa de provas. E ainda tem gente que considera as redes "democráticas". São democráticas na medida em que a massa é democrática pelo seu volume e disposição para a violência. A "quantidade estoçada" de violência é a matéria prima para o uso das paixões negativas. Quando essa "quantidade estoçada" passa a ser usada seja para despertar paixões positivas ou negativas, temos o caminho pavimentado para o discípulo que lida com as paixões como commodities vinculantes — seja no caso de mesclar tudo com uma realidade que sofre com infidelidades como eu — ou desvinculantes — seja para eu odiar alguém como no caso de acusações quaisquer. Fula sério. Existe coisa mais ridícula do que celebridades ficarem expondo seus problemas nas redes sociais? Aliás, mesmo sem ser celebridade é uma forma de humilhação da privacidade. Tanto esforço da modernidade para inven

tur o indivíduo e ele acabou se revelando um retardado com direito a voto. Um bando de gente falando que está deprimido, sofrendo disso e daquilo. Um dos conceitos mais baratos por aí é o de "superação". Expõe-se filhos, pets, pais, irmãs, cônjuges. Fala-se de baixarias como quem comeu quem na hora errada. A indústria jurídica de processos baba de alegria. Mas essa commodity emocional está profissionalizada. Alguém fala uma merda nas redes ou na Tv, se ferra. Perde patrocínio, perde emprego, perde engajamento ou seguidores. Contrata um especialista, alguém entre psicólogo, coach e psicureta — na verdade, um especialista em marketing empático — e se refaz, superando a má fase, contando que está deprimido, sofreu assédio, chorou. Tudo virou aqueles programas ridículos de fofoca da Tv do passado. Não nos enganemos. Todo mundo sabe que há uma fúria pela exposição da vida privada por parte dos seguidores em relação às suas celebridades. É claro que os profissionais de marketing empático bem pagos — os incertos expõem suas pequenas misérias cotidianas de graça — sabem muito bem como aconselhar os profissionais que querem ganhar engajamento, emprego, patrocínio, graças aos sofrimentos da vida. Não há mais nada disso de democratização do ridículo das paixões privadas porque isso implica dinheiro e eleições. Russos e chineses devem gargarizar diante dessa miséria ocidental fofo.

SES, Luiz Felipe Pondé | TBR, João Pereira Coutinho | JQUI, Marcelo Coelho | QUI, Diogo da Varella | FERNANDA TORRES | SCL, Djamilá Ribeiro | SAK, Maria Sérgio Costa



sescsp.org.br



TEATRO



Com os Bolsos Cheios de Pão
Com Donizet, Mazonas e Edger Castro
De 2 a 12/3. Terça a sexta, 21h
Pompéia



Abjeto-Sujeito: Clarice
Inspector por Denise Stoklos
Com Denise Stoklos
De 10/3 a 3/4. Quinta, sexta e sábado, 20h. Domingo, 18h
24 de Maio



Guerra
Com A Próxima Companhia
Dias 11, 12 e 13/3. Sexta e sábado, 20h. Domingo, 18h.
Boto Retiro

CINEMA

Mostra Futuros Presentes (Cineastas Europeus)
Assista gratuitamente em sescsp.org.br/futuros-presentes



Do Mar Selvagem
From The Wild Sea, Dir. Robin Pecké, Dinamarca, 2021. 78 min, Documentário. 

Turno
Shift, Dir. Pauline Baughies, Bélgica, 2021. 81 min, Documentário. 

Um Certo Reino
The Uncertain Kingdom. Vários Diretores. Reino Unido. Curtas-metragens. 

SESC TV



Vaga Carne
No filme, uma estranha voz tenta possuir o corpo de uma mulher e experimenta pela primeira vez o gosto de algo verdadeiramente humano. Direção: Grace Passô e Ricardo Alves.
Dia 8/3. Terça, 1h15 
Disponível sob demanda em sesc.tv.org.br/protagonismofeminino

MÚSICA



Michele Cordetro Trio
Com Michelle Abu e Helena Papini
Instrumental Sesc Brasil
Dia 2/3. Terça, 19h.
Consolação



Kiko Dinucci
Lançamento do álbum Resúlio
Dia 12/3.
Sábado, 20h30.
Avenida Paulista

Samba de Dandara e convidadas cantam as mulheres do samba
Com grupo Samba de Dandara
Dia 13/3. Domingo, 15h.
Itaquera

SELO SESC



Acorda Amor
Maria Gadú, Xênia França, Liniker, Letrux e Luedji Luna combinam a potência de suas vozes em um álbum que celebra o amor e clama por transformações nos rumos do planeta.
Disponível nas plataformas de streaming e Loja Sesc



Paulinha da Viola & Filhas
Com Beatriz e João Rebelo
Dias 10, 11, 12 e 13. Quinta, sexta, sábado, 21h. Domingo, 18h
Pinheiros



Vanguart
Show do álbum Intervenção Lunar
Dia 12/3. Domingo, 20h.
24 de Maio



Roberta Campos
O Amor Liberta
Dias 11 e 12/3.
Sexta e sábado, 21h
Belas Artes



Trupe Chá De Bolso
Viva Line
Dia 12/3. Domingo, 18h.
Belas Artes



Marina Sena
Show do álbum De Primeira
Dias 12 e 13/3.
Sábado, 21h. Domingo, 18h
Pompéia

LITERATURA



Buena Vida Reggae Club e Ademir Assunção
Dia 1/3. Sexta, 21h.
Avenida Paulista



Estamos Aqui
Ocupação organizada pelo Ateliê 397 com curadoria de Thais Rivitti, apresenta 40 obras de artistas com passagens por espaços independentes e que apostam no trabalho coletivo e na crítica social.
Até 24/4. Terça a domingo. 
Pinheiros

Estúdio **FOLHA** APRESENTAParque da
Atividade

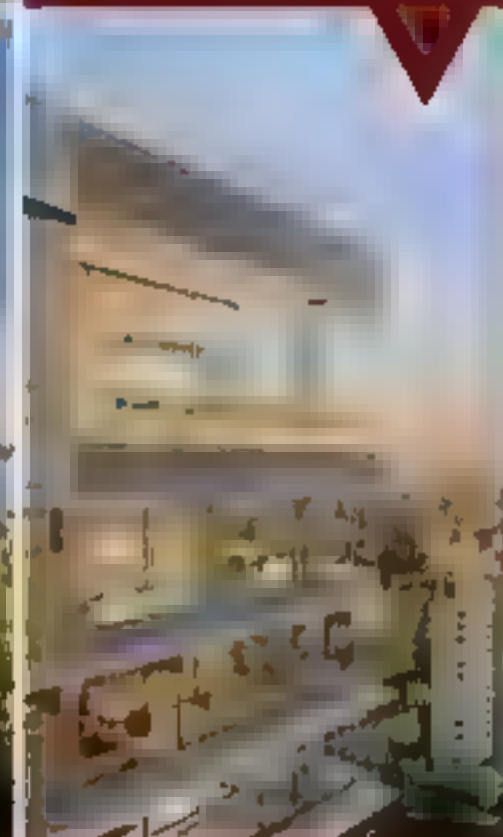
Vila Mariana

Johnny Mazzilli/Estúdio Folha

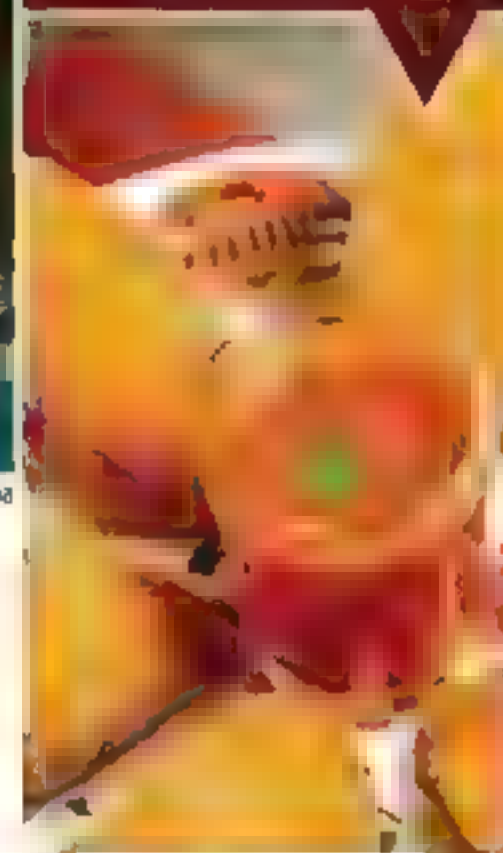
Sinônimo de morar bem

Bairro se destaca pela infraestrutura, com vasta oferta de comércio, serviços e opções de lazer, além da localização privilegiada e segurança

Morar
Empreendimento
reúne tecnologia,
praticidade e conforto
Pág. 4



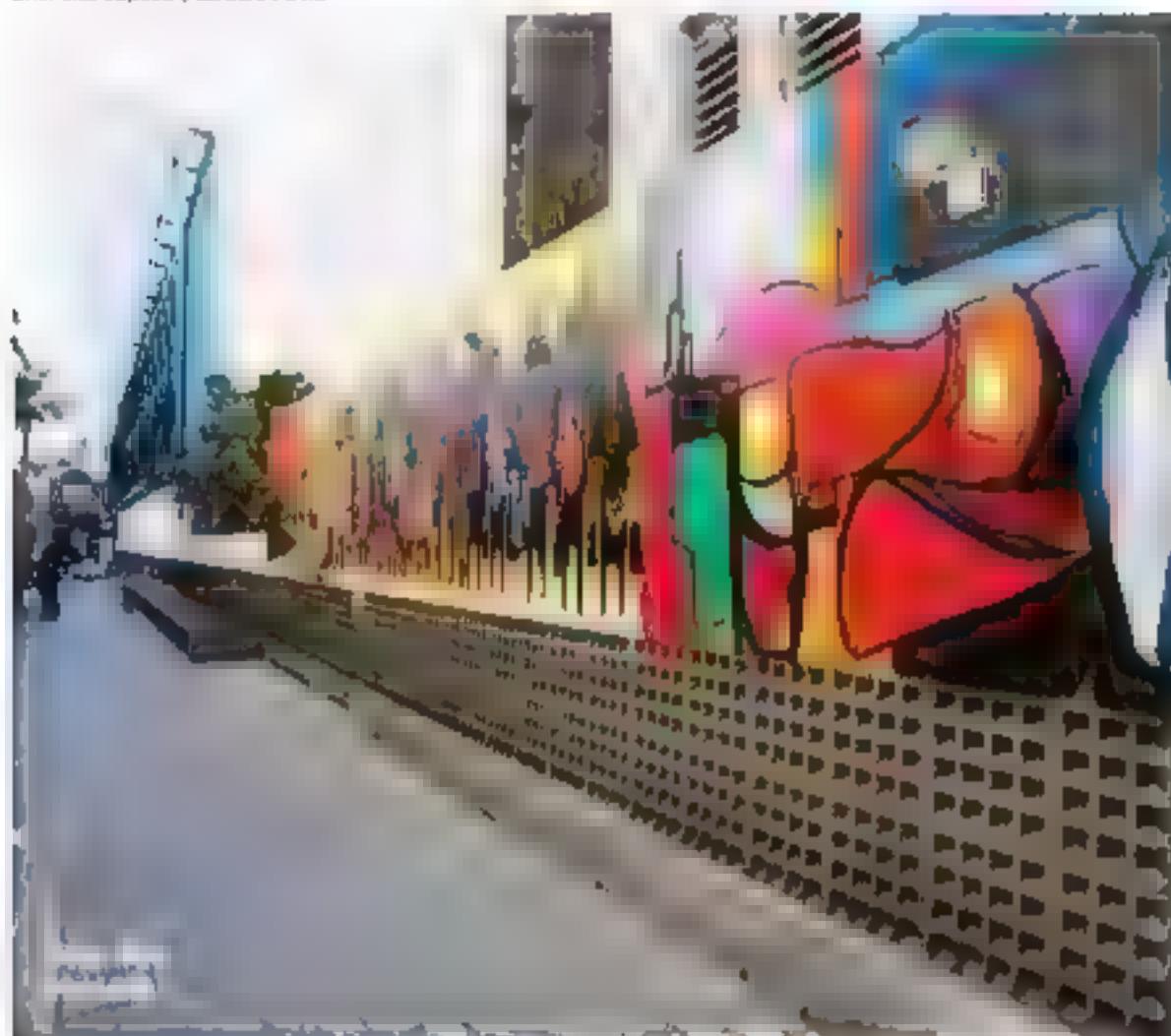
Para comer
Bairro se destaca com
restaurantes e bares
que atendem aos
mais variados perfis
Pág. 6



Estúdio**FOLHA:** APRESENTA

Estimado Carretero/Estimado Fátima

Zapomíná se: Fressat/Feindangress



Bairro queridinho dos paulistanos

Vila Mariana já se consagrou como um dos bairros mais seguros e tranquilos de São Paulo, com localização privilegiada, excelente mobilidade e vasta oferta de comércio e lazer

Um dos bairros ruins que ficam de São Paulo a Vila Mariana e bem localizada, tem ruas e praças bonitas, oferece diversas opções de fazer gastronomia e serviços e está situada entre dois dos mais charmosos parques da cidade: Ibirapuera e Aclimação.

México de tudo isso, é considerada um dos mais seguros, de acordo com ranking do Instituto Son da Paz.

Marar na Vila Mariana é ter a certeza de chegar com facilidade a diversos pontos da cidade já que o bairro é servido por três estações de metro (Jardim, Ana

Rosa e Vila Mariana, que dão a essa rua um caráter peculiar e particular, 4 de março e 7 de maio) e dezenas de habitações nobres.

Importantes ruas como as ruas Sena Madureira, Pottinger de Moraes e Vergueiro e as avenidas Luis de Vasconcelos e 27 de Maio servem o bairro. O acesso à avenida Paulista e à Maria Lima, dois dos principais centros de comércio e negócios da capital, é fácil e ap-

Com excelente infraestrutura de comércio e serviços, o maior polo da Via Mariana consegue resolver todas as demandas da circulação sem sair do asfalto.

A rede obriga simpatizantes com Pão de Açúcar, Extra, Carrefour e Dia, e empresas pagadas pelos shops, bancos e farmácias, entre outros serviços.

Os shoppings completam as ofertas de comércio. O São-

poliut. Metro Santa Cruz tem 14,15 de 120 qas de as an-tes de praça de alimentação e 10 salas de cinema em formato "all star hall" com capacidade para mais de 2.500 pessoas.

localizado no início da Av. -
- - - - - Shopping Park
Paulista está muito próximo a
Vila Mariana e pode ser acessa-
do em poucos minutos de carro
ou de metrô. Tem mais de 270
- - - - - sete salas
Multiplex de lente e remark e
duas salas vip PlayArte Splen-
dor, la Rede PlayArte

CULTURAL LEVEL

A Vila Mariana oferece ótimas atrações de lazer. A Cinemateca Brasileira é uma das melhores para conhecer a história do cinema brasileiro. No local costumam ser exibidos filmes raros e clássicos, além

de filhas brasileiras atuais. O
acervo tem mais de 200 filmes,
sendo os mais antigos de 1897.

la e São Vila Marian, ari-
ga shows, peças teatrais e ex-
posições. O Museu Lacer Segall
com a tem o acervo do pintor
lituano, um dos principais ar-
tistas emercistas a expor no
país, e oferece atividades edu-
cativas, culturais, exibições de
filmes e biblioteca.

A poucos metros do Ibirapuera estão alguns dos melhores museus da cidade: como o Masp, na Paulista, os Museus de Arte Moderna (MAM) de Arte Contemporânea (MAC), o MFR-Brasil e a Fundação Bienal, palco de importantes exposições no Ibirapuera.

A Japan Horse e o Centro Cultural São Paulo também estão localizados nos arredores da Vila Mariana.

EstúdioFOLHA: APRESENTA

Parque da
Aclimação

Verde é o que não falta na Vila Mariana. Além de ser uma das regiões mais arborizadas de São Paulo, é cercada por dois dos mais charmosos parques da cidade: Ibirapuera e Aclimação.

O parque Ibirapuera, um dos principais cartões-postais de São Paulo, proporciona lazer e contato com a natureza aos moradores do bairro, além de ser um dos destinos mais procurados pela população paulistana e uma das mais importantes áreas verdes, de cultura e de lazer da cidade.

O local, com 1,5 milhão de metros quadrados, é um espaço completo para entretenimento com ilhas paisagísticas, ruínas e trilhas para corrida, caminhada e passeios de bike, playgrounds, quadras, jardins e muitas outras atrações.

O Ibirapuera abriga importantes museus e espaços culturais, como o Museu de Arte Moderna (MAM), de Arte Contemporânea (MAC) e Afro-Brasil, além da Fundação Itaú.

O auditório Ibirapuera tem capacidade para receber 800 pessoas na plateia. Mas também consegue proporcionar espetáculos maiores graças ao teto retrátil, que se abre para o gramado.

Os prédios do parque são marcos arquitetônicos. Projetados por Oscar Niemeyer, os cinco edifícios culturais são conectados por uma marquise sinuosa, mantendo harmonia com o paisagismo. O pavilhão de exposições conhecido como Oca, com sua planta circular, destaca-se na paisagem.

Construção mais recente, o auditório Oscar Niemeyer, mais conhecido como auditório Ibirapuera, também tem arqui-

Parques do Ibirapuera e da Aclimação oferecem bem-estar e lazer aos moradores da Vila Mariana

tetura marcante em formato triangular e branco, com uma onda vermelha na entrada.

VERDE E LAZER

Com áreas verdes e belas paisagens, o Ibirapuera atrai também quem está em busca de descanso. O parque possui diversos espaços para contemplação, como o entorno da lagoa e as praças da Paz, do Porquinho e do Ilê Marx.

O Pavilhão Japonês, com seu belo edifício e lago de car-

pas, também é um ótimo local para quem quer fugir da cidade. Ele foi inspirado em uma residência de verão do imperador japonês, construída em 1620, em Kyoto.

Diversos grupos se reúnem no Ibirapuera para aulas de yoga, meditação e tai chi, entre outras práticas.

O Ibirapuera também é um ótimo destino para quem gosta de boa gastronomia.

O restaurante Pret, no MAM, oferece um cardápio

contemporâneo com ótimas vinhas e sobremesas.

No Vista, localizado no MAC, o chef Marco Aurélio Bastos apresenta sabores de todos os cantos do país, utilizando ingredientes nacionais e apresentações artísticas. O restaurante oferece uma bela vista do parque.

ACLIMAÇÃO

Com seu íconico lago, o parque da Aclimação permite ao visitante curtir a natureza e momentos de calma durante o passeio por seus 112 mil metros quadrados.

Sua flora é composta por bosques que abrigam espécies como eucalipto, ipê-branco, jacaranda, cedro, pau-brasil e pau-de-carioba.

Para quem quer apenas desfrutar de momentos de tranquilidade em meio à natureza ou relaxar lendo um bom

livro, o parque dispõe de um jardim japonês com espelho d'água e de uma biblioteca temática sobre meio ambiente.

O parque da Aclimação conta com atrações como lago, playground, espaço para piquenique, pista de corrida, concha acústica e campo de futebol.

Com uma área ampla, gramados e velódromo, o parque também possui pista para correr e caminhada, o parque é muito procurado por moradores para a prática de corrida e de exercícios. Alguns grupos, liderados por professores, praticam atividades como yoga e meditação.

Na também um esbarreador, um espaço exclusivamente reservado para os cães, com uma extensa área composta por árvores para os animais brincarem, praticarem exercícios e se divertirem livremente.

Junto à natureza

Dante Verza/Fotografia



Estúdio **FOLHA**:  **Gafisa** APRESENTAM

Fotos Gafisa/3D visualization



Perspectiva
da sala de
decorado Evolve
Vila Mariana

Em uma
localização
privilegiada
de São Paulo,
o Evolve Vila
Mariana reúne
tecnologia,
praticidade e
muito conforto

Sofisticado, exclusividade e localização única se unem no novo empreendimento da Gafisa na Vila Mariana.

O Evolve Vila Mariana é um projeto que vai transformar o bairro em um dos mais valorizados da cidade, com apartamentos que reúnem tecnologia, praticidade e muito conforto. O Evolve Vila Mariana está localizado na rua Manoel de Paiva, 179, um endereço privilegiado, tranquilidade e perto de tudo.

Com uma fachada imponente e moderna, marcada por suas linhas paralelas, o Evolve Vila Mariana será um marco em uma região que não para de evoluir.

As plantas, com 91 m², com três dormitórios (uma suíte) e



Sofisticado e exclusivo

uma vaga de garagem, e 148 m², com três suítes, hall privativo e duas vagas de garagem.

O projeto de arquitetura e da KV — Koenigsberger Vannier e a decoração de interiores, da Gafisa — Arquidestis Associados, e o paisagismo será feito pela Mera Arquitetura Paisagística.

Além de unidades residenciais sofisticadas e confortáveis, as famílias também poderão usufruir de áreas comuns e de lazer que

agregam conforto e comodidade.

O empreendimento contará com piscina e salão de festas, playground e brinquedoteca.

Para solteiros ou casais sem filhos, o empreendimento terá também a opção de studios de 27 m². Para tornar o dia a dia mais prático e confortável, essa opção irá oferecer coliving, bicicletário, salão de

festas e terrace gourmet.

Além de tudo isso, a Gafisa move e traz a opção de entregar todo o apartamento mobiliado e decorado, com o Gafisa Viver Bem. Esse é um serviço em que é possível personalizar a planta antes mesmo de pegar as chaves do apartamento. As monitorações são realizadas durante o período de construção e com a garantia da Gafisa. O serviço também oferece um clube de

compras exclusivo com eletrodomésticos, decoração e muito mais, com até 15% off.

O Evolve Vila Mariana está localizado a cerca de 4 minutos do parque da Aclimação, a 10 minutos do parque Ibirapuera, a 15 minutos do Shopping Pátio Paulista e a 15 minutos do Masp.

Ao redor, conta uma ampla oferta de comércio, serviços, lazer e áreas verdes que tornam a vida familiar ainda mais agradável.

Liderados por uma nova gestão e um time de excelência, vivenciamos um importante capítulo de transformação, iniciando uma nova fase em nossa história.

Acreditamos que sempre dá para ir além, para aperfeiçoar e surpreender. Temos a inovação e uma nova cultura como estratégias de transformação, com foco em resultados e na geração de valor para garantir a longevidade e a perpetuidade de nossos negócios.

Bem-vindo a uma nova Gafisa, ainda melhor e mais completa.

Reafirmamos nosso compromisso com as boas práticas ambientais, sociais e de governança e expandimos nossa política ESG, em linha com nossa vontade genuína de transformar vidas, bem como os lugares onde estamos inseridos, com transparência, credibilidade, responsabilidade e olhar para o futuro.



Para saber
mais, scanee
o QRCode



Estúdio **FOLHA**: APRESENTA

Para todos os gostos

Vila Mariana é o endereço de restaurantes e bares que atendem aos mais variados perfis; rua Joaquim Távora é um dos points do bairro

Luis Skowronski/Dom Pancho/Divulgação



Domingos, Vilva e não

PARALELO 12-27

A varanda é o local mais disputado do bar: dentro, o clima é mais sóbrio. O menu lista clássicos de boteco, como as fritas com queijo e bacon, e versões mais robustas, caso da linguiça suína na chapa com queijo provolone. **R. Joaquim Távora, 1.227; tel.: 5579-1227**

DOM PANCHO

A comida tradicional do México é o foco desta casa cuja cozinha é capitaneada pelo mexicano Javier Valero. Com iluminação baixa, o local reúne pequenos grupos e casais. Dá para pedir pratos à la carte, como os tacos al pastor, com carne de porco, ou comer em sistema de rodízio. **R. Joaquim Távora, 1.315; tel.: 2538-7494**

BAR VILLA

Com clima acolhedor e decoração rústica, serve pratos à la carte: porções, petiscos, cervejas nacionais, importadas, artesanais e opções de drinks de ótima qualidade. Seja para o happy hour ou jantar, o Villa é ótimo para ir com os amigos e a família: a casa ainda conta com música ao vivo estilo pop & rock. **R. Joaquim Távora, 1.322; tel.: 95791-1137**

ZINO ADEGA E RESTAURANTE

Ambiente acolhedor com decoração rústica e quintal com mesas ao redor de um pé de carambola, serve delícias da culinária italiana. No menu se destacam as carnes, as massas e os risotos. Local ideal para jantar romântico a dois. **R. Joaquim Távora, 1.317; tel.: 99366-8070**



Estúdio **FOLHA** : APRESENTA

Len Feltran/Veloso Bar/Divulgação

**VELOSO BAR**

Os lugares deste bar são disputados, o que faz com que surjam filas para entrar e provar a coxinha, estrela do local. Individual ou em porção, chega à mesa quente, com casquinha crocante e recheio cremoso de frango e Catupiry. Garçons circulam pelo salão servindo chope geladíssimo, que divide espaço com a seleção de capirinhas, como a de tangerina com pimenta dedo-de-moça. **R. Conceição Veloso, 54**

GENUINO

Um dos bares mais disputados da Vila Mariana, acomoda os clientes em um quintal arborizado com teto retrátil. Chope Brahma e cervejas Colorado em garrafas de 600 ml fazem companhia para o bolinho de mandioca com costela. Quendinho, o escondidinho de carne-seca serve duas pessoas. **R. Joaquim Távora, 1.217; tel.: 5083-4040**

FORTUNATO BAR

Com decoração moderna, o bar oferece uma vasta carta de drinks, com opções como o Sage Bitter (rum, limão-siciliano, sálvia, bitter e açúcar). Para comer serve de petiscos, como os croquetes de pernil e a polenta frita, a pratos sofisticados, caso do espagete com camarões. **R. Joaquim Távora, 1.356; tel.: 4660-2966**

CARLOS PIZZARÀ

A pizzeria mais tradicional do bairro, inaugurada em 1983, conta com mais de 60 sabores no cardápio. Serve também massa de longa fermentação. Entre as coberturas, há a Napolitana, com molho de tomate, mussarela fior di latte, alho e orégano; e a Artesanal, com molho de tomate, mussarela fior di latte, linguiça e cebola-roxa. Para abrir o apetite, uma sugestão é o crostini com alecrim e sal. **R. Jorge Chammas, 364; tel.: 5579-7365**



Carlos Pizzarà/Divulgação

Barzani/Divulgação

BARXARÊU

Um dos pioneiros da agitada rua Joaquim Távora, o boteco de esquina tem mesas na calçada e futebol na TV. As bebidas são variadas e o cardápio possui muitas opções de cervejas servidas sempre geladas, além de uma grande variedade de petiscos e porções. Uma das especialidades é o de abóbora com carne-seca. **R. Joaquim Távora, 1.150; tel.: 5539-2444**



JM ICONE QUE VAI
TRANSFORMAR A
VILA MARIANA

EVOLVE

EM VILA MARIANA

148M² - 3 SUITES



97M² - 3 DORMS

(1 SUITE)

PROJETO ARQUITETÔNICO

PROJETO DE INTERIORES



EVOLVE VILA MARIANA

PROJETO DE INTERIORES



Gafisa

EVOLVE VILA MARIANA é um empreendimento de alto padrão, localizado no coração da Vila Mariana, em São Paulo. O projeto arquitetônico e de interiores foi desenvolvido por uma equipe especializada, garantindo qualidade e exclusividade para todos os moradores. O empreendimento oferece apartamentos com áreas completas, ambientes modernos e acabamentos de primeira linha. A localização é estratégica, proporcionando acesso fácil a comércio, lazer e transporte público. A Gafisa, líder em desenvolvimento imobiliário, garante a entrega de um projeto seguro e confiável.



Karl Malone, cão de Darshna Shah, 64, come raiz de ashwagandha, ou ginseng indiano, e casca de psílio moída no café da manhã

Ryan Young/The New York Times

Pets seguem dietas de seus donos e causam alerta em veterinários

Dietas à base de alimentos crus, sem glúten ou grãos, veganas ou vegetarianas são cada vez mais comuns

SAÚDE

Priya Kriahna

THE NEW YORK TIMES Karl Malone começa seu dia com um desjejum que inclui raiz de ashwagandha, ou ginseng indiano, e casca de psílio moída. Seu jantar sempre é temperado com cúrcuma moída, e ele não deixa de tomar suplementos para suas articulações. Ele faz duas caminhadas diárias em ritmo acelerado e evita comida de restaurante, já que seu médico recomendou que ele perca peso.

Karl Malone é um cachorro —um mestiço de pastor-australiano, de cor castanha e 11 anos de idade.

Darshna Shah, sua dona, acha que a saúde de seu companheiro melhorou muito graças a esse regime de bem-estar —um misto de conselhos de amigos, de seu veterinário e de boletins sobre pets, aliado a remédios nutricionais usados por sua família na infância.

Ex-executiva de seguradora que vive em Cerritos, no estado americano da Califórnia, Shah, 64, pensava no passado que, desde que seus pets tivessem casa e fossem bem alimentados, estariam bem. Mas o foco crescente sobre o conceito de bem-estar, especialmente entre pessoas mais jovens, a convenceu de que ela precisava fazer mais.

"A qualidade de vida deles depende da saúde", diz.

O número de pessoas que adotaram animais de estimação nos EUA subiu vertiginosamente durante a pandemia, chegando a 1 milhão em 2021, o mais alto em quase seis anos. E os donos de pets têm dedicado atenção e dinheiro ao que consomem seus cães, gatos, hamsters, pebânchos dourados e outros animais.

Para muitas pessoas, a solução está em customizar a dieta de seus pets para assemelhar-se a seus próprios hábitos alimentares. Há animais que seguem dietas crudivoristas, sem glúten, sem grãos, veganas ou vegetarianas.

Alguns deles consomem



Tigela de Moses, cão que segue dieta sem glúten de sua dona, Jennifer Donald

Jennifer Chase/The New York Times

quitutes ou bebidas condimentadas, como lattes com cúrcuma ou com CBD (cannabidiol). Outros não ficam sem um probiótico ou suplemento de vitamina C.

Alguns donos criam cardápios especiais para eles em casa, enquanto outros preferem escolher entre a gama cada vez maior que existe no mercado de produtos feitos sob medida para esses regimes.

Oscar, um cruzamento de terrier com chihuahua que vive no Brooklyn, em Nova York, é vegetariano, assim como sua dona, Roopa Kalyanaraman Marcello, 42. Especialista em política de saúde pública, ela alimenta seu cão com comida vegetariana comprada.

"Ele faz parte da família. Eu acharia estranho demais se um dos meus filhos começasse a comer carne", diz ela. No ano passado, Jennifer Donald, 52, começou a des-

confiar que a ração à base de trigo que dava a seu labrador, Moses, era responsável pelos problemas digestivos dele.

Jennifer tem doença celíaca e não come glúten. Recentemente ela adotou a mesma dieta para Moses, alimentando-o com salmão selvagem, batata-doce, ovos cozidos, óleo de coco e arroz.

"Isso tem me ajudado a ficar mais em sintonia com ele, além de estar me ajudando a controlar minha doença", diz ela, que leciona justiça criminal na Universidade de Maryland, nos Estados Unidos.

Não existem regras claras e simples sobre como alimentar um animal de estimação. A FDA (agência que regula alimentos e drogas nos EUA) emitiu alertas sobre certas dietas animais e regula a manufatura e rotulagem de rações para pets, mas dá orientações muito mais vagas em

relação aos ingredientes.

As opiniões de veterinários variam, e as pesquisas científicas sobre saúde de animais de estimação estão muito atrás dos estudos sobre humanos.

A internet está cheia de conselhos e desinformação. Cabe principalmente aos donos decidir em quem confiar.

O American Kennel Club, um cadastro central para cães, oferece materiais educativos e recomendações online sobre dieta, todos verificados e aprovados por seu diretor veterinário. Por isso mesmo a vice-presidente de comunicações da entidade, Brandi Hunter Munden, lamenta quando vê pessoas aderindo a dietas da moda que, segundo ela, podem trazer os mesmos riscos para pets que representam para humanos.

Munden afirma que essas dietas podem perpetuar generalizações sobre saúde, promover regimes que não são fundamentados por pesquisas e capitalizar em cima da ansiedade de pessoas que recelam não estar fazendo o suficiente por seus animais.

O mercado das chamadas "rações nutritivas para pets" —ou seja, produtos mais caros que alegam conter ingredientes de alto valor ou nutricionalmente enriquecidos— deve movimentar até US\$ 17,9 bilhões em 2026, segundo previsão divulgada no ano passado pela empresa de análises independentes Pet Insight.

O bem-estar de pets em geral já virou uma indústria ainda maior e deu lugar a todo um subgrupo de influenciadores e grupos do Facebook dedicados a aprimorar as dietas de animais do mestizado.

A medida que a taxa de natalidade humana vem caindo constantemente nos EUA, muitas pessoas começam a encarar seus bichos de estimação como se fossem seus filhos. "Dizer 'meu cachorro come tão bem quanto um humano' é uma forma de a pessoa se mostrar", avalia Sean MacDonald, 30, que é chef em Toronto, no Canadá.

Em sua conta no TikTok ele prepara refeições complexas para seu labrador com chocolate, Hazelnut, feitas principalmente de ingredientes crus.

O foco intenso sobre o que comem os pets também está ligado ao tempo maior que muitos donos passaram com seus bichos durante a pandemia —período no qual muitos começaram a prestar mais atenção à própria saúde.

Mas impor um novo estilo de vida a um ser querido pode ficar complicado quando esse ser não tem como se comunicar nem tomar decisões por conta própria. "Um cachorro come qualquer coisa que você coloca diante dele, mas

isso nem sempre é o melhor para ele", alerta Munden, do American Kennel Club.

Em 1999 a nutricionista de humanos e animais Kymthy Schultze, 63, publicou um livro sobre alimentação crudivorista para pets intitulado "The Ultimate Diet: Natural Nutrition for Dogs and Cats" (a dieta definitiva: nutrição natural para cães e gatos, em tradução livre). A premissa é semelhante à do regime paleo: as pessoas (e os pets) devem se alimentar como faziam na Idade da Pedra.

Muitos leitores acharam as recomendações dela radicais demais. Segundo Schultze, veterinários lhe disseram que pets só podem sobreviver à base de comida enlatada ou ensacada. "Como os cães e gatos sobreviveram por milhares e milhares de anos?", ela indagou. "A comida enlatada e enlatada não existe há tanto tempo assim."

O livro vendeu dezenas de milhares de cópias. E a alimentação crua para pets —que inclui vegetais, proteínas animais, ossos e outros ingredientes não cozidos— passou de hábito de uma minoria a modismo, apesar de ser desaconselhada por especialistas.

Nos últimos anos a FDA, os Centros para o Controle e Prevenção de Doenças (CDC), a Associação Americana de Me-

dicina Veterinária e a Associação Americana de Hospitais para Animais têm criticado a dieta crudivorista para animais de estimação, dizendo que é perigosa e citando o risco de alguns alimentos crus estarem contaminados por bactérias nocivas.

Mas o redator Wes Siler, de Bozeman, Montana, disse que a dieta delineada por Schultze transformou a saúde de seus cães, Wiley, Bowie e Teddy. Há quase quatro anos ele os alimenta com coxas de frango, fígado de galinha e salmão cru e diz que as irritações de pele que os cães tinham desapareceram completamente.

Siler, 41, acha que a ração é "um veneno para cachorros", comparando-a ao fast food dos humanos, que ele afirma não consumir há 15 anos.

O conceito de quem são vozes autorizadas a opinar no campo da saúde de pets vêm mudando. Schultze, a autora do livro sobre dieta crudivorista, afirma que os fabricantes de rações para pets exercem forte influência sobre veterinários por oferecerem a eles descontos sobre produtos e até serem donos de hospitais veterinários.

Quando seu veterinário não a apoiou na proposta de alimentar seu cão com comida crua, Kyla Kowalski, 21, passou a levar seu pet a uma veterinária holista que concordava com ela. Os veterinários holistas muitas vezes usam práticas como acupuntura e homeopatia, ao lado da medicina ocidental.

Halley Totes começou a acrescentar alimentos frescos como caldo de ossos, costelas de boi, vagens e queijo à alimentação de seus cachorros depois de ver um post no TikTok em que uma pessoa arrolava os ingredientes processados presentes nas rações para pets e de ler sobre dietas online. "Alguns veterinários desconfiam da alimentação crua, mesmo que seja feita em casa", afirma.

Os veterinários, por sua vez, ficam frustrados quando as pessoas acreditam mais em posts nas redes sociais que nos conselhos de profissionais.

"Os donos de pets confiam em nós para fazermos recomendações sobre a saúde de seus pets em coisas como como 'seu pet tem um tumor; precisamos extirpá-lo e fazer uma biópsia'. Mas quando fazemos recomendações sobre alimentação, a reação é outra", diz o veterinário Marcus Della Cruz, de San Luis Obispo.

Ele reconhece que recebe um desconto sobre rações para pets, mas alega que não recomenda a marca a todos os seus pacientes.

Segundo Della Cruz, há muita desinformação online sobre saúde de pets, e os animais estão sofrendo por isso. Carnes cruas podem conter bactérias resistentes a antibióticos, e podem faltar nutrientes essenciais nas refeições feitas em casa.

Dietas vegetarianas, segundo ele, não são apropriadas para a maioria dos gatos porque os felinos precisam de proteína animal, mas podem ser aceitáveis para cachorros.

Yishian Yao, 30, é gerente de uma empresa de cuidados animais em El Cerrito. Para ela, a cultura do bem-estar para pets pode ser classista, já que muitos donos não têm condições financeiras de comprar suplementos e comida fresca para seus animais, e também manipuladora. A mensagem que passa, segundo ela, é: "Se você não faz isso pela saúde de seu animal de estimação, você não é um bom pai".

Yao especula que a ideia popular de que animais de estimação são como membros da família pode na realidade ter sido prejudicial aos animais, "por avalar a comida deles pela ótica do valor humano".

"Não é que eu não pense que os pets devem ser tratados e cuidados como membros da família. O que acho errado é quando os tratamos como se fossem humanos."

Tradução Clara Allen

“Ele faz parte da família. Eu acharia estranho demais se um dos meus filhos começasse a comer carne

Roopa Kalyanaraman Marcello que só dá a seu cão comida vegetariana

“Não é que eu não pense que os pets devem ser tratados e cuidados como membros da família. O que acho errado é quando os tratamos como se fossem humanos

Yishian Yao gerente de uma empresa de cuidados a animais

folhamais



Ilustração do *Ubirajara jubatus*; fóssil do exótico animal levado ilegalmente da bacia do Araripe inspirou campanha por sua devolução ao Brasil nas redes sociais **Ilustração: Nicky/Prehistoria.com**

‘Paleopirataria’ domina os fósseis brasileiros

Quase 60% dos artigos sobre material achado na bacia do Araripe são assinados só por estrangeiros, indica pesquisa

CIÊNCIA

— Giuliana Miranda

LISBOA Um time internacional de pesquisadores acaba de quantificar parte do impacto do contrabando de fósseis brasileiros para o exterior. Quase 60% das publicações científicas sobre o material da bacia do Araripe —entre Ceará, Pernambuco e Piauí— são lideradas por autores estrangeiros não vinculados a instituições do Brasil.

Apesar da legislação brasileira proibir especificamente a saída do território nacional de fósseis usados como referência para a descrição de novas espécies (os chamados holótipos), 88% dos exemplares descritos por estrangeiros estão fora do Brasil.

As conclusões fazem parte de um artigo recém-publicado na revista especializada *Royal Society Open Science*, que analisou trabalhos acadêmicos publicados entre os anos de 1990 e 2021.

No artigo —que também investiga a situação de fósseis no México—, os cientistas indicam a presença recorrente de práticas colonialistas nas pesquisas paleontológicas, com países ricos se apropriando de material e de espécies coletadas em nações mais pobres, ignorando legislações nacionais de proteção do patrimônio e prejudican-

do o desenvolvimento da ciência desses locais.

Além de apresentar dados quantitativos sobre a “paleopirataria”, o novo trabalho detalha que instituições internacionais fazem vista grossa para o contrabando de fósseis e

lar de fósseis tanto no Brasil quanto no México.

A postura assertiva escolhida agora pelos pesquisadores brasileiros e mexicanos marca o aprofundamento da estratégia de expor publicamente os conflitos éticos e legais relacionados à exploração irregular do patrimônio fossilífero.

“Essas coisas não são novas, elas acontecem há décadas. Estamos saturados disso tudo, mas nós não conseguimos ser escutados pela comunidade científica internacional”, diz o paleontólogo Juan Cisneros, professor da Universidade Federal do Piauí e um dos autores do artigo.

Cisneros salienta que as poderosas instituições de pesquisa de países desenvolvidos, assim como seus cientistas, usam um vasto arsenal de retaliações para intimidar e silenciar paleontólogos brasileiros e de outros países latino-americanos.

“São pessoas poderosas. Nós sabemos o peso de com quem estamos lidando. Eu calculei muito os riscos e sei que posso vir a sofrer consequências acadêmicas, mas é algo que alguém precisa fazer. Temos de lutar também dentro do terreno acadêmico. Vamos levar o tema para dentro dos congressos, para dentro da discussão da ciência”, afirma.

Um dos principais temores dos pesquisadores é a possibilidade de restrição de acesso

nos fósseis do Araripe depositados em coleções do exterior. É comum que, para estudar as principais espécies da pré-história brasileira, os paleontólogos tenham de peregrinar por museus e universidades da Europa, do Japão e dos Estados Unidos.

Além da distância geográfica e dos altos custos associados ao câmbio desfavorável para os latino-americanos, os paleontólogos também ficam diretamente dependentes de autorizações concedidas por instituições estrangeiras.

No levantamento realizado pelos brasileiros, foram identificadas várias publicações em que pesquisadores estrangeiros detalham abertamente que os fósseis foram comprados por seus museus e instituições: algo terminantemente proibido pela legislação do Brasil.

“Isso me causou bastante desconforto. Admitir que um fóssil brasileiro foi comprado significa não ter o menor pudor, não ter nenhum medo de punição. É como se essa pessoa soubesse que pode ir a um país, saqueá-lo e ainda falar disso abertamente”, critica Cisneros.

Coautora do trabalho, a professora da UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte) Aline Ghilardi destaca que universidades e museus estrangeiros têm poucos incentivos para fiscalizar ques-

que grandes revistas científicas não exigem documentos que comprovem a origem lícita do material estudado.

Em alguns casos, os mesmos grupos de pesquisadores europeus são responsáveis pela exploração irregu-

ções éticas e legais dos fósseis.

“As instituições fazem vista grossa para a situação dos fósseis porque elas estão sendo beneficiadas. Elas conseguem mais artigos científicos em revistas de grande impacto e têm fósseis bonitos que atraem mais visitantes para museus. Ninguém quer perder o benefício. Se nós não chamarmos a atenção, nada vai mudar”, afirma a paleontóloga, que defende expor publicamente as entidades.

Uma das vozes mais ativas da ciência brasileira contra o tráfico internacional de fósseis, Ghilardi foi uma das organizadoras da campanha de repatriação do dinossauro *Ubirajara jubatus*, que a Alemanha se recusa a devolver.

A mobilização, que ultrapassou as redes sociais brasileiras e chegou à imprensa internacional e a congressos científicos no exterior, é considerada um divisor de águas para o posicionamento dos cientistas.

O fóssil do exótico animal, que viveu há cerca de 110 milhões de anos na região do Araripe, foi levado ilegalmente para a Europa, onde a espécie foi descrita em um trabalho sem a participação de nenhum nome brasileiro.

Imediatamente após a publicação do artigo, em dezembro de 2020, foi lançada uma campanha nas redes sociais.

Continua na pág. 3

“Admitir que um fóssil brasileiro foi comprado significa não ter o menor pudor, não ter nenhum medo de punição. É como se essa pessoa soubesse que pode ir a um país, saqueá-lo e ainda falar disso abertamente

Juan Cisneros
paleontólogo e um
dos autores do artigo

“As instituições fazem vista grossa para a situação dos fósseis porque elas estão sendo beneficiadas. Elas conseguem mais artigos científicos em revistas de grande impacto e têm fósseis bonitos que atraem mais visitantes para museus

Aline Ghilardi
coautora do trabalho
e professora da UFRN

Continuação da pág. 1
Com a hashtag #Ubirajara BelongstoBR (Ubirajara pertence ao Brasil, em inglês), pesquisadores pediram a devolução do fóssil. A polêmica se espalhou pela comunidade internacional e acabou levando a revista Cretaceous Research a cancelar a publicação do trabalho. O periódico também anunciou uma revisão em suas diretrizes, afirmando que não iria mais aceitar fósséis com suspeita de terem sido coletados e exportados ilegalmente de seus países de origem.

Apesar da pressão, o Museu de História Natural de Karlsruhe afirmou que não irá devolver o fóssil ao Brasil. Curador da instituição, o paleontólogo Eberhard "Dino" Frey é justamente um dos autores do artigo sobre o *Ubirajara jubatus*.

"Muita gente criticou no início, falando que protesto de hashtag não dava era nada, mas conseguimos juntar pessoas em vários lugares do mundo e ultrapassar as redes sociais. A discussão [sobre colonialismo na ciência] deixou de ser sussurrada nos corredores e nos intervalos para o café e passou a integrar o espaço principal nos congressos", exemplifica Ghilardi.

Uma das grandes conquistas da campanha foi a devolução voluntária ao Brasil da aranha pré-histórica *Cretapalpus vittari*. Batizado em homenagem a Pablo Vittar, esse e outros 35 fósséis foram amigavelmente devolvidos ao Brasil pela Universidade do Kansas, nos Estados Unidos, em outubro de 2021.

Embora note uma maior abertura ao tema por parte de paleontólogos estrangeiros, Ghilardi reconhece que ainda há um longo caminho a percorrer. Por isso, o grupo propõe uma série de medidas de boas práticas para instituições de pesquisa e revistas científicas.

Uma das principais sages-tões é a exigência de ampla prova documental de que o material teve origem legalizada em seu país, bem como a recusa de publicações cujos fósséis tenham procedência duvidosa.

Os autores também apelam que pesquisadores e entidades internacionais se engajem em parcerias construtivas com países que fornecem os fósséis, abandonando o modelo meramente exploratório.

Segundo o levantamento, a qualidade acadêmica dos artigos produzidos a partir de fósséis obtidos irregularmente também acaba comprometida, já que muitas vezes não são incluídas informações essenciais sobre o ambiente em que o material foi coletado.

A inclusão de atravessadores, contrabandistas e colecionadores particulares na equação incentiva ainda a adulteração deliberada dos fósséis para aumentar o valor de venda.

Por conta da elevada quantidade de artigos assinados por estrangeiros sobre o patrimônio do Arapeí, a equipe não incluiu na análise animais invertebrados e não holótipos.

"Nós mostramos só a ponta do iceberg. A dimensão do problema é seguramente muito maior", explica Juan Cisneros.

O objetivo do grupo é continuar explorando assuntos relacionados ao comércio irregular de fósséis.

Do lado brasileiro, também assinaram o artigo: Felipe Pinheiro, professor da Unipampa (Universidade Federal do Pampa), Marcos Sales, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Renan Bantim, da Universidade Regional do Cariri e Flaviana Lima, da Universidade Federal de Pernambuco.

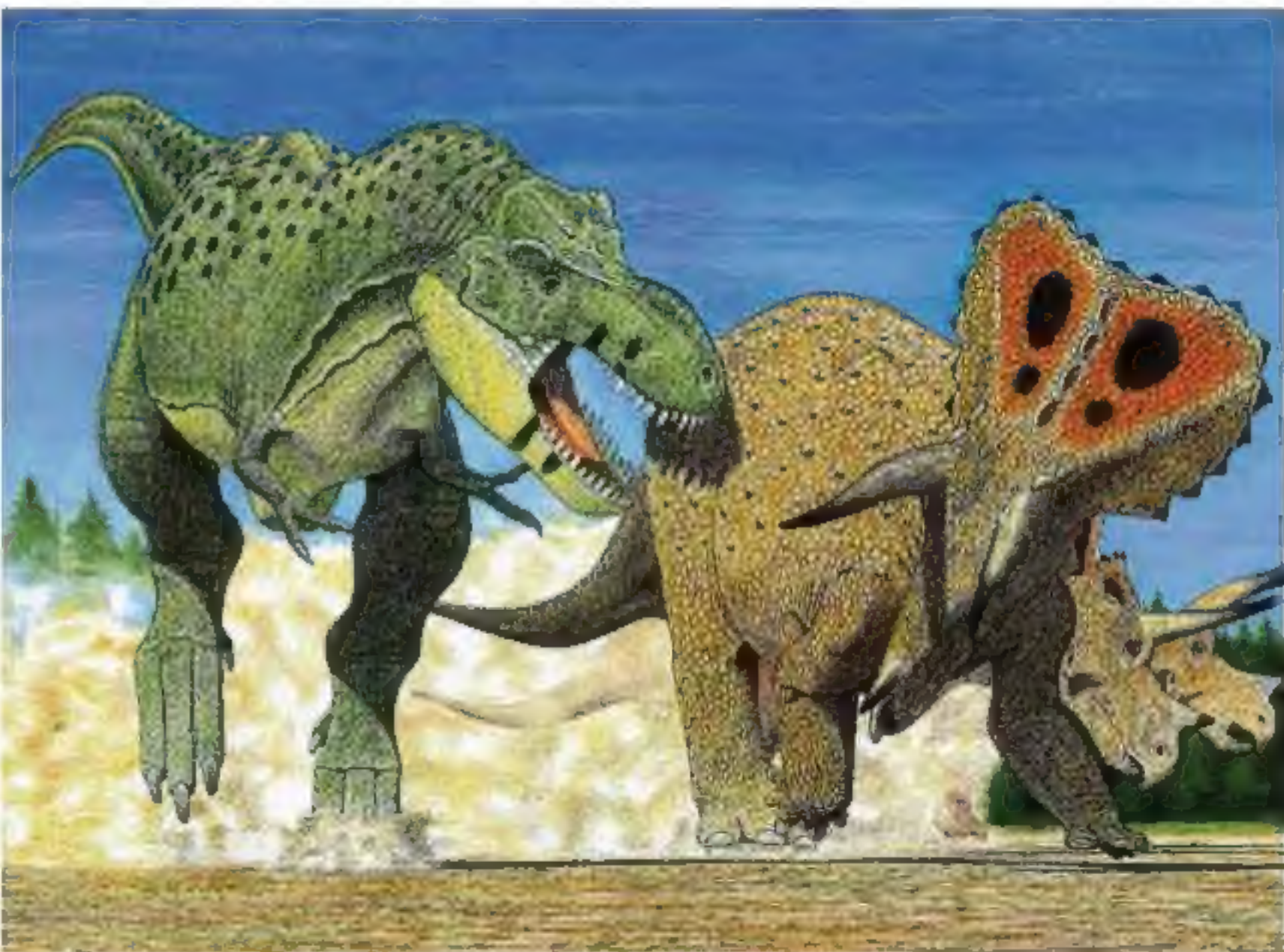


Ilustração de um *Tyrannosaurus rex* atacando um rebanho de *Triceratops*. Gregory S. Paul/Diversificação

Mais famoso dos dinossauros, tiranossauro rex pode ter sido três espécies diferentes

Reinaldo José Lopes

SÃO CARLOS (SP) O dinossauro mais famoso de todos os tempos provavelmente corresponde a pelo menos três espécies diferentes, que tinham distinções sutis entre si no que diz respeito à anatomia, à época em que viveram e talvez ao comportamento, afirma um novo estudo.

A hipótese, proposta por um trio de pesquisadores dos EUA, poderia desmembrar a classificação do célebre *Tyrannosaurus rex*, estabelecendo outras duas espécies: o *T. imperator* e o *T. regina*.

Não por acaso, todos os nomes científicos são variações de "rex", ou "rei", em latim —"regina" significa "rainha" e "imperator" é, claro, "imperador" na língua ancestral.

Análise que fundamenta a "tripla personalidade" dos tiranossauros acaba de sair na revista científica *Evolutionary Biology*. O estudo foi coordenado pelo pesquisador independente Gregory Paul e é assinado também por Scott Persons e Jay Van Raalte, da Faculdade de Charleston, na Carolina do Sul.

Com cerca de 12 metros de comprimento, o *Tyrannosaurus rex* viveu entre 68 milhões e 66 milhões de anos atrás numa ampla região do que passaria a ser a atual América do Norte. Tanto a distribuição geográfica vasta quanto a duração da existência do bicho abrem a possibilidade de que tenham ocorrido eventos de especiação, ou seja, formação de novas espécies de tiranossauros a partir de um

ancestral comum.

Paul e seus colegas analisaram essa possibilidade levando em conta a variação já conhecida dos fósséis de *T. rex*, uma das espécies de dinossauros mais bem estudadas e com esqueletos relativamente abundantes. Sahe-se, por exemplo, que existiam formas mais gráceis (ou seja, com ossatura relativamente mais leve) e outras mais robustas do animal. Além disso, existem variações na dentição.

Alguns bichos possuem apenas um dente chamado incisiforme (por analogia com os incisivos dos mamíferos) em cada lado da mandíbula, enquanto outros contam com dois incisiformes.

O objetivo dos cientistas era avaliar como essas diferenças se comparam com a variabi-

lidade de outros dinossauros, tanto em termos relativos (sendo maiores ou menores do que as diferenças que separam outras espécies) quanto ao longo do tempo.

Esse tipo de análise também ajudaria a estimar se a variabilidade dos *T. rex* poderia corresponder apenas a diferenças naturais entre indivíduos (como entre seres humanos altos e baixos, digamos) ou se poderia estar ligada ao dimorfismo sexual, ou seja, a distinções entre machos e fêmeas.

Gregory Paul e seus colegas trabalharam com 37 espécies classificadas como *T. rex*, dos quais foi possível analisar a robustez do fêmur (osso da coxa) de 24 animais. Desse, apenas 11 tinham tanto dentes quanto fêmures dispo-

veis para estudo. Uma das principais conclusões é que a variabilidade na robustez dos ossos chega a 30%, o que supera aquilo que se vê em dinossauros aparentados que são classificados juntos.

As formas mais antigas são mais robustas e tendem a apresentar dois incisiformes pequenos, enquanto as mais recentes incluem tanto animais robustos quanto gráceis com apenas um dente.

Isso levou os pesquisadores a propor que a forma robusta e mais antiga, com dois incisiformes, ganharia o nome de *T. imperator*, enquanto as mais recentes seriam o *T. rex* propriamente dito (também robusto) e o *T. regina* (mais grácil), ambas com um só incisiforme.

Haveria alguma diferença de hábitos entre o trio? Para Paul, uma possibilidade seria a diferença de presas, com os bichos mais robustos se especializando em atacar os poderosos herbívoros *Triceratops*.

"Parece que no fim do Cretáceo o *T. rex*, robusto, e o *T. regina*, mais grácil, estavam vivendo juntos. O segundo poderia ter evoluído para caçar os edmontossauros [herbívoros com bico semelhante ao de patos] —temos esqueletos deles com ferimentos na cauda que sugerem essa possibilidade", disse o pesquisador à Folha.

Para o paleontólogo Rafael Delcourt, especialista na evolução de grandes dinossauros carnívoros e pesquisador de pós-doutorado na USP de Ribeirão Preto, a nova pesquisa traz discussões interessantes, mas os dados apresentados ainda estão longe de serem suficientes para sacramentar a "tripartição" do *T. rex*.

"É preciso olhar esses espécimes com mais cuidado e ir além da robustez do fêmur e das diferenças de dentição."

"De qualquer modo, as análises são importantes por chamar a atenção para o nicho ecológico ocupado pelos tiranossauros, que pode ter variado tanto durante a sua história evolutiva quanto durante o próprio desenvolvimento dos indivíduos ao longo da vida, com animais mais jovens e menores capturando presas diferentes dos adultos", diz.

VIRADA PSICODÉLICA

Marcelo Leite

folha.com/blog/virada-psicodelica

Corrida do ouro psicodélico perde fôlego com queda dos investimentos

Em junho de 2021, a Atai Life Sciences levantou US\$ 235 milhões (R\$ 1,14 bilhão) em oferta pública inicial de ações, sucesso tido como indicador de excitação de investidores com o renascimento psicodélico na biomedicina. Um mercado mundial bilionário estava em formação para novos medicamentos psiquiátricos, e os primeiros a chegar se lotupletariam.

Multiplicaram-se os alvos terapêuticos para compostos como MDMA, psilocibina, DMT, 5-MeO-DMT e LSD: depressão, estresse pós-traumático, ansiedade, dependência química, anorexia, TOC, enxaqueca... Não faltavam ideias e capital de risco para apostar nelas.

Os bons resultados em pesquisas e testes clínicos de fase 2 e 3 continuam jorrando, mas o entusiasmo investidor arrefeceu. Ao longo de 2021, as ações de várias startups começaram a cair, sinal de que pode ter começado uma fase de consolidação, após proliferarem empresas e pedidos de patentes.

Há quem preveja o desaparecimento, em futuro próximo, de empreendimentos com valor de mercado inferior a US\$ 300 milhões. Com a queda das ações, só meia dúzia de firmas, como a própria Atai, Compass Pathways e MindMed estão acima disso.

Rick Doblin, da Associação Multidisciplinar para Estudos Psicodélicos (Maps), avalia que muitas deixarão a corrida por falta de dinheiro. Nem todos os resultados científicos serão promissores o bastante.

Propriedade intelectual, fulcro desse modelo de negócios, representa um obstáculo à vista. A Field Trip, por exemplo, viu ações despencarem de US\$ 8,29 (R\$ 42) a US\$ 1,81 (R\$ 9,17) a unidade em um ano. Seu valor de mercado encolheu para US\$ 109 milhões (R\$ 552 mi), e não por acaso ela esteve enfiada numa confusão com patentes.

A empresa solicitou patente de um tipo de triptamina (classe de droga que abarca a DMT da ayahuasca) por ela desenvolvido, FT-104. Antes da concessão prevista para a última terça (1º), veio à tona que outra companhia, Mindset, havia feito pedido similar, o que lhe daria prioridade, e a Field Trip retirou a demanda.

O pesadelo da FT se aprofundou com a iniciativa da agência americana de drogas, a DEA, de incluir cinco novas variantes de triptamina na lista de substâncias banidas, incluindo uma em que a FT-104 se transforma ao ser metabolizada no organismo.

Várias startups afetadas tentaram se unir para contestar a medida, mas a FT se recusou a juntar forças, defendendo à

DEA só a sua inovação. O pedido suspenso foi comemorado no meio como resultado do "carma" da Field Trip.

Outro caso rumoroso envolve um advogado do ramo de propriedade intelectual que conseguiu patentear o uso de DMT e 5-MeO-DMT em cápsulas vaporizadoras (cápsulas de "cigarros eletrônicos"). Evidente que não há invenção alguma ali, tanto porque essas substâncias já são usadas há tempos —ilegalmente, diga-se— quanto porque muitos o fazem com as "vape pens".

Compass Pathways é a empresa mais famosa a ter reputação abalada por causa de propriedade intelectual. Seu carro-chefe é a psilocibina de cogumelos "mágicos" para tratar depressão, há muito usada por povos tradicionais mexicanos e terapias alternativas.

A empresa já obteve várias patentes abrangentes cobrindo a "sua" psilocibina

[...]

Os bons resultados em pesquisas e testes clínicos de fase 2 e 3 continuam jorrando, mas o entusiasmo investidor arrefeceu

(COMP360) e aspectos corriqueiros de psicoterapias com base na substância. Em vias de iniciar um ensaio clínico de fase 3, ainda enfrenta resistência de defensores de conhecimento tradicional e de companhias ou instituições de pesquisa que investigam a droga como antidepressivo.

Empresário Bill Linton, da firma de biotecnologia Promega e fundador do Instituto Usona (concorrente da Compass na psilocibina para depressão), criou uma página, Porta Sophia, só para combater essas patentes que fazem pouco caso de inovações e conhecimento prévios.

Seu parceiro na empreitada é o advogado patentário David Casimir, entrevistado pelo boletim The Microdose. A base de dados do portal tem milhares de documentos para consulta de oficiais de patentes, ao decidir sobre pedidos concretos, e conta com curadoria de especialistas.

A Atai detém 21% da Compass, sendo um dos maiores investidores. Seu líder é Christian Angermayer, que se envolveu há um ano numa polêmica sobre patentes com o influenciador Tim Ferriss. Rick Doblin, da Maps, também pôs sua colher no angu da propriedade intelectual de psicodélicos.

Na medida em que a Atai e a Compass buscam lucro bloqueando os outros por meio de patentes sobre processos [de sínteses] ou processos terapêuticos que não inventaram, elas fracassarão e vão desperdiçar seu potencial pa-

ra ser uma força em favor de curas e de lucro", escreveu Doblin na época.

Em 16 de fevereiro passado, sua ONG Maps recebeu doação de US\$ 500 mil (R\$ 2,5 bilhão) da Atai Impact, braço filantrópico da Atai Life Sciences. O blog entrou em contato com Doblin para saber se o donativo era indício de alguma mudança nas respectivas posições a respeito de propriedade intelectual no setor.

"A doação não mudou minha visão e não reflete nenhum tipo de compromisso. A Atai reconhece que o progresso feito pela Maps beneficia todo o ecossistema psicodélico e que nosso trabalho pioneiro, ao lado de outras organizações, tem fins lucrativos como Hefifter, Buckley Foundation, Usona etc., construiu a fundação sobre a qual se criou a Atai", reagiu o diretor executivo da associação.

Doblin esclarece não ser por princípio contrário a patentes, especialmente no caso de novas moléculas ou de aplicações inéditas das já conhecidas. Tampouco considera que a doação da Atai sinalize mudança de posição:

"A patente da Compass sobre a variedade polimorfa de psilocibina [COMP360] tem sido crescentemente desafiada, mas não creio que a Atai vá pedir à Compass que abandone a patente, a não ser ou até que percam na Justiça. Sinto que a Atai e a Compass estão dolorosamente cientes do dano reputacional que estão sofrendo pela tentativa de patentear o polimorfo da psilocibina."

folhamais

Diretor de ‘Parasita’ prevê sucesso de filme japonês que é o azarão do Oscar

Sul-coreano Bong Joon Ho troca elogios com o cineasta Ryusuke Hamaguchi, de ‘Drive My Car’, drama sobre pesar e arte

ILUSTRADA

Kyle Buchanan

TRE NEW YORK TIMES Em janeiro de 2020, semanas antes de seu filme “Parasita” fazer história nos Oscar, o diretor Bong Joon Ho estava em Tóquio sendo entrevistado por uma revista. Num processo de divulgação do filme que já se alongara muito, Bong já tinha sido entrevistado para dezenas de perfis, mas este, pelo menos, tinha algo surpreendente: o entrevistador era Ryusuke Hamaguchi, ele próprio um cineasta em ascensão.

Para Bong, há dos filmes de Hamaguchi “Asako I & II” e “Happy Hour”, era uma oportunidade bem-vinda de saciar um pouco de sua própria curiosidade. “Eu tinha muitas perguntas que queria fazer a ele, mesmo porque eu já vinha fazendo a divulgação do meu filme havia meses e estava farto de falar dele”, recorda ele.

Mas Hamaguchi não se deixou deter. Ele era um homem com uma missão — “agradavelmente obstinado e persistente”, segundo Bong —, e cada vez que seu entrevistado, em tom de brincadeira, tentava inverter os papéis e fazer algumas perguntas ao diretor dele, Hamaguchi ficava mais sério e fazia questão que falassem só de “Parasita”.

“Mesmo sabendo que ele já estava cansado de falar de ‘Parasita’, eu queria realmente saber como ele fez um filme tão incrível”, contou Hamaguchi. “Sentí pena dele, mas queria lhe fazer perguntas mesmo assim!”

Agora, dois anos mais tarde, Bong finalmente pôde realizar seu desejo: Hamaguchi é o homem do momento, e Bong está mais que disposto a vir ao telefone para falar dele.

“Drive My Car”, de Hamaguchi, drama japonês de três horas de duração sobre pesar e arte, virou a aposta de Oscar mais improvável des-



Cena do filme ‘Parasita’, que levou o Oscar de melhor filme em 2020

“Parasita” abriu uma porta muito pesada que até então estava fechada. [...] Eu adoraria continuar a fazer perguntas sobre como ele cria filmes tão incríveis. Quero continuar perguntando até ele não aguentar mais

Ryusuke Hamaguchi diretor de ‘Drive My Car’, sobre o colega Bong Joon Ho

ta temporada, indicado para melhor filme e filme internacional, além de roteiro adaptado e direção.

São por acaso as mesmas coisas pelas quais “Parasita” foi premiado dois anos atrás, quando o thriller sul-coreano sobre luta de classes levou quatro estatuetas do Oscar para casa e tornou-se o primeiro filme não falado em inglês a ganhar na categoria de melhor filme.

“‘Parasita’ abriu uma porta muito pesada que até então estava fechada”, disse Hamaguchi. “Sem ‘Parasita’ e suas vitórias, duvido que nosso filme teria sido tão bem recebido.”

Descrito pela crítica do NYT Manohla Dargis como “uma obra-prima discreta”, “Drive My Car” acompanha Yusuke (Hidetoshi Nishijima), diretor de teatro ainda sob o efeito da morte de sua mulher, enquanto monta uma produção de “Tio Vânia” em Hiroshima.

A companhia teatral contrata uma motorista para ele, Misaki (Toko Miura), que o leva e traz do trabalho num Saab vermelho enquanto contém suas vastas reservas emotio-

nais próprias. Inicialmente Yusuke se ressentia da presença de Misaki, mas uma conexão acaba surgindo entre eles, e então uma confissão.

“Existem muitos diretores exímios em retratar personagens, mas há algo de peculiar e único em Hamaguchi”, disse Bong, por telefone, de Seul, na Coreia do Sul. “Ele é muito intenso na abordagem dos personagens, muito focado, e nunca apressa as coisas.”

E, embora essa abordagem não apressada possa resultar em um filme longo, Bong pensa que as três horas de duração de “Drive My Car” apenas enriquecem o impacto emocional do filme. “Eu diria que é como o som de um sino que ecoa por muito tempo.”

A trajetória de “Drive My Car” na temporada de premiações também vem se intensificando lentamente. Diferentemente de “Parasita”, lançado do Festival de Cannes como um projeto depois de conquistar a Palma de Ouro, o intimista “Drive My Car” (adaptado de um conto de Haruki Murakami) emergiu de Cannes no verão passado com um

Existem muitos diretores exímios em retratar personagens, mas há algo de peculiar e único em Hamaguchi. Ele é muito intenso na abordagem dos personagens, muito focado, e nunca apressa as coisas

Bong Joon Ho diretor de ‘Parasita’, sobre o colega Ryusuke Hamaguchi

trôfeu por seu roteiro e poucas especulações sobre possíveis indicações ao Oscar. Mas seu perfil entrou em ascensão constante depois de associações de críticos de Nova York e Los Angeles, nos Estados Unidos, darem seu prêmio de melhor filme a Hamaguchi.

Mesmo assim, a estrada que conduz aos Oscar está cheia de trabalhos favoritos da crítica que não conseguiram chegar até o destino. Quando perguntei a Hamaguchi por que “Drive My Car” lhe abriu as portas da Academia, o diretor não soube responder.

“Honestamente, não sei”, disse Hamaguchi. “Quero perguntar isso a você. Por que você acha que aconteceu?”

Sugeri que durante a pandemia, nos afeta ainda mais ver personagens que anseiam por criar uma conexão com outros, mas não conseguem. Mesmo quando os personagens de “Drive My Car” compartilham a mesma cama, o mesmo quarto ou o mesmo Saab, há um abismo entre eles que nem sempre pode ser atravessado.

Hamaguchi concordou. “Estamos fisicamente separados, mas conseguimos nos conectar online. É essa coisa de estarmos ligados e ao mesmo tempo não estarmos.”

Para ilustrar o que queria dizer, Hamaguchi contou que dez anos atrás, quando estava fazendo um documentário sobre as consequências do terremoto e tsunami em Fukushima, ele viajou pelo leste do Japão entrevistando sobreviventes do desastre. Quando entregou uma câmera a essas pessoas e lhes ofereceu sua confiança, pensamentos que estavam soterrados começaram a jorrar delas.

“Depois das entrevistas, eu transcrevi as palavras. Percebi que as que realmente mexeram comigo foram as palavras muito normais ou ordinárias. Eram coisas que essas pessoas talvez já tivessem pensado, mas que nunca haviam cogitado em verbalizar até aquele momento.”

A mesma coisa ocorre com os personagens de “Drive My Car”, cujas lutas internas só chegam ao nível de uma epifania quando eles encontram um confidente.

“É possível que quando os personagens dizem o que estão pensando, o público pense ‘será que eles realmente não tinham consciência disso?’ Mas a questão aqui é a trajetória que a pessoa faz para conseguir verbalizar isso. Para essa trajetória acontecer é preciso haver alguém presente para testemunhá-la”, disse Hamaguchi.

“A presença de alguém para ouvir tem importância tremenda”, completa.

E o próprio Hamaguchi bem que gostaria de ter alguém com quem conversar, mesmo que seja apenas para ajudá-lo a processar todas essas indicações ao Oscar. Depois de retornar do Festival de Cinema de Berlim, ele foi obrigado a fazer quarentena num hotel de Tóquio. “Não pude encontrar ninguém, de modo nada de comemorações”, ele disse.

Quando os candidatos às estatuetas foram anunciados, em 8 de fevereiro, Hamaguchi estava no avião a caminho de Berlim. Quando o avião pousou, horas mais tarde, ele ligou o celular e recebeu uma enxurrada de mensagens. Mesmo agora, quando conta a história, o diretor continua incrédulo.

Para ser franco, acho que tudo isso não vai parecer real para mim enquanto eu não estiver fisicamente na entrega dos prêmios. Por mais que as pessoas me deem os parabéns, é difícil acreditar, especialmente quando estou confinado num quatinho de hotel. Talvez quando eu estiver na cerimônia do Oscar e ver diretores como Spielberg ali, consiga sentir que é para valer.”

Bong não se espantou com as indicações dadas a Hamaguchi. “Eu sabia que ‘Drive My Car’ é um grande filme, e não achei surpreendente”, explicou. “E, como a academia recentemente vem mostrando mais interesse por filmes não falados em inglês, prevejo que o filme vai se sair bem.”

Sua própria cerimônia do Oscar foi um turbilhão, lembra Bong (“não acredito que já se passaram dois anos”), mas ele não quis dar conselhos a Hamaguchi sobre o que fazer na noite das premiações.

“Tenho certeza que ele se sairá bem. Ele é como uma pedra milenar, tem um centro muito forte.”

Em vez disso, Bong fez um pedido. Quando os dois se encontraram pela primeira vez, em Tóquio, e no ano passado durante o Festival de Cinema de Busan, na Coreia do Sul, não houve muito tempo para trocar ideias. “Por isso espero que este ano a gente possa se encontrar, ou em Seul ou em Tóquio, e fazer uma refeição deliciosa”, disse Bong.

Hamaguchi aceitou o convite na hora. “Fico realmente feliz de ouvir isso”, disse, mas avisou: “Eu adoraria continuar a fazer perguntas sobre como ele cria filmes tão incríveis. Quero continuar perguntando até ele não aguentar mais.”

Tradução Clara Albini



Hidetoshi Nishijima, que interpreta o diretor de teatro Yusuke, e Toko Miura, que dá vida à motorista Misaki em cena do filme ‘Drive My Car’, do cineasta Ryusuke Hamaguchi Fotos Divulgação